

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Silvia Regina Ferreira Negrisoló

**Manifestação de jovens talentos musicais em contexto de alta
vulnerabilidade social**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Silvia Regina Ferreira Negrisoló

**Manifestação de jovens talentos musicais em contexto de alta
vulnerabilidade social**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica sob orientação da Professora Doutora Ceneide Maria de Oliveira Cervený.

SÃO PAULO

2009

NEGRISOLO, Sílvia Regina Ferreira. **Manifestação de jovens talentos musicais em contexto de alta vulnerabilidade social**. 2009. 175f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

ERRATA

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
14	3	Quando manifestas	Quando manifestadas
14	3	no início dessa	no início desta
14	20	Recursos”	Recursos”.
15	19	Índice de Vulnerabilidade Social, da Fundação SEADE, com base no Censo Demográfico de (SÃO PAULO, 2000).	índice paulista de vulnerabilidade social – IPVS, com base no Censo Demográfico de 2000 (FUNDAÇÃO, 2004).
19	9	Considero	Consideramos
19	Citação	Formato 11	Formato 10
39	Última	(1986, P. 69)	(1986, p. 69)
43	16	Esse autor	Essa autora
47	2, após citação	desSa	dessa
48	5	a flexibilidade se refere	a flexibilidade que se refere
55	20	Ávila (1999, P. 18)	Ávila (1999, p. 18)
63	última	(2006, p. 23):.	(2006, p.23):
70	17	mapa regional de vulnerabilidade social do SEADE 2000	índice paulista de vulnerabilidade social – IPVS, com base no Censo Demográfico de 2000
72	10	mapa de vulnerabilidade social fornecido pelo SEADE 2000	índice paulista de vulnerabilidade social – IPVS, com base no Censo Demográfico de 2000
75 Quadro	8 da 2ª coluna	vice	você
93	última	auto-estima	autoestima
110	4 e 18	auto-estima	autoestima
117	17	auto-estima	autoestima
120	3	concluo	finalizo
163	13	auto-estima	autoestima
125	2 da 4ª referência	Senso	Censo

Banca Examinadora



Ao meu pai

Ao meu pai, que com sua presença firme e amorosa sempre soube me ensinar o verdadeiro sentido da vida, me protegeu, segurou minha mão e apontou o melhor caminho, a melhor direção. Esse é um dos seus grandes talentos.



Agradecimentos

Início o meu agradecimento a Deus, pela presença infinita de amor e luz em todos os momentos. Aos meus pais, que são a base da minha vida e me transmitem a força de seus espíritos indomáveis. Ao meu marido, Milton, pelo amor constante, compreensão e companheirismo durante esses anos de convivência. Aos meus filhos Vinicius e Fernanda, Sandra e Thiago por suas maravilhosas energias e incentivo. Aos familiares em geral, pela atenção, consideração e apoio, revelados através do amor e do respeito.

Agradeço à Prof^a Dra. Ceneide Maria de Oliveira Ceriveny, que de forma solícita e atenciosa não mediu esforços para me orientar e me acompanhar nesse processo de descobertas. À PUC e ao CNPq pelo apoio à pesquisa. Ao Projeto Suri que me acolheu de forma carinhosa em suas dependências e me permitiu a realização dessa pesquisa. Às famílias pesquisadas que tão gentilmente me possibilitaram conhecer suas maravilhosas histórias de vida. E a todos os amigos que me acompanharam e torceram para que eu pudesse chegar até aqui.



*Para atingirmos uma cultura mais rica...
devemos reconhecer toda a gama das potencialidades
humanas e, assim, tecer um tecido social menos
arbitrário, em que cada diferente dom humano possa
encontrar um lugar adequado.*

(Margaret Mead, Blackberry Winter)

NEGRISOLO, Silvia Regina Ferreira. **Manifestação de jovens talentos musicais em contexto de alta vulnerabilidade social**. 2009. 177f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

RESUMO

Os talentos pessoais, quando são desenvolvidos, trazem grande contribuição ao indivíduo. Eles incluem potencialidades para que as pessoas possam se adaptar às circunstâncias (não no sentido de aceitação ou resignação), mas para mudanças, também de autopercepção, de percepção do outro (incluindo pessoas, situações, contextos) e que leva a aumento da autoestima e consciência da própria força frente às situações desfavoráveis. O presente trabalho tem por objetivo compreender a contribuição do “Projeto Guri” para emergência de talentos musicais e para inclusão social de crianças e adolescentes em contexto de alta vulnerabilidade social e a participação da família nesse processo. Optou-se pela análise qualitativa, utilizando-se, como instrumento, o genograma e a entrevista semiestruturada aplicada em três famílias que têm filhos participantes do “Projeto Guri”. A entrevista também foi aplicada em três técnicos que exercem o papel de instrutores regentes no referido projeto, localizado em uma cidade do Vale do Paraíba. Como método de análise, foram utilizados alguns instrumentos da *Grounded Theory Methodology*: codificação aberta, categorização, codificação axial e codificação seletiva. Os resultados apontam para a importância do vínculo parental e da transmissão intergeracional de talentos, como fatores que contribuem para a promoção dos talentos nos filhos. Identificou-se também que a participação dos técnicos do Projeto Guri foi de suma importância nessa manifestação. Como consequência da manifestação de talentos, os pais percebem objetivos mais definidos nos filhos, quanto ao futuro, melhor convivência social e aumento da autoestima. Com o desenvolvimento da autonomia e fortalecimento de vínculos relacionais, elas são capazes de assegurar sua inclusão social.

Palavras-chave: Talentos. Inclusão social. Projeto social. Família

NEGRISOLO, Silvia Regina Ferreira. **Manifestation of young musical talents in the context of high social vulnerability**. 2009. 177s. After-graduation (Clinical psychology) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

ABSTRACT

The personal talents bring great contribution to the individual when they are developed. It includes capability to adapt to the circumstances (not in the sense of acceptance or resignation), but for changes, also of self-perceptions, others perceptions (including people, situations, contexts) and that leads to increased self-esteem and become aware of its own strength facing up to adverse situations. This study aims to understand the contribution of the “Projeto Guri” for emergence of musical talents and for social inclusion of children and adolescents in the context of high social vulnerability and the involvement of family in this process. There was opted the qualitative analysis using as tool, the genograma and the semi-structured interview applied in three families who have children participating in “Projeto Guri”. The interview was also applied in three technicians who play the part of Regents tutor in this project that is located in a city of Vale do Paraíba. As a method of analysis, were used some instruments of Grounded Theory Methodology: open coding, categorization, axial coding and selective coding. The results indicate the importance of parental attachment and intergenerational transmission of talent as factors contributing to the promotion of talent in children, as well as the participation of technical in the “Projeto Guri” was of great importance in this manifestation. As a result of the manifestation of talent, the parents feel more objectives defined in children, about the future, better social acquaintance and increasing self-esteem. They are able to ensure their social inclusion with the development of autonomy and strengthening of relational entail.

Keywords: Talents. Social Inclusion. Social Project. Family.

LISTA DE QUADROS

QUADRO DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Quadro 1.....	83
Quadro 2.....	84
Quadro 3.....	85
Quadro 4.....	86
Quadro 5.....	87
Quadro 6.....	88
Quadro 7.....	89
Quadro 8.....	90
Quadro 9.....	91
Quadro 10.....	92

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Genograma da Família “BEETHOVEN”.....	79
FIGURA 2: Genograma da Família “MOZART”	80
FIGURA 3: Genograma da Família “BACH”	81

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 2: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TEMA TALENTOS	
2.1 Talentos.....	19
2.1.1 Talentos musicais.....	23
CAPÍTULO 3: CONCEITO DE RESILIÊNCIA	
3.1 O que é resiliência.....	29
3.1.1 Noções de adversidade, trauma ou risco.....	30
3.1.2 Adaptação positiva ou superação da adversidade.....	31
3.1.3 Fatores protetores.....	32
3.2 Como promover resiliência.....	33
CAPÍTULO 4: A FAMÍLIA	
4.1 Conceituando família.....	36
4.1.1 Ciclo vital da família.....	40
4.1.2 Intergeracionalidade.....	41
4.2 Resiliência familiar.....	45
CAPÍTULO 5: PROJETOS SOCIAIS	
5.1 Considerações acerca de projetos sociais.....	54
5.2 Projeto sociocultural: Associação Amigos do Projeto Guri.....	57
CAPÍTULO 6: OBJETIVOS	
6.1 Objetivos da pesquisa.....	61
CAPÍTULO 7: MÉTODO	
7.1 Algumas considerações metodológicas.....	63
7.2 Delineamento: Estudo de caso.....	64
7.3 Instrumentos.....	66
7.3.1 Entrevista.....	66
7.3.2 Genograma.....	67

7.4 Participantes.....	67
7.5 Caracterização dos participantes.....	68
7.5.1 Famílias entrevistadas.....	69
7.5.1.1 Família Beethoven	69
7.5.1.2 Família Mozart	69
7.5.1.3 Família Bach	70
7.5.2 Técnicos do Projeto Guri.....	70
7.6 Área de realização da pesquisa.....	70
7.7 Questões éticas.....	71
7.8 Procedimentos.....	71
7.9 Análise dos dados.....	73

CAPÍTULO 8: RESULTADOS E DISCUSSÕES

8.1 Genograma.....	78
8.2 Considerações a cerca do quadro de análise das entrevistas.....	82
8.3 Considerações acerca das categorias, subcategorias e conceitos.....	93
8.3.1 Categoria	93
8.3.2 Subcategorias I, II e III	94
8.4 Contando a história.....	107
8.5 Discussão.....	110
8.5.1 “Elaborando a história” do discurso crítico	110

CONSIDERAÇÕES FINAIS A RESPEITO DA PESQUISA.....120

REFERÊNCIAS.....123

APÊNDICES

A - Roteiro de Entrevista para a Família.....	129
B - Roteiro de Entrevista para os Técnicos do “Projeto Guri”.....	130
C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	131
D – Transcrições das entrevistas.....	132

ANEXO

A - Protocolo do Comitê de Ética.....	175
--	-----

A light blue watercolor background featuring a musical staff with a treble clef and several notes. The staff is drawn in a darker blue color. The notes are simple ovals on stems. The overall aesthetic is soft and artistic.

CAPÍTULO 1
INTRODUÇÃO

*Os limites de minha linguagem denotam os
limites do meu mundo.*

(Ludwig Wittgenstein)

1 INTRODUÇÃO

*Sem trabalho pessoal, mas também sem ambiente e cultura
não surgem, via de regra, valores de elevado nível que possam
trazer ao mundo seu marco de talento e genialidade.*

(Helena Antipoff, 1973)

Enfrentar, de forma eficiente, os desafios e as dificuldades que a vida apresenta tem sido a meta de muitos. Ainda mais quando isso se dá por meio de reações flexíveis, criativas e com capacidade de recuperação, que são habilidades cada vez mais requisitadas em nossa sociedade. Começa-se a falar, com insistência, na necessidade de se desenvolver, nos sistemas educativos e de formação, atividades que provoquem experiências para tornar as pessoas mais preparadas a enfrentar as duras situações da vida moderna.

Questões como pobreza, desemprego e violência são algumas das questões que fazem parte dessa dura realidade em nosso país. O que fazer? Como fazer? Como contribuir para minimizar tais questões? Segundo Ávila (1999), questões tão complexas como essas estão sendo enfrentadas por meio de políticas públicas e afirma que algumas atividades podem ser mais eficazes, quando são executadas em parceria, em atitude mais colaborativa entre governo e sociedade.

A sociedade contemporânea pode ser designada como sociedade-rede, e se diferencia daquela que chamávamos de sociedade civil que legitimava o Estado. Hoje, os temas da vida privada invadem as arenas políticas, fazendo com que as comunidades participem mais das decisões. Elas trazem, para o cenário, suas experiências cotidianas (CASTELLS, 1998).

Muitos programas governamentais e não-governamentais estão sendo implementados no país para esse fim. Minha atenção, neste estudo, volta-se para os programas socioeducativos que promovem o protagonismo juvenil. Alguns desses programas investem

na cultura e beneficiam o desenvolvimento dos jovens, por meio de experiências que valorizam o seu potencial criativo e seus talentos pessoais. A criatividade e os talentos pessoais são algumas das habilidades citadas no início dessa introdução e, quando manifestas e desenvolvidas, trazem grande contribuição ao jovem e à sociedade. Alencar (1990) afirma sobre a preocupação que está existindo hoje, principalmente em países desenvolvidos, de expandir e aproveitar melhor o talento e o potencial presente em cada indivíduo, por conta de uma consciência crescente de que a solução para os problemas enfrentados exige muito esforço, talento e criatividade. É diante desse cenário, que apresento o foco central de minha dissertação: **a manifestação de jovens talentos musicais em contexto de alta vulnerabilidade social.**

Ferreira (2004, p.726) define talentos como sendo: “Aptidões naturais ou habilidades adquiridas que permitem ao indivíduo manifestar-se por gestos e jeitos, sons e voz, criando e recriando rituais que assumem uma identidade nas sociedades através dos tempos”.

Considero que talento inclui potencialidade para se adaptar às circunstâncias, não no sentido de aceitação ou resignação, mas no de mudanças, de autopercepção, de percepção do outro, incluindo pessoas, situações, contextos, e que leva ao aumento da autoestima e consciência da própria força frente às situações desfavoráveis. Essas são algumas habilidades que podem ser consideradas resilientes.

Resiliência é um tema de grande importância nos dias de hoje. Walsh (2005 p.4) a define como: “[...] capacidade de se renascer da adversidade fortalecido e com mais recursos” Essa definição nos mostra a importância de se desenvolver capacidades resilientes nos dias atuais. Desenvolver um talento é também promover o desenvolvimento de aspectos resilientes.

Ao optar pelo tema talentos, precisei escolher uma área específica dessa manifestação. Guenther (2006) afirma que os talentos podem se manifestar em áreas de atributos específicos

ou combinados. Escolhi a área dos talentos musicais. Essa opção foi pessoal porque a música sempre fez parte da minha história de vida, sempre foi muito valorizada pela minha família de origem e pela minha família nuclear. Todos os encontros familiares são celebrados ao som de muitas melodias. Acredito no efeito positivo que o ensino da música pode produzir nos jovens. Ela resgata a autoestima e propicia experiências que valorizam as pessoas como sujeitos coletivos. Tomo a liberdade de introduzir uma definição de música que sempre ouvi de meu pai e que reforça o meu conceito acerca dessa manifestação: “música é a arte de manifestar os diversos afetos da alma, mediante o som” (fala de João). Por meio da música, o jovem pode despertar talentos adormecidos. Para desenvolver tal habilidade é importante a participação dos pais acompanhando o desenvolvimento dos filhos, valorizando a educação musical como um fator que complementa toda a educação. Assim, a família tem um significado especial na expressão desse talento.

Para estudar essas questões, precisei encontrar um Projeto social que atendesse a expectativa. Por acessibilidade, fiz contato com o Projeto social “Associação amigos do Guri”, conhecido por “Projeto Guri” que é mantido pelo Governo do Estado de São Paulo. Esse projeto tem, por objetivo, a inclusão social promovida por meio do ensino coletivo da música. Um dos pólos desse Projeto está localizado em uma cidade do Vale do Paraíba, cuja população apresenta alto índice de vulnerabilidade social, segundo indicadores que compõem o Índice de Vulnerabilidade Social, da Fundação SEADE, com base no Censo Demográfico de (SÃO PAULO, 2000).

Após ter escolhido esse pólo do “Projeto Guri”, solicitei a autorização da direção da entidade para a realização da pesquisa. Em seguida, formulei os objetivos que me ajudariam no questionamento do presente estudo. O objetivo foi compreender, tanto a contribuição do “Projeto Guri” para emergência de talentos musicais e para inclusão social de crianças e

adolescentes em contexto de alta vulnerabilidade social, quanto a participação da família nesse processo.

Para atingir tais objetivos, foi utilizado o método de pesquisa qualitativa, com delineamento de Estudo de Caso. Três famílias e três técnicos participaram desse estudo.

Os participantes da pesquisa foram escolhidos, seguindo a orientação dos profissionais do projeto que conheciam as crianças e as suas respectivas famílias. O número de participantes foi determinado pelo critério de saturação teórica (GIL, 2002). A coleta de dados teve, como instrumento, a entrevista semiestruturada, aplicada em pais de crianças que frequentam o Projeto Guri, e realizada nas residências das famílias, para melhor observação do contexto. A entrevista também foi aplicada em três técnicos que exercem o papel de instrutores regentes da orquestra sinfônica do referido projeto e foi realizada no próprio local de trabalho. Outro instrumento utilizado nesta pesquisa foi o genograma aplicado às famílias, que possibilitou identificar as crenças, valores e padrões interacionais da família, incluindo as gerações passadas, metas, expectativas e projeções sobre o futuro.

Como método de análise, foram utilizados os instrumentos da *Grounded Theory Methodology*: codificação aberta, categorização, codificação axial e codificação seletiva. Para compreender teoricamente qual a contribuição da família e do Projeto social na emergência dos talentos musicais, optei pela Abordagem Sistêmica que considero importante para a análise dessas relações.

Este trabalho está organizado em oito capítulos. Nos cinco primeiros, apresento a introdução e a fundamentação teórica que adoto para a compreensão do fenômeno em foco.

No **capítulo 1** apresento esta introdução justificando a escolha do tema. No **capítulo 2** realizo um estudo acerca do tema Talentos que me possibilita uma melhor compreensão do assunto em estudo. No **capítulo 3**, amplio o conceito de resiliência, considerando que o desenvolvimento de um talento pode favorecer atitudes resilientes. No **capítulo 4**, abordo o

tema sobre a Família numa concepção Sistêmica, assim como a Resiliência no contexto familiar. Apresento, no **capítulo 5**, uma reflexão sobre Projetos Sociais. No **capítulo 6**, são apontados os objetivos que norteiam esta pesquisa. No **capítulo 7**, informo o método utilizado, que possibilitou a análise e a compreensão das informações coletadas. No **capítulo 8**, apresento o resultado codificado e colocado em forma de quadro seguido de uma história em que os dados se interligam; elaboro também a história do discurso crítico. Em seguida, apresento as **considerações finais** a respeito da pesquisa e as **Referências**, elencando os autores pesquisados.

Considerarei importante a realização desta pesquisa pelo caráter preventivo que esse tema sugere. Espero que o conhecimento construído aqui possa contribuir com a comunidade científica no que se refere à identificação de talentos, como um fator protetor que auxilia na promoção da resiliência em crianças e adolescentes, não só em sua inclusão social, mas também no reconhecimento de que o desenvolvimento de talentos é, ao mesmo tempo, um investimento social e uma responsabilidade coletiva.



CAPÍTULO 2

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TEMA TALENTOS

*Nas canções se refugiam as emoções da
história sem datas nem fatos.*

(García Lorca)

REVISÃO DA LITERATURA

O embasamento teórico desta pesquisa abordou quatro temas principais, relacionados entre si: Considerações acerca do tema talentos, o conceito de resiliência; a família numa perspectiva sistêmica e sua relação com a resiliência e as considerações sobre projetos sociais.

2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TEMA TALENTOS

2.1 Talentos

Segundo Ferreira (2004, p.763), talentos são “[...] aptidões naturais ou habilidades adquiridas que permitem ao indivíduo manifestar-se por gestos e jeitos, sons e voz, criando e recriando rituais que assumem uma identidade nas sociedades através dos tempos”. Considero talento como potencialidade para adaptar-se às circunstâncias (não no sentido de aceitação ou resignação), mas para mudanças, também de autopercepção, de percepção do outro (incluindo pessoas, situações, contextos) e que leva a aumento da autoestima e consciência da própria força frente às situações desfavoráveis.

Na Grécia antiga, talento (*tálanton*) era uma moeda e uma medida de peso (já que o valor do dinheiro era determinado pelo peso, e não pela unidade, porque as moedas eram irregulares). O sentido atual, de aptidão ou habilidade, só surgiu no século XV e foi extraído da Bíblia. Esse tema está citado na parábola dos talentos, escrito em Mateus, capítulo 25, versículos 14-30, transcrito abaixo para melhor compreensão:

Parábola dos Talentos

Porque isto é também como um homem que, partindo para fora da terra, chamou os seus servos, e entregou-lhes seus bens;

E a um deu cinco talentos, e a outro dois, e a outro um, a cada um segundo a sua capacidade, e ausentou-se logo para longe.

E tendo ele partido, o que recebera cinco talentos negociou com eles, e granjeou outros cinco talentos.

Da mesma sorte, o que recebera dois, granjeou outros dois.

Mas o que recebera um, foi e cavou na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor.

E muito tempo depois veio o senhor daqueles servos, e fez contas com eles.

Então se aproximou o que recebera cinco talentos, e trouxe-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos, eis aqui outros cinco talentos que granjeei com eles.

E o seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei, entra no gozo do teu senhor.

E, chegando também o que tinha recebido dois talentos, disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; eis que com eles granjeei outros dois talentos.

Disse-lhe o seu senhor: Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.

Mas, chegando também o que recebera um talento disse: Senhor, eu conhecia-te, que és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste;

E atemorizado, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu.

Respondendo, porém o seu senhor, disse-lhe: Mau e negligente servo, sabes que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei.

Devias então ter dado o meu dinheiro aos banqueiros, e, quando eu viesse, receberia o meu com os juros.

Tirai-lhe, pois o talento, e daí-o ao que tem os dez talentos.

Porque a qualquer que tiver será dado e terá em abundância, mas ao que não tiver até o que tem ser-lhe-á tirado.

Lançai, pois o servo inútil nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes.(Mt 25, 14-30).

A Parábola dos Talentos (dinheiro da Bíblia) nos faz pensar nas aptidões que as pessoas têm e que, se não forem desenvolvidas e ampliadas, ou seja, se ficarem enterradas como os talentos citados na Bíblia, elas ficarão perdidas e desvalorizadas. Os talentos precisam se desenvolver e se multiplicar para poderem favorecer.

Alencar (1990) aponta para a preocupação que está existindo hoje, principalmente em países desenvolvidos, de expandir e aproveitar melhor o talento e o potencial presente em cada indivíduo, por conta de uma consciência crescente de que a solução para os problemas enfrentados exige muito esforço, talento e criatividade.

Gardner (1993) ao estudar o campo da competência cognitiva humana considera talentos como um conjunto de capacidades ou habilidades mentais que se chama inteligência. Ele afirma que a inteligência implica a capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos

que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural. A capacidade de resolver problemas permite à pessoa abordar uma situação em que um objetivo deve ser atingido e localizar a rota adequada para esse objetivo. A criação de um produto cultural é crucial nessa função, na medida em que captura e transmite o conhecimento ou expressa as opiniões ou os sentimentos da pessoa. Gardner (1993) afirma que as pessoas podem desenvolver inteligência em várias áreas de atributos. Esse autor selecionou algumas áreas que considera universais na espécie humana, como: área musical, corporal-cinestésica, lógico-matemática, lingüística, espacial, interpessoal e intrapessoal. As pessoas podem possuir capacidades ligadas às várias áreas, cada uma dessas capacidades pode estar, em certa medida, combinadas; elas vão se diferir no grau de capacidade e na natureza de sua combinação. Ele dá exemplo de pessoas talentosas como o brilhante jogador de xadrez, o violinista e a atleta, afirmando que eles são talentosos em suas áreas, mas isso não implica que eles não tenham talentos em outras áreas também. Quando uma pessoa é treinada na habilidade “A”, por exemplo, esse treinamento pode se transferir para a habilidade “B”, o que pode significar que o treinamento em matemática pode aumentar as capacidades musicais de alguém ou vice-versa.

Como vimos o ponto importante da teoria de Gardner (1993) é a pluralidade da mente. Ele acredita que, não só as pessoas podem diferir nos perfis particulares de inteligência, com os quais nascem, mas também que elas diferem nos perfis com a qual morrem. Para Gardner (1993), inteligências como potenciais puros, biológicos só podem ser visto em pessoas que são, no sentido técnico, excêntricos e afirma que, em quase todas as pessoas, as inteligências funcionam juntas para resolver problemas, para produzir vários tipos de estados finais culturais, como ocupações, passatempos e assim por diante.

Gardner (1993) acredita ainda na oportunidade que as pessoas teriam se fossem ajudadas a desenvolver suas competências e afirma que alguns talentos só se desenvolvem

porque são valorizados pelo ambiente. O autor afirma que cada cultura valoriza certos talentos, que devem ser dominados por uma quantidade de indivíduos e, depois, passados para a geração seguinte. Sua sugestão é para que as escolas trabalhem com esse objetivo, por meio de uma visão mais centrada na pessoa. O planejamento dessa escola ideal deveria se basear em duas suposições. A primeira delas é a de que nem todas as pessoas têm os mesmos interesses e habilidades; nem todos aprendem da mesma maneira. E a segunda suposição é que atualmente, ninguém pode aprender tudo o que há para ser aprendido e em consequência a escolha é inevitável. Gardner (1993) acha que deveria haver “agentes da escola-comunidade” que adequariam os alunos a oportunidades de aprendizagem na comunidade mais ampla. Esse autor se preocupava com crianças que não se destacavam na escola e eram consideradas como não tendo nenhum talento. Para Gardner, o agente da escola-comunitária poderia identificar essas crianças bem como uma colocação na comunidade para elas, de forma que tivessem uma chance de brilhar.

Atualmente observamos, nas comunidades, o surgimento de muitos programas e projetos sociais que se aproximam desse ideal. São projetos com atenção específica às crianças e jovens e que oferecem atividades relacionadas a produções culturais e artísticas, no âmbito comunitário. Esses projetos buscam levar mensagens de cidadania e despertar as potencialidades e talentos no público participante.

[...] muitas dessas experiências investem no resgate da autoestima, incentivando principalmente os jovens para que se sintam sujeitos coletivos, que se queiram como pessoa, que sejam admirados entre amigos e comunidades não por inspirar medo, pelo poder de uma arma, mas pelo poder de produzirem artes, de serem um empreendedor, um produtor e consumidor do belo (CASTRO et al, 2001, p. 518-519).

Conforme afirmou Gardner (1993), as pessoas podem desenvolver talentos com uma única característica ou podem existir combinações de talentos. Guenther (2006) afirma que, alguns talentos específicos, como para música, matemática, futebol são mais fáceis de se

reconhecer pelo visível envolvimento da pessoa com a atividade de expressão diferenciada.

Guenther (2006, p.25) apresenta um exemplo de talentos específico para a música.

Eugênio, uma criança pobre de 11 anos, aprendeu a tocar piano com um grupo religioso ao qual havia se afiliado com esse propósito, e conseguiu permissão da diretora para praticar aos sábados, durante a limpeza da escola. Um dia a servente esqueceu-se dele e foi para casa, só se lembrando muito depois do almoço. Voltou correndo à escola, aflita, mas encontrou o garoto placidamente ao piano, de onde apenas moveu a cabeça e perguntou distraído: Já está na hora?

2.1.1 Talentos musicais

Ferreira (1999, p. 957) define talentos musicais como a

[...] habilidade para apreciar, compor ou reproduzir uma peça musical. Inclui discriminação de sons, habilidade para perceber temas musicais, sensibilidade para ritmos, texturas e timbre, e habilidade para produzir e/ou reproduzir música.

A criança pequena com habilidade musical especial percebe, desde cedo, diferentes sons no seu ambiente e, freqüentemente, canta para si mesma.

Andrade (2003, p.120) cita uma frase de Beethoven que diz: “quem uma vez compreendeu minha música, será livre da miséria em que os outros se arrastam”. Beethoven em sua genialidade compreendia os efeitos que sua música produzia nas pessoas. Ele é um exemplo de talentos manifestados na área musical.

Historicamente a música acompanha o homem desde os primórdios da humanidade. Becker (1985) afirma que o homem primitivo, antes mesmo de falar, emitia sons guturais que lhe permitiam estabelecer contatos com o semelhante. Eram sons espontâneos, emitidos sem a preocupação de expressar padrões estéticos e harmoniosos. Os nossos ancestrais conheciam os ruídos dos pássaros, os sons dos animais e distinguiam seus próprios gritos. A música e a dança eram utilizadas pelos povos antigos para manifestar as preocupações com a fertilidade, a subsistência e os fenômenos da natureza. Ritmos e sons, desordenados a princípio, foram aos poucos se agrupando de forma harmoniosa.

Andrade (2003) afirma que os elementos formais da música, o som e o ritmo, são tão antigos, quanto o homem. Este o possui em si mesmo, porque os movimentos do coração, o ato de respirar já são elementos rítmicos, o passo já organiza um ritmo, as mãos percutindo já podem determinar todos os elementos do ritmo. E a voz produz o som. Os dois elementos constitutivos da música são encontráveis em todos os povos primitivos.

A música faz parte da evolução humana. Andrade (2003) afirma que, no séc. XVIII, época correspondente ao período clássico da música, houve a manifestação da Música Pura, ou seja, a música que não tem outra significação mais do que ser música; que comove em alegria ou tristeza pela beleza das formas, dos elementos sonoros, pela força dinamogênica, pela perfeição da técnica e equilíbrio do todo. Mozart, Bach, Beethoven são exemplos de talentos que se manifestaram nessa época. Para Andrade (2003, p. 118), “[...] não são os homens daquele século mais geniais que os dos outros séculos. A música é que se tornou mais perfeita e obrigava os compositores a uma maior perfeição.”

No Brasil Colônia, padres e colonizadores acreditavam que o canto canalizava a energia dos escravos, contribuindo para manter sob controle a exploração dos instintos e para garantir a vigilância. Nas sociedades modernas, música e dança fazem parte da organização social, incluídas na organização do lazer (ANDRADE, 2003).

A música é uma das mais completas formas de expressão humana. Quando falamos de música falamos de vibração, de som, de vida. Ferreira (2005) afirma que nós estamos inseridos numa estrutura musical que faz parte de uma grande organização de vibrações chamada natureza.

A criança, antes mesmo de nascer, revela sensibilidade musical. Becker (1983) relata que estudos realizados em famílias de grandes músicos demonstram que os bebês, ainda no útero materno, gravam as melodias que são executadas no ambiente e reagem a elas ao ouvi-

las após o nascimento. Os sons fortes, com ritmo acelerado, deixam o feto agitado, enquanto a música suave o tranqüiliza, levando a diminuição do ritmo cardíaco.

Segundo Winnicott (1983), o bebê, ainda em condição anterior ao nascimento, na vida intrauterina, habitua-se a sentir a respiração da mãe, os seus movimentos abdominais, os ruídos do seu corpo. Essas experiências de contato com as funções fisiológicas da mãe dão início à sua comunicação com ela, ao registro corpóreo, além de favorecer a constituição do tempo e ritmo ainda primitivo, subjetivo, pré-cronológico. O ritmo está em tudo que possui fluência. Ele se manifesta em todos os fenômenos da natureza. Todo ser tem seu ritmo próprio, cujas características se refletem em seus gestos e em suas ações. Respirar, andar, falar, mastigar, gesticular são atividades que obedecem a um ritmo individual. O ritmo é fator de formação e equilíbrio do sistema nervoso; oportuniza a expressão íntima, a criatividade; facilita a comunicação e o movimento, e, na palavra, se torna reflexo da saúde física e mental da criança. O menor movimento adaptado a um ritmo é o resultado de um conjunto completo de atividades coordenadas. Põe em vibração todo o sistema nervoso: o aparelho sensorial conduz ao cérebro o estímulo inicial, o cérebro elabora a mensagem e a torna consciente. Ele grava na memória e transmite aos músculos a ordem pela qual o movimento se realiza no espaço.

A criança, em seu primeiro ano, produz vários sons pelo movimento não-dirigido e incontrolado dos maxilares (lábios, língua e cordas vocais). A mãe, caso esteja devidamente conectada ao seu bebê, pode ser considerada a primeira grande incentivadora dos talentos musicais e criativos de seu filho. Conforme afirma Winnicott (1983), o bebê conta, como seu, com a tendência inata à criatividade originária. Mas o bebê não pode ir criando o mundo no vazio, apenas com seus próprios recursos; é preciso que haja uma provisão suficientemente boa de cuidados para que ele possa realizar o seu potencial criativo. A criatividade e a potencialidade são finitas e, para permanecerem viva, precisam ser exercidas. “Cada ser

humano cria o mundo de novo e começa o seu trabalho no mínimo tão cedo quanto o momento do seu nascimento” (WINNICOTT, 1983, p. 341).

Se a criança é cuidada e respeitada dentro desse modelo de relação, suas potencialidades vão se despontando. Cantando boas músicas, ajudando a criança a se movimentar e, a saber, que tem ritmo dentro dela, a mãe juntamente com o ambiente familiar e social vão preparando o ouvido de seu filho e o trabalho rítmico é importante para a sua coordenação motora e seus talentos musicais. Esse talento então é manifestado por meio da habilidade para apreciar, compor ou reproduzir uma peça musical.

Becker (1985, p.12) define música como “[...] a arte de combinar os sons e por meio deles se expressar”. Os sons são representados por meio de símbolos chamados notas. As notas se dividem em sete nomes: Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si. Essa série de notas pode-se reproduzir em várias alturas, tanto na ordem ascendente como descendente.

Os elementos fundamentais da música são: melodia, harmonia e ritmo. Segundo Andrade (2003), melodia é o conjunto de sons que se sucedem e estão intimamente ligados ao ritmo. Ritmo é o valor das notas e harmonia é o relacionamento que ocorre entre elas.

A música atual busca maior originalidade dentro das grandes possibilidades do patrimônio musical do povo, dando-lhe um significado característico, vivido na realidade objetiva dos grupos diferenciados.

Não devemos esquecer que a música é, além da arte de combinar sons, uma forma de expressão e interação com o outro. A criança que desenvolve um talento musical entra em contato com suas potencialidades. Conforme afirma Sekeff (2007), por meio do canto, ela exercita sua memória, trabalha sua respiração. A atividade musical em grupo favorece a criança expressar-se sem temor, além de desenvolver-lhe a consciência da própria responsabilidade, levando-a a cumprir a tarefa, certa de que ela é tão importante quanto às demais.

Para desenvolver tal habilidade é importante a participação dos pais acompanhando o desenvolvimento dos filhos, valorizando a educação musical como um fator que complementa toda a educação.

Como foi visto na introdução desse trabalho, ajudar pessoas a descobrir suas capacidades e talentos, aceitá-las e confirmá-las, é, em boa medida, uma das maneiras de torná-las mais confiantes e resilientes. No próximo capítulo ampliamos o conceito de resiliência, considerando que o desenvolvimento de um talento pode favorecer atitudes resilientes.



CAPÍTULO 3

CONCEITO DE RESILIÊNCIA

*Do rio que tudo arrasta se diz violento,
mas não se dizem violentas, as margens que o
oprimem.*

(Bertold Brecht)

3 CONCEITO DE RESILIÊNCIA

3.1 O que é resiliência

Buscando atender às demandas da vida moderna, o homem tenta se adaptar e se organizar para vencer os desafios e dificuldades que a vida cotidiana lhe apresenta. Muitas pesquisas estão sendo realizadas para auxiliar o homem a vencer tais desafios. A ênfase dessas reflexões está na importância de se promover o potencial de todos, em vez de destacar somente os processos danosos. Nesse contexto, o conceito de resiliência tem especial destaque.

O que é resiliência?

Segundo Walsh (2005, p.4), resiliência pode ser definida como a “[...] capacidade de se renascer da adversidade fortalecido e com mais recursos. É um processo ativo de resistência, reestruturação e crescimento em resposta à crise e ao desafio”. Esse conceito, ainda recente em Psicologia, tem evoluído ao longo dos anos.

Anthony e Cohler (1987 apud SOUZA, 2003) afirmam que a resiliência era considerada um traço ou um conjunto de traços de personalidade que eram herdados biologicamente, o que tornava invulnerável a pessoa que a possuía. Esses traços individuais incluíam o temperamento fácil, nível mais alto de inteligência, nível mais alto de autoestima e um senso realístico de esperança e controle pessoal. Esta visão era limitada, pois restringia as qualidades à herança genética. Os pesquisadores então ampliaram o conceito, admitindo a influência dos fatores ambientais sobre as características psicológicas inatas.

Luthar et al. (2000 apud MELILLO; OJEDA, 2005, p.26) definem resiliência como “um processo dinâmico que tem como resultado a adaptação positiva em contextos de grande adversidade”. Esses autores distinguem três fatores essenciais que devem estar presentes no

conceito de resiliência: a noção de adversidade, trauma, risco ou ameaça ao desenvolvimento humano; a adaptação positiva ou superação da adversidade e os fatores protetores.

3.1.1 Noções de adversidade, trauma ou risco

Ferreira (2004, p.97) define adversidade como “[...] qualidade de adverso, contrário, desfavorável”. Ela se relaciona a toda sorte de eventos negativos da vida e que, quando presentes, podem expor a pessoa a problemas físicos, sociais ou emocionais. Yunes e Szymanski (2001) dão alguns exemplos do que vem sendo tomado como experiências estressoras, desfavoráveis no desenvolvimento de crianças: divórcio dos pais, perdas de entes queridos, violência intrafamiliar, pobreza, catástrofes, guerras e outras formas de trauma. No entanto, esses fatores podem não se constituir em risco, o que dependerá do comportamento que se tem em mente e dos mecanismos pelos quais os processos de risco operam seus efeitos negativos.

Yunes e Szymanski (2001, p.25) apontam para a impossibilidade de:

[...] se fazer inferências do tipo causa-efeito, com um raciocínio linear, quando se trata de riscos psicológicos. É preciso identificar que processos ou mecanismos influenciaram o que liga risco à consequência em um determinado ponto da história do indivíduo.

Cowan e Schulz (1996 apud YUNES; SZYMANSKI, 2001) afirmam que a ênfase dos estudos contemporâneos sobre risco está no movimento dos fatos e não em fatos estáticos. Isto demonstra que os riscos psicológicos são flutuantes na história dos indivíduos, eles podem ser alterados de acordo com as circunstâncias de vida e podem apresentar diferentes repercussões, dependendo de cada um. Rutter (1996, apud YUNES; SZYMANSKI, 2001, p. 25) traz um exemplo para esclarecer sobre tais processos.

A situação de perda de um dos pais para uma criança, a perda do pai ou mãe isoladamente pode não constituir em risco por si só; mas devem ser levadas em conta as condições precedentes (a vivência da situação de doença, por exemplo) e as consequências dessa perda no contexto familiar da criança (o luto dos sobreviventes

e os efeitos no relacionamento com a criança). Portanto, neste exemplo, a perda do familiar será o evento-chave e constituirá apenas o indicador de uma situação de risco, mas os mecanismos de risco envolvem uma rede complexa de acontecimentos anteriores e posteriores ao evento-chave.

Focar isoladamente um evento de vida e atribuir-lhe a condição de adversidade, tanto no caso de um indivíduo como de um grupo, não parece a melhor maneira de se abordar a questão. Não é possível investigar resistência ao estresse e adversidade ou resiliência, sem antes verificar a presença de experiências que apresentam riscos crescentes ao desenvolvimento.

Resiliência tem uma conotação positiva, enquanto a palavra risco vem associada a um estigma negativo da própria categoria. A resiliência não está no fato de se evitar experiências de risco e apresentar características saudáveis ou ter boas experiências, mas na capacidade de se curarem de feridas dolorosas, assumirem suas vidas e seguirem em frente. Alguns sobreviventes de situações traumáticas não são necessariamente dotados de resiliência porque alguns ficam presos numa posição de vítima, alimentando seus sofrimentos e impedidos de crescer pela raiva e pela culpa (YUNES; SZYMANSKI, 2001). Para Fonagy et al. (1994, apud SOUZA, 2003), os riscos podem ser amortecidos na presença dos fatores de proteção.

3.1.2 Adaptação positiva ou superação da adversidade

Ao considerar a resiliência como processo, não basta mencionar as fontes de adversidade ou risco, mas é necessário especificar como elas interatuam e se relacionam com o que se define como risco e como adaptação positiva. Segundo Simon (1989, apud SOUZA, 2003, p.78):

A adaptação é o resultado da interação entre o sujeito e o ambiente, alcançando um grau de equilíbrio que permite a manutenção da vida. É desejável que a adaptação seja eficaz, e a prevenção tem essa meta. Mas muitas vezes só é possível ao sujeito encontrar uma configuração adaptativa não-eficaz severa. Querer subtrair-lhe essa forma de adaptação significa privá-lo da única via de equilíbrio que o mantém vivo.

É preciso ponderar seriamente antes de interferir no equilíbrio da pessoa. Acima do princípio da melhoria da adaptação situa-se o princípio da preservação da vida.

De acordo com as idéias acima, qualquer comportamento do ser humano decorre da busca pela adaptação, mesmo os tipos de adaptação não-desejáveis, são uma estratégia para a sobrevivência, ou seja, as pessoas adaptam-se da maneira como lhes é possível.

Adaptar-se de forma positiva significa um padrão de adaptação efetiva no ambiente. Os recursos presentes no ambiente e/ou desenvolvidos no indivíduo podem facilitar essa adaptação. Esses recursos passam a operar para garantir e sustentar o desenvolvimento. Pode-se considerá-los como fatores protetores do indivíduo.

3.1.3 Fatores protetores

Rutter (1985, apud YUNES; SZYMANSKI, 2001, p.37) define fatores de proteção como “[...] influências que modificam, melhoram ou alteram respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação”. Eles podem operar em diferentes pontos do desenvolvimento e em diferentes contextos.

Werner e Smith (1989, apud YUNES; SZYMANSKI, 2001, p. 40) apontam para três tipos de fatores de proteção:

Atributos disposicionais do indivíduo, tais como o nível de atividades e sociabilidade, possuir inteligência de nível média, competência em comunicação (linguagem e leitura) e lócus interno de controle;

Laços afetivos dentro da família que oferecem suporte emocional em momentos de estresse, seja por um dos pais, irmãos, esposo(a) ou companheiro;

Sistema de suporte social seja na escola, no trabalho, na igreja, que propiciam competência e determinação individual e um sistema de crenças para a vida.

Um vínculo positivo é extremamente saudável para a criança, como afirma Bowlby (2002) em sua teoria do Apego. Nessa teoria, ele explica sobre o relacionamento da criança

com os pais ou cuidadores. A criança, segundo esse autor, desenvolve expectativas relacionadas a si mesmo e aos seus cuidadores, organizando seus relacionamentos com outras pessoas. O apego seguro, então, é parte do processo em que a resiliência é observada.

Werner e Smith (1989, apud YUNES; SZYMANSKI, 2001), ao apontarem os três tipos de fatores de proteção, incluíram os sistemas de suporte social. Esses sistemas, considerados redes de apoio, são fundamentais para a manutenção e para o incremento da qualidade de vida das pessoas. Sluzki (1997) afirma que a rede é formada por pessoas significativas. Nesses sistemas, nós incluímos os projetos sociais que são empreendimentos planejados com objetivos específicos que vão ao encontro das demandas e necessidades da comunidade. Tais projetos, muitas vezes, ocupam espaço importante na vida de pessoas e sociedade. Ao estudar os talentos, encontramos projetos para crianças e jovens que buscam o desenvolvimento social, a partir do incremento da autonomia e do protagonismo juvenil, o que aumenta a possibilidade de formar pessoas com capacidades mais resilientes.

3.2 Como promover resiliência

O modelo criado por Grotberg (1995, apud GRÜNSPUN, 2004) – pioneira da noção dinâmica de resiliência – diz que os atributos considerados como fontes de resiliência resultam da interação de fatores advindos de três diferentes níveis: suporte social (eu tenho); habilidades (eu posso) e força interna (eu sou e eu estou). Esses fatores podem estar relacionados aos fatores de proteção apontados em Werner e Smith (1989, apud YUNES; SZYMANSKI, 2001), no tópico anterior desse capítulo.

Os fatores apontados por Grotberg (1995 apud GRÜNSPUN, 2004, p. 2) são:

EU TENHO

Pessoas ao meu redor em quem confio.

Pessoas que não me deixam me perder.

Pessoas que sabem me mostrar o certo.

Pessoas que me ensinam a fazer coisas por mim mesmo e vigiam o resultado.
Pessoas que me ajudam quando fico doente ou em perigo.

EU SOU

Uma pessoa que pode ser amada, querida, gostada por outros.
Uma pessoa capaz de fazer bem aos outros.
Uma pessoa respeitada por outros e por mim mesmo.
Uma pessoa responsável pelo que faço.
Uma pessoa confiante que as coisas vão dar certo.

EU ESTOU

Seguro de que tudo sairá bem.
Rodeado de companheiros e colegas que me apreciam.
Disposto a me responsabilizar por meus atos.
Triste, reconheço e mostro, mas com a segurança de encontrar apoio.

EU POSSO

Contar para os outros sobre coisas que me assustam.
Encontrar caminhos para resolver problemas que eu enfrente.
Controlar-me ao fazer errado ou perigoso.
Encontrar alguém que possa me ajudar quando preciso.
Encontrar o momento certo de falar ou agir.
Fazer travessuras e não perder o afeto de meus pais.

Conforme menciona Grünspon (2004), para promover a resiliência em crianças deve-se partir dos fatores de risco, conhecendo a reação a cada fator. Busca-se dessa forma, desenvolver fatores de proteção durante todo o crescimento do ser humano.

O que se busca na educação da criança e/ou adolescente para torná-los resiliente é desenvolver as condições que já possui, preencher e ampliar as condições que não estão completas, ou mesmo, construir as que estão ausentes.

Urge, pois, a necessidade da formação e desenvolvimento de uma sociedade com estruturas mais resilientes. A família, escola, comunidade podem ser os canais dessa promoção.

Dentro desse contexto reservamos o próximo capítulo para estudar o sistema família. Esse tema, tão complexo e dinâmico, é parte fundamental deste estudo, cujo objetivo é compreender a organização da família na emergência de talentos dos filhos. Para tanto, lançou-se mão do estudo da teoria sistêmica da família e da resiliência familiar.



CAPÍTULO 4
A FAMÍLIA

*Família é um lugar donde se procura
desesperadamente fugir e o lugar onde
nostalgicamente se procura refúgio.*

(M. Poster, 1979).

4 A FAMÍLIA

4.1 Conceituando família

Definir família não é uma tarefa fácil. Pode-se afirmar que família não é uma expressão passível de conceituação. Consegue-se descrever as várias estruturas assumidas pela família, mas integrar suas várias configurações numa pauta conceitual se torna difícil. São tantas as variáveis ambientais, sociais, econômicas, culturais, políticas ou religiosas que interferem na constituição da família que, pensar em abarcá-las, torna-se paralisante.

Osório (1996, p.15) cita uma definição que é bastante genérica “[...] família é a unidade básica da interação social” e afirma que essa definição não torna possível situar a família como agrupamento humano no contexto sócio-histórico. O autor vai tecendo algumas reflexões e percebe que, diante de tantas variáveis interferentes, a família pode ser considerada o modelo natural que assegura a sobrevivência biológica da espécie; mas também afirma que não se pode dissociar a função biológica da função psicossocial, pois o grupo se constitui em vínculos peculiares, o que o situa como a célula primordial de toda e qualquer cultura. Assim, após tecer algumas reflexões sobre o tema, Osório (1996, p.16) formula a seguinte definição, considerando-a mais abrangente:

Família é uma unidade grupal onde se desenvolvem três tipos de relações: pessoal – aliança (casal), filiação (pais e filhos) e consangüinidade (irmãos) – e que a partir dos objetivos genéricos de preservar a espécie, nutrir e proteger a descendência e fornecer-lhe condições para a aquisição de suas identidades pessoais, desenvolveu-se através dos tempos, funções diversificadas de transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais.

É na família que o indivíduo aprende a perceber o mundo e a se situar nele. Para Reis (1994), a família é a formadora da primeira identidade social. Ela é o primeiro “nós” da criança. É na família que a criança inicia a expansão de suas fronteiras que vai para além da sua pele, incluindo todo o conjunto de vínculos interpessoais, família, amigos, relações de

trabalho, inserção comunitária e práticas sociais. Pensar a família como célula primordial de toda e qualquer cultura possibilita compreendê-la como um sistema entre sistemas. A sociedade é um sistema em que as relações entre os indivíduos devem ocorrer de forma harmoniosa e autorreguladora. A família tem por função desenvolver a socialização básica nessa sociedade que tem por essência o conjunto de valores e de papéis.

A família constrói a sua realidade a partir da história compartilhada por seus membros. Esse ambiente pode favorecer as capacidades e talentos de seus membros. O sistema família é autorregulável e igualmente aberto à interação interna e externa. Quando falamos em sistemas, necessitamos entendê-lo melhor.

O que é um sistema? Como ele se compõe?

Podemos encontrar várias definições “Conjunto de elementos, materiais ou ideais, entre os quais se podem encontrar ou definir alguma relação”; “um conjunto de partes que se inter-relacionam para formar o todo” ou ainda “complexo de elementos em interação, um todo organizado ou partes, que interagem formando esse todo unitário e complexo” (FERREIRA, 1999, p. 742).

A mudança em uma das partes afeta todas as outras partes do sistema. Quando as pessoas interagem, estabelecem um processo interativo, tornam-se um sistema e o seu comportamento adquire um significado para o sistema mais amplo ao redor delas. Bertalanffy (1993) acredita que esse conjunto de elementos constantemente interage entre si e com o meio. Esse princípio está na base de todas as formas de interação ou organização humana na forma de um padrão ou estrutura. O que caracteriza a totalidade de um sistema é o fato de que o todo é mais complexo e, desta forma, é mais do que a simples soma de suas partes. O grupo familiar pode ser visto como um sistema que funciona como uma totalidade e no qual as particularidades dos membros não bastam para explicar o comportamento de todos os outros membros.

Cervený (1994) afirma que, sistemicamente, podemos definir família como um conjunto de pessoas integradas e interdependentes, que atuam como circuito de retroalimentação, em que o comportamento de um membro afeta e é afetado pelo comportamento do outro. Para entendê-la não basta analisar cada um dos indivíduos que a compõe é preciso compreender os padrões e estruturas que a sustentam.

Um dos padrões de sustentação desse sistema são as regras construídas na e pela família em consonância com o contexto cultural, no qual o sistema se insere. Essas regras organizam e governam o funcionamento interno da família. Elas regulam as relações, definem níveis de proximidade afetivos das relações e determinam a divisão de papéis e poder entre cada um dos membros. Outro padrão importante é o padrão da afetividade que, segundo Cervený (1994), fundamenta-se na convicção de que os membros do sistema familiar são influenciados pelos modelos afetivos propostos pelo próprio sistema. Cervený (1994) afirma que o relacionamento afetivo não é um fator interno, inerente ao indivíduo, mas um produto de interações e se inicia na matriz familiar.

As fronteiras e hierarquias também são importantes nos padrões de funcionamento do sistema familiar. As fronteiras ajudam a estabelecer os padrões de proximidade e de distanciamento afetivo entre os membros do grupo familiar. Quando as fronteiras são difusas, pode ocorrer uma fusão entre alguns membros e provocar um comportamento disfuncional do sistema. Quando as fronteiras são rígidas, pode ocorrer a separação entre as pessoas, acompanhada da dificuldade de individuação. Fronteiras flexíveis regulam um funcionamento harmonioso do sistema, em que tanto a proximidade como o afastamento ocorrem ocasionalmente, mantendo a homeostase das relações afetivas entre os membros (BERTHOUD, 2003).

Quanto à hierarquia, é esperado que o sistema familiar se organize em hierarquias, que são estabelecidas e mantidas, muitas vezes, de geração em geração. A hierarquização dos

papéis e das relações é fundamental para a manutenção dos padrões inter-relacionais construídos entre os membros da família. Cerveny (1994) aponta alguns princípios de funcionamento que operam no sistema familiar:

- **Homeostase** é um processo autorregulador que mantém a estabilidade no sistema e o protege de desvios e mudanças. Pode ser definido como um processo de manutenção do equilíbrio ou estabilidade do sistema familiar, em decorrência das constantes mudanças internas e externas, às quais o sistema está sujeito. A família tende a manter certo padrão de relacionamento e empreende operações para impedir que ocorra mudança nesse padrão já estabelecido. Alguns comportamentos parentais têm o objetivo de restaurar o equilíbrio homeostático junto aos filhos ou a outros membros da família, por exemplo, intervir nas brigas entre filhos ou se adaptar a situações inesperadas, como doenças e perdas. A homeostase é um processo dinâmico e vital para o sistema familiar.

- **Morfogênese**, devido à grande adaptabilidade e flexibilidade, os sistemas têm a capacidade da autotransformação de forma criativa. A família tem potencial para mudanças e a morfogênese designa uma mudança dentro da ordem estrutural e funcional do sistema, que, qualitativamente, adquire uma nova configuração diferente da anterior.

- **Feedback** positivo aumenta a atividade do sistema enquanto os negativos revertem-no ou pedem correção. Na família, ele fornece informações e define o relacionamento entre os membros.

- **Causalidade circular** sugere que mudanças em um elemento do sistema afetam todos os outros, bem como o sistema como um todo. Segundo Bateson (1986), a causalidade circular é vista como a interface entre indivíduos ou sistemas e, portanto, não pressupõe um começo e um fim para a explicação de um dado fenômeno. É um processo dinâmico que se reflete sempre de maneira circular. Essas influências mútuas ocorrem no cotidiano da vida familiar. Bateson (1986, P. 69) explica que:

Quando os sistemas causais se tornam circulares, uma alteração em qualquer parte do círculo pode ser encarada como uma causa para mudança numa época posterior, em qualquer variável, em qualquer lugar do círculo. Parece então que uma elevação na temperatura da sala pode ser encarada como a causa da alteração na chave do termostato e, alternativamente, que a ação do termostato pode ser encarada como controladora da temperatura da sala.

- **Não-somatividade** em que se evidencia que qualquer sistema é maior que a soma das partes. As conseqüências desse princípio é que os indivíduos só podem ser compreendidos dentro dos contextos interacionais nos quais funcionam. É preciso ver o sistema familiar como um todo.

A família, assim como os indivíduos que a compõem, insere-se num contexto evolutivo e é dotada de seu ciclo vital. Nascendo, crescendo, amadurecendo e encerrando seu ciclo vital com a morte dos membros que a originaram.

4.1.1 Ciclo vital da família

Para explicar o desenvolvimento familiar, Cerveny (1997) faz uma caracterização do Ciclo Vital da Família, dividindo-o em quatro fases:

- 1^a) Fase da Aquisição - é a fase em que a família se constitui por meio de união formal ou informal. Essa fase engloba também o nascimento dos filhos e constitui-se, de um modo geral, pelas tarefas de aquisição, tanto de patrimônio, quanto de novas formas de relacionamentos.
- 2^a) Fase Adolescente - é a fase em que pais e filhos estão vivendo a adolescência. É um período de muitas transformações pessoais e relacionais. Os filhos estão em transição para a vida adulta e os pais, na chamada “crise do meio da vida”, em que reavaliam suas experiências de vida. Carter e McGoldrick et al. (1995) afirmam que, nessa fase, as fronteiras devem ser permeáveis; os pais não podem mais impor uma autoridade

completa. Fronteiras flexíveis permitem aos adolescentes aproximarem-se e serem dependentes, nos momentos em que não conseguem manejar as coisas sozinhas, e afastarem-se e experimentarem, com graus crescentes de independência, quando estiverem prontos.

3ª) Fase Madura – compreende o momento em que os filhos atingem a idade adulta e a família vivencia a sua maturidade. Os filhos se tornam independentes como os pais. Com o casamento dos filhos, os pais têm que se adaptar à entrada de novos membros na família e renegociar regras de convivência familiar.

4ª) Fase Última – é a fase caracterizada pelo envelhecimento dos pais. Nessa, a família confronta-se com a tarefa de convivência com os pais idosos. Quando as fases anteriores foram marcadas por relações saudáveis, o sistema familiar se adapta às novas demandas dessa última fase, porém, se houve conflitos anteriores, serão necessárias novas renegociações.

O ciclo vital não deve ser compreendido como um processo rígido, pois é dinâmico e está em constante transformação (BERTHOUD, 2003). Considerando a longa duração e o nível inter-relacional do sistema familiar, ele pode ser considerado o mais importante na vida do indivíduo. Esse sistema também mantém uma comunicação intergeracional, o que lhe permite a continuidade.

1.2 Intergeracionalidade

Observando as relações cotidianamente, nos deparamos com vivências que parecem se relacionar com antigas histórias. Essa visão se refere a uma reprodução de algo já vivido, a repetição de padrões interacionais, que, em algumas famílias, tendem a se repetir, através das

gerações. A nossa história se inicia antes mesmo do nascimento, “é condição de existência do sujeito humano. Ele se constitui como herdeiro e elo da cadeia de transmissão intergeracional” (KAËS, 1996, p. 297).

Com a chegada de um filho, o casal se depara com mudanças significativas, não só na rotina cotidiana, mas também de papéis, que vão fazer ressurgir emoções, muitas delas inconscientes. Nessa etapa, quando o casal passa a desempenhar a função parental, os modelos familiares vêm à tona. Esses modelos podem se repetir e, algumas vezes, confundem os indivíduos, ao trazer à tona sentimentos incompreensíveis. Cervený (1994, p.36) afirma que “[...] uma repetição pode parecer inexplicável, enquanto não ampliarmos a observação da história geracional dos indivíduos que repetem”.

Estamos vivendo transformações sociais constantes e uma delas é a mulher que vem ocupando novos espaços e alcançando, não só no trabalho, mas também no plano sexual, uma maior liberdade. Diante dessa nova situação, surgem conflitos e dificuldades sobre como lidar com esse fator perante a família, sobretudo na reorganização do casal para lidar com estas mudanças e com a etapa de vida da família (nascimento dos filhos). Conforme explica Cervený (1994), o nascimento de um filho requer mudanças na organização familiar. Nessa etapa, alguns casais, perdem de vista o relacionamento íntimo e só compartilham a função parental.

O mundo ocidental está num estado de transição e a família, que sempre deve se acomodar à sociedade, está mudando com ela. Mas, em razão de dificuldades transicionais, a principal tarefa psicossocial da família, que é apoiar seus membros, tornou-se mais importante do que nunca (MINUCHIN, 1982).

Mesmo com tantas transformações, a influência dos pais na formação dos filhos é de suma importância. O cotidiano dessa relação pode conter as maiores e mais eficientes vias de

estimulação e desafio, o que pode propiciar o desenvolvimento de potencialidades e talentos nos filhos e é nesse cenário que os talentos podem se manifestar.

As histórias familiares, os modelos dos subsistemas (conjugal, paterno, fraterno) influenciam no modo como a família se adapta às novas situações. Portanto, a história da família e a forma como convivem determinam a história de vida familiar futura. Uma visão objetiva das forças que moldam a família ajuda seus membros a se libertarem de expressões inconscientes.

Minuchin (1982) considera que a força familiar está presente na repetição dos padrões interacionais, referindo-se a “força da memória”. Esse mesmo autor (1982, p. 23) faz uma diferenciação entre a matriz familiar e o indivíduo com essas palavras: “O homem tem memória e é produto do seu passado. Ao mesmo tempo, suas interações com as circunstâncias presentes apóiam, qualificam ou modificam suas experiências”. Cervený e Kublikowski (1998) afirmam que o homem, com sua capacidade de interpretação e de produção de significados, renova constantemente as informações recebidas.

Cervený (1994, p.41) afirma que não há aspectos apenas negativos na repetição de padrões, explicando que há também aspectos positivos nas repetições. Esse autor considera que “toda família repete e que há repetições que mantêm a família como um sistema, podendo inclusive prover esse sistema de uma identidade específica que o diferencia de outros”. Esse ambiente, que se nutre da complexidade da vida, dos saberes e da evolução, nutre as tradições que passam de pais e mães para filhos e filhas ao longo dos séculos.

Para Morin (1980 apud CERVENÝ; KUBLIKOWSKI, 1998, p.10), “os ingredientes da vida passada falam pelas nossas bocas, mas, ao ressuscitarmos esses ingredientes em nós, falamos pela boca que nos foi dada”.

As famílias repetem-se a si mesmas e as questões que aparecem numa geração podem passar a geração seguinte sob outra forma ou de forma semelhante. Cervený (1994) afirma

que pode haver ou não a percepção da repetição. Há famílias que repetem os padrões exatamente como eles aconteceram no passado e podem ser reconhecidos, mas há também sistemas nos quais as repetições aparecem quase que irreconhecíveis.

Cervený (1994) enfatiza sobre os tabus, os segredos, os mitos, as expectativas, os rótulos existentes em todas as famílias como padrões que podem se repetir na forma como foram apresentados ou ser utilizado o antimito desses padrões como forma de repetição. Um exemplo desse antimito de padrão pode ser os indivíduos que sofreram devido a um padrão de família rígida, com regras, valores e costumes rígidos, eles podem atuar de maneira contrária ao modelo, sendo extremamente flexíveis na constituição de sua família, mas mesmo assim estão recorrendo ao modelo antigo conhecido e o utilizando como parâmetro. Atuar de forma contrária pode ser considerado uma repetição, porque a referência continua sendo o modelo.

Boszormenyi-Nagy (1973, p. 40) afirma que “[...] por mais que queiramos desprender-nos da carga do passado, a estrutura básica de nossa existência e de nossos filhos está determinada, pelo menos parcialmente, pelas contas não saldadas das gerações passadas.” Contudo, há famílias com potencial para escreverem suas próprias histórias de maneira diferente de seus antepassados, desde que usem esse conhecimento adquirido pela experiência e ao menos acreditem na possibilidade de uma história diferente.

Podemos então considerar família como um sistema dinâmico que se estrutura ao longo do tempo em ciclos e que as heranças trazidas através do intergeracional podem determinar a continuidade de alguns talentos. Um ambiente familiar em que a música é valorizada pode ser um meio de transmissão musical intergeracional.

Famílias que promovem mudanças e crescimentos podem ser famílias que apresentam características resilientes. Elas se tornam importantes, tanto para vida emocional de seus membros, quanto nas relações sociais. À medida que elas aumentam suas capacidades de se

recuperarem de crises iminentes, elas também conquistam recursos vitais para lidar mais eficientemente com os desafios futuros. Famílias com bom funcionamento promovem competências em seus membros.

Pensando nas famílias aqui estudadas que vivem em uma comunidade cuja população apresenta alto índices de vulnerabilidade social decorrente da condição de pobreza e violência, reservamos o próximo tópico para abordar o conceito de resiliência familiar que valoriza práticas que promovem o desenvolvimento do potencial dessas famílias. Quando as famílias se concentram em seu potencial, elas adquirem confiança e esperança para vencer as adversidades.

4.2 Resiliência familiar

A forma como a família enfrenta e lida com suas experiências difíceis, resiste ao estresse, reorganiza-se de modo eficiente e segue a vida influenciada na própria sobrevivência e no bem-estar da unidade familiar. Alguns autores, como Flack (1991 apud SOUZA, 2003, p.43), definem resiliência familiar como a “[...] capacidade de transformação e flexibilidade da família frente às crises”. Flack (1991, apud SOUZA, 2003) caracterizou a família resiliente como sendo aquela que manifesta a flexibilidade, permitindo a independência e identidade própria de seus membros. Essas famílias possuem certo grau de equilíbrio para suportar as tensões da vida cotidiana, o que faz com que seus membros lidem com o estresse diário com coesão e solidariedade. Conforme afirma Walsh (2005), algumas famílias relatam que seus relacionamentos se enriquecem e se tornam mais amáveis em tempos de crise. A resiliência capacita as pessoas a lidar com suas dores, tomar conta de suas vidas e seguir adiante, vivendo e amando plenamente. Walsh (2005) ressalta ainda que ser resiliente é mais do que sobreviver, porque os sobreviventes muitas vezes, se recuperam das crises, mas permanecem

com culpa e raiva. Quando falamos de resiliência familiar, falamos de estresse, situação de risco e fatores de proteção. Para explicar esses conceitos, Simon (1989 apud SOUZA, 2003) traz o exemplo do nascimento de uma criança no contexto familiar. Esse é um evento que, mesmo esperado, desejado e planejado, pode ser considerado como um momento estressor, pois mesmo os eventos desejáveis e considerados positivos trazem certo grau de estresse, pelas adaptações que exigem, mas não é considerado um fator de risco, que está relacionado a uma condição adversa e indesejável. Assim, embora todo fator de risco seja um elemento estressor, nem todo elemento estressor podem ser associados diretamente com fator de risco. A avaliação de um evento como sendo um fator de risco, tal como o nascimento de uma criança, dependerá das condições de nascimento, do nível econômico da família, da idade dos pais, de valores culturais, entre outros, que podem originar um significado que facilita ou dificulta o enfrentamento.

Ainda com o exemplo do nascimento de um bebê, Walsh (2005) explica sobre fatores de proteção afirmando que um fator protetor atual poderá ser considerado um fator de risco, no futuro. A dinâmica de uma família, logo após o nascimento de um bebê, é caracterizado pela dedicação exclusiva (coesão) dos pais ao filho, principalmente da mãe, o que, nesse momento específico, é um fator protetor. Mas, esta relação tende a se modificar naturalmente, à medida que a criança adquire mais idade e se desenvolve de forma a proporcionar mais autonomia a todos. Caso isso não ocorra, o vínculo, que antes era considerado protetor, torna-se um fator de risco, atingindo o sistema familiar como um todo.

Sintetizando, a avaliação de um evento ou condição como um fator de risco ou proteção passa pela interpretação da rede familiar e rede social (incluindo valores culturais, étnicos e religiosos), passa pelo momento em que ocorre (fase do ciclo vital familiar) e em que contexto (situação familiar e existência de outros elementos estressores).

De acordo com o modelo proposto por McCubbin e Thompson (1996, apud SOUZA, 2003), a resiliência familiar pode se estruturar em duas fases: a primeira, denominada ajustamento, que ocorre durante o enfrentamento de uma situação de estresse, cujo desfecho é o bom ou o mau ajustamento, e a segunda, denominada adaptação.

A fase de Ajustamento possui os seguintes componentes, que interagem entre si (McCUBBIN; THOMPSON, 1996, apud SOUZA, 2003, p.93):

- Elemento estressor, variando em grau de gravidade e intensidade;
- Vulnerabilidade familiar, formada pelo acúmulo de outros estressores, demandas e transições do ciclo vital familiar;
- Padrões estabelecidos de funcionamento familiar (tipologia familiar);
- Recursos de resistência da família, formados pela qualidade de comunicação e suporte mútuo;
- Avaliação do estressor, constituída pela definição compartilhada do problema, pela família;
- Solução de problemas e estratégias de enfrentamento familiar (busca de recursos na família ou fora desta).

Na fase de Adaptação, o desequilíbrio provocado pela crise atinge o sistema familiar como um todo, exigindo a reorganização dos padrões familiares. O objetivo desta fase é restaurar e regenerar a harmonia e o equilíbrio familiar nas áreas de relacionamentos interpessoais, desenvolvimento, bem-estar e espiritualidade, estrutura e função e relacionamento com a comunidade e natureza. Nesse processo, o estressor que deu início à fase de Ajustamento fica em plano secundário, pois a família prioriza a resposta à crise em si. Dessa forma, os padrões de funcionamento interagem com a solução de problemas e habilidades de enfrentamento, introduzindo mudanças e procurando corrigir o que não foi bem sucedido na primeira fase. Novos padrões de funcionamento são criados, outros são mantidos, revitalizados ou restaurados. Trata-se de um processo relacional, dinâmico através do tempo, envolvendo uma mudança construtiva nas transações entre família e comunidade, num contexto social de acúmulo de estressores esperados e inesperados e num mundo de constantes mudanças. Portanto, quando se avalia resiliência familiar deve-se levar em conta a complexidade do fenômeno.

Buscando compreender os processos que fortalecem a habilidade da família para solucionar com sucesso as crises, Walsh (2005) organizou um mapa orientador dividido em três categorias: padrões de organização, padrões de comunicação e sistemas de crenças.

Segundo Walsh (2005), os padrões de organização podem ser considerados como os amortecedores da família. Inclui nessa categoria, a flexibilidade se refere à existência de padrões de interação e regras consistentes, em que se supõe uma certa estabilidade e uma rotina mínima previsível, garantindo a confiabilidade. Para manter a continuidade através do tempo, é importante a presença dos rituais que possibilitam as interações na transição de um ciclo para outro e nas transformações em decorrência de perdas ou mudanças inesperadas, porque permitem a conclusão de um ciclo e a evolução para um outro, posterior. A flexibilidade, portanto, é importante para o enfrentamento das mudanças que ocorrem nas diferentes fases do ciclo vital familiar e do desenvolvimento, bem como em situações de crise ou estresse.

A conexão também é um aspecto importante dentro dos padrões de organização. Considera-se como conexão, a manutenção da unidade familiar na qual se busca a autonomia dos seus membros, por meio de hierarquias e fronteiras bem estabelecidas, flexíveis o suficiente para manter a relação de troca com a comunidade. Nela, a individualidade é respeitada e as pessoas se agrupam para juntar esforços e se apoiarem.

Outro aspecto importante, afirmado por Souza (2003), é o recurso social e financeiro. Esse aspecto inclui lançar mão dos recursos presentes na família e comunidade, quando necessário, o que inclui atividades religiosas, culturais, educacionais, recursos ligados à saúde e finanças. É importante ter modelos e mentores para orientar as crianças, principalmente quando os pais não estão disponíveis, evitando, com isso, que elas se envolvam em situações de risco. Os pais, quando disponíveis, são responsáveis pela segurança financeira e pelos cuidados com as crianças. Deve-se buscar um equilíbrio que permita atender a essas duas

demandas, podendo, algumas vezes, a família utilizar-se do suporte na família extensa ou comunidade, nos cuidados com os menores.

Padrões de comunicação é outra categoria definida por Walsh (2005). Ela está relacionada aos processos comunicacionais que facilitam o funcionamento familiar. Walsh (2005) explica que compartilhar informações entre os membros da família, bem como buscar informações com profissionais na comunidade e outros meios, é útil para que as situações de estresse e as opções e estratégias possíveis de enfrentamento sejam clarificadas. Compartilhar sentimentos de forma respeitosa pode ser observado em famílias que se relacionam sem agressividade ou acusações, o que propicia um clima de confiança e empatia. O humor é considerado fonte vital na família por facilitar a conversação e reduzir a tensão.

O Enfrentamento de qualquer situação, seja ela boa ou ruim, pela família, afeta seus membros. É importante a solução de problemas de forma colaborativa por meio da troca de idéias, negociações e até na tomada de atitudes de forma concreta. Compartilhar os sucessos, mesmo que pequenos, estimula a confiança da família para enfrentar desafios maiores. Os pais, quando têm expectativas claras e definidas para com seus filhos, muitas vezes, utilizam o recurso do estímulo para motivá-los a seguirem adiante. Na pesquisa realizada por Negrisolo (2006), os pais apresentaram algumas expectativas, dentre as quais estava o desejo de que o filho alcançasse o nível universitário. Para tanto, os pais apoiam, monitoram os estudos, conversam e incentivam os filhos a vencer os desafios. Souza (2003) afirma que a identificação e estimulação das afinidades entre os membros da família são também um estímulo à comunicação.

A terceira categoria apontada por Walsh (2005) é o sistema de crenças. Crenças são idéias fundamentais que o indivíduo tem a respeito de suas experiências de vida e que influenciam suas ações, podendo ser reconhecida conscientemente ou não (RAYMOND; SANTOS, 1995 apud SADALLA e col., 2002).

Para Walsh (2005), os sistemas de crença abrangem amplamente valores, convicções, atitudes, tendências e suposições que se misturam para formar um conjunto de premissas básicas que desencadeiam reações emocionais, informam decisões e guiam ações. As crenças facilitadoras aumentam as opções para a resolução de problemas, a cura e o crescimento, enquanto as crenças restritivas perpetuam os problemas e restringem as opções.

Negrisoló (2006) traz o exemplo de um pai que, diante da solicitação de pedidos materiais não-essenciais do filho, não consegue dizer “não” e supera suas dificuldades materiais para conseguir realizar esse desejo. A autora afirma não ser possível dizer se esse pai teve uma atitude resiliente, embora ele tenha avaliado a situação de estresse e tenha utilizado recursos para a solução do problema; em casos como esse, é preciso avaliar também se o seu sistema de crenças foi alterado ou se simplesmente se submeteu a uma imposição social, ou seja, houve uma aceitação, de forma não-crítica, ao apelo consumista da sociedade atual. Fato que, ao refletir sistemicamente, a autora conclui que essa passividade também não pode ser vista apenas como algo interno, individual, mas fruto de uma sociedade que “massifica” suas informações. Portanto, analisar o fenômeno da resiliência é muito mais do que simplesmente classificar.

Quando a família compartilha seus pensamentos e sentimentos sobre determinada situação, ela reconstrói um novo significado e pode enfrentar a crise por meio de colaboração mútua. Se a crise é vista como um desafio compartilhado, os relacionamentos são fortalecidos (SOUZA, 2003).

A avaliação da crise e de sua recuperação influencia como a família vai lidar com ela. Esse significado atribuído à crise faz parte do repertório de experiências de vida e que se constitui nas crenças.

As crenças, segundo Souza (2003), podem ser classificadas em crenças causais, crenças explicativas e expectativas futuras. As crenças causais são influenciadas pelos valores

culturais e religiosos, determinando se os problemas serão atribuídos às próprias falhas ou às falhas externas à família, como culpar o sistema de saúde, o governo, a escola, entre outros. As crenças explicativas são mais específicas e não se generalizam no tempo e no espaço, portanto são mais flexíveis e disponíveis para a mudança. As expectativas futuras interferem na avaliação da crise atual e nas ações que serão realizadas, ou seja, se as crenças forem positivas, as ações para a sua realização também serão positivas, ou o contrário.

Walsh (2005, p. 58) afirma que a perseverança definida como “[...] capacidade de enfrentar bem e persistir diante da adversidade opressiva”, é um elemento fundamental na resiliência, assim como o encorajamento que está relacionado à coragem pessoal e familiar e também de relacionamentos de apoio. Ter esperança no futuro, não importando quão desolado seja o presente, é outro elemento poderoso e capaz de sustentar as famílias em situação de crise. A fé espiritual também tem um papel importante na superação de crises, donde se obtém conforto e significado para aquilo que está além da compreensão em determinados momentos.

Souza (2003) afirma que as crenças se modificam quando as adversidades são situadas numa visão ecológica, partindo do princípio de que o indivíduo, o sistema familiar, a comunidade, a sociedade, a natureza e a espiritualidade são interconectadas. Quando se atribui um significado a uma situação adversa, abre-se um leque de possibilidades. Portanto é importante, para o desenvolvimento da resiliência, que a família atribua um significado positivo às situações difíceis.

Walsh (2005), porém, afirma que não basta apenas encorajar a resiliência de crianças e famílias para que elas possam “vencer os desafios”, é preciso também lutar para mudar os obstáculos, que são colocados para elas e que, muitas vezes, fazem parte do interjogo entre as ocorrências dentro da família e dos ambientes: político, econômico e social.

Buscando ampliar o conhecimento para além das fronteiras familiares, apresentamos, no capítulo 5, um estudo acerca dos projetos sociais. Cada vez mais, uma série de locais de

práticas e sistemas de serviços está sendo oferecida à comunidade, com objetivos pedagógicos voltados para as fortalezas dos cidadãos e não mais para as suas vulnerabilidades.

Esses projetos que se desenvolvem na rede social oferecem ajuda prática e conexão comunitária vital às famílias carentes. Eles proporcionam informações, serviços concretos, apoio, dentre outros. Também potencializam talentos, desenvolvem a autonomia e fortalecem vínculos relacionais capazes de assegurar a inclusão social. Ajudar as famílias a construir redes vitais é fundamental para o desenvolvimento de suas características resilientes, tão urgentes e necessárias nos dias atuais.



CAPÍTULO 5

PROJETOS SOCIAIS

Quase nenhuma ação humana tem por sujeito um indivíduo isolado. O sujeito da ação é um grupo, um “Nós”, mesmo se, na estrutura atual da sociedade, tendemos a encobrir esse “Nós” e a transformá-lo numa soma de várias individualidades distintas e fechadas umas às outras.

(Goldman apud Lane, 1984)

5. PROJETOS SOCIAIS

Qualquer projeto surge de uma idéia que brota, ao mesmo tempo, na cabeça e no coração de quem a pensa.

(Manual para educadores de adolescentes de comunidades populares)

5.1 Considerações acerca de projetos sociais

Para falarmos em projetos sociais, inicialmente devemos falar em gestão social. Ávila (1999) se refere à gestão social como a gestão das ações públicas, ou seja, a gestão das demandas e necessidades dos cidadãos. A política social, os programas sociais e os projetos são os canais dessas demandas.

Ávila (1999) define política social como um processo de tomada de decisões que começa com a adoção de postulados gerais que se desagregam e se especificam. A política social global prioriza setores e estabelece a integração entre eles. Os problemas são solucionados e agrupados em áreas de concentração, para as quais se elaboram programas, que, por sua vez, serão compostos de projetos. O programa social é um conjunto de projetos que buscam os mesmos objetivos. Todo programa estabelece prioridades de intervenção, ordena os projetos e aloca os recursos. Em geral, as organizações responsáveis por programas são públicas, existindo também instituições privadas que operam dentro das diretrizes das políticas governamentais. Projeto social é um empreendimento planejado que consiste num conjunto de atividades inter-relacionadas e coordenadas para alcançar objetivos específicos dentro dos limites de um orçamento e de um período de tempo dado. O projeto é o nível mais específico e delimitado, a unidade mais operativa dentro da lógica do planejamento.

As prioridades contempladas pelas políticas públicas são formuladas pelo Estado, mas nascem na sociedade civil. Ávila (1999) cita a transformação produtiva, o desemprego, a expansão da pobreza, a violência, o aumento da desigualdade social como alguns dos fatores

que engendram demandas e limites e pressionam por novos modos de gestão da política social. Tais questões têm situado a população em contextos de vulnerabilidade social.

Abramovay (2002, p.30) define vulnerabilidade social como:

[...] o conjunto de características, recursos e habilidades inerentes a um dado grupo social e que se revelam insuficientes, inadequados ou difíceis para lidar com o sistema de oportunidades oferecido pela sociedade, de forma a ascender a maiores níveis de bem-estar ou de diminuir probabilidades de deteriorização das condições de vida de determinadas áreas.

Sabe-se que essas questões enfraqueceram o protagonismo maior da classe trabalhadora e os movimentos sociais acabaram se deslocando para a sociedade civil em papel central na definição da agenda política dos Estados. As organizações não-governamentais estão sendo uma expressão desse novo protagonismo, alargando e revitalizando a esfera pública.

O terceiro setor articula uma heterogeneidade de organizações voluntárias sem fins lucrativos, que inclui desde associações comunitárias e microlocais de entreatajuda até organizações articuladas em redes globais, atuantes no plano dos direitos humanos, na defesa das minorias, na defesa do meio ambiente, no desenvolvimento local, entre outras. Tais organizações expressam características multifacetadas e particularistas, próprias da sociedade contemporânea.

Ávila (1999, P. 18) afirma que as organizações que constituem o terceiro setor possuem atributos bastante valorizados na gestão social desta década, pois elas apresentam:

- a capacidade de articular iniciativas múltiplas, revitalizando o envolvimento voluntário da comunidade ou de setores da sociedade civil;
- a capacidade de estabelecer parceria com o Estado na gestão de políticas e programas públicos;
- a capacidade de estabelecer redes locais, nacionais ou mundiais e, por meio delas, constituir fóruns de escuta e vocalização de demandas, introduzindo-as na agência política.

Para Ávila (1999), a gestão da política social, nesse novo arranjo, está ancorada na parceria entre Estado, sociedade civil e iniciativa privada e em um valor social, que é o da

solidariedade. Cada vez mais a parceria se afina com os objetivos da eficiência, eficácia e efetividade da organização contemporânea. Uma boa parceira pressupõe: que todos os parceiros tenham o mesmo objetivo, embora, orientados por papéis e objetivos de tarefas diferenciados e claramente definidos; que todos os parceiros estejam e se sintam em situação paritária com relação à capacidade potencial de influir nos rumos do trabalho e que todos os parceiros se conheçam, se respeitem e atuem para encontrar em conjunto o ponto de sinergia. O cumprimento desses pressupostos viabiliza a prática.

A gestão social, segundo Ávila (1999), tem com a sociedade e com os cidadãos, o compromisso de assegurar, por meio das políticas e programas públicos, o acesso efetivo aos bens, serviços e riquezas da sociedade. Um exemplo desse compromisso está na valorização de programas que atendam as demandas e necessidades dos grupos castigados pela pobreza ou mais vulnerabilizados na sociedade contemporânea. Os programas de capacitação de jovens e de erradicação do trabalho infantil são exemplos de programas que trabalham nesse objetivo.

Hoje, os projetos sociais procuram desenvolver trabalhos que concentram recursos pedagógicos voltados para as fortalezas dos cidadãos usuários e não mais, sobre suas vulnerabilidades. Potencializa talentos, desenvolve a autonomia e fortalece vínculos relacionais capazes de assegurar inclusão social.

Buscando compreender a contribuição dos projetos sociais para emergência de talentos e para inclusão social, focamos o estudo nos projetos sociais para jovens e crianças. Feijó (2008) afirma que os projetos sociais para jovens geralmente visam o desenvolvimento social a partir do incremento da autonomia e do protagonismo juvenil, pois entendem que, assim, mudarão a participação deles na sociedade. Eles buscam ampliar os conhecimentos técnicos e culturais dos jovens e também propiciar atividades de seu interesse. Em geral, os jovens, quando estão nos projetos, estão protegidos da violência das ruas, também facilitam o incremento das suas relações com a rede social. A rede, segundo Sluzki (1997), é formada por

pessoas significativas e se torna fonte de apoio e de recursos para o jovem e sua família; é nela que os indivíduos, famílias e grupos se veem legitimados, incluídos e respeitados.

Para White (1991), se um grupo de pessoas se vê como pobre e, por isso, azarado e sem perspectivas, assim se sente e se comporta e nada faz para tornar diferente esta realidade que construiu e mantém nas suas relações. Trabalhos que tenham a mudança desse cenário como objetivo precisam ajudar a desconstruir tais idéias, para, dessa forma, ter pessoas mais fortalecidas.

Buscando contextualizar esse estudo, apresentamos agora um resumo do projeto social que foi alvo dessa pesquisa.

5.2 Projeto sociocultural: Associação Amigos do Projeto Guri

O Projeto Guri¹ foi criado em 1995 pela Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo. Ele tem, como objetivo, a inclusão social promovida por meio do ensino coletivo da música. Desde o início de sua criação, ele busca desenvolver a socialização, a autoestima e o senso de cidadania de crianças e adolescentes de 8 a 18 anos. Em 1997, conquistou apoio de vários setores da comunidade, como entidades do terceiro setor e iniciativa privada, e foi criada a Associação Amigos do projeto Guri, uma entidade sem fins lucrativos que colabora técnica e financeiramente para o desenvolvimento do projeto. São 183 unidades distribuídas em várias cidades, a maioria no Estado de São Paulo, (77 delas estão na FEBEM), uma no Rio Grande do Sul e outra no Paraná. Os resultados do Projeto estão sendo tão positivos que, em 2004, a associação firmou um contrato de gestão com a Secretaria de Estado da Cultura e tornou-se uma organização social (OS), na área da cultura. Em processo de transição, a OS passa a ser responsável pela administração do Projeto Guri, inclusive gerindo recursos.

¹ As informações sobre o Projeto Guri foram fornecidas pela Assessoria de Comunicação do Projeto Guri. Disponível em: <<http://www.projetoGuri.com.br>>. Acesso em: 28 jun. 2008.

Ao ingressar no Projeto Guri, a criança ou jovem não precisa ter conhecimento musical anterior. Também não passam pelo processo de seleção, apenas se adéquam ao número de vagas. A única exigência é que o aluno estude e freqüente regularmente o ensino obrigatório.

A metodologia utilizada é a mesma em todas as unidades: coletivo e prático. Cada aluno sabe que é uma peça indispensável no todo (a orquestra) e, ao mesmo tempo, tem a consciência de que precisa do grupo para executar as peças musicais. Além disso, para aprender a tocar um instrumento musical, é preciso paciência, disciplina, concentração, carinho e respeito aos colegas e professores. Inicia-se o estudo pela música popular até chegar à erudita. Todos os professores são profissionais especializados em instrumentos de corda, sopro, percussão e canto coral.

O Projeto Guri tem obtido reconhecimento em diferentes segmentos da sociedade, apresentando-se com músicos renomados, como Toquinho e Yamandú Costa, Arthur Moreira Lima, Mônica Salmaso e Jane Duboc. A qualidade musical das orquestras do projeto permite apresentações em eventos de grande importância, como o Festival de Inverno de Campos do Jordão, e em grandes palcos, como a Sala São Paulo. Entre os prêmios recebidos, destaca-se o Prêmio Multicultural Estadão 2000, na categoria de melhor projeto de fomento à cultura daquele ano. A apresentação em fóruns e encontros internacional já faz parte da realidade do Projeto Guri. Em 2002, foi escolhido para representar o Brasil, na ONU, durante a Sessão Especial da Assembléia Geral das Nações Unidas, em favor da infância, enviando duas alunas violinistas.

Atualmente mais de 25 mil alunos participam de cursos de violino, viola, violoncelo, baixo acústico, violão, cavaquinho, percussão, saxofone, clarinete, flauta, trompete, trombone e canto coral.

Mesmo com o objetivo principal de inclusão social, a experiência mostra que, ao se dar oportunidades, muitos talentos são descobertos. Vários ex-alunos são professores do projeto, outros se tornaram músicos profissionais. Os resultados de socialização também são notados em alterações positivas do comportamento na relação com familiares, colegas e professores. Ao completar 13 anos, em 2008, o Projeto Guri só tem a comemorar tanto em expansão quanto em resultados.



CAPÍTULO 6
OBJETIVOS

*Nunca ande somente pelo caminho traçado, pois ele
conduz somente até onde os outros foram.*

(Graham Bell)

6 OBJETIVOS

6.1 Objetivos da pesquisa

O presente estudo teve como objetivo geral:

- compreender a contribuição do “Projeto Guri” para emergência de talentos musicais e para inclusão social de crianças e adolescentes, em contexto de alta vulnerabilidade social, e a participação da família nesse processo.

E como objetivos específicos:

- identificar crenças e valores do contexto familiar que permeiam a educação dos filhos;
- conhecer as expectativas que os pais têm em relação ao futuro dos filhos, depois da inclusão dos mesmos no “Projeto Guri”;
- compreender como ocorre a inclusão social da criança por meio dos talentos musicais desenvolvidos nas atividades do “Projeto Guri”;
- compreender o papel da inclusão social da criança na estrutura e na dinâmica familiar;
- identificar se e como ocorre a transmissão intergeracional de talentos musicais no contexto familiar, e
- conhecer como os profissionais do “Projeto Guri” identificam e trabalham com os talentos musicais das crianças, tendo em vista a sua inclusão social.



CAPÍTULO 7
MÉTODO

*[...] sem a formulação de teorias, estou
convencido de que não haveria observação.*

(Charles Darwin)

7 MÉTODO

7.1 Algumas reflexões metodológicas

Segundo Ferreira (2004, p.552), método é o “[...] caminho pelo qual se chega a um determinado resultado, ainda que esse caminho não tenha sido fixado de antemão de modo deliberado e refletido”. Essa definição propicia a reflexão acerca dos inúmeros caminhos e escolhas que o pesquisador encontra diante de si para chegar ao seu objeto de estudo. Esses inúmeros caminhos podem se convergir em duas grandes categorias: o estudo quantitativo e o estudo qualitativo. Os estudos quantitativos apresentam melhores resultados em trabalhos que enfocam mensurações e que são enfatizados dentro da visão positivista de causa e efeito, enquanto que os estudos qualitativos, conforme afirma Strauss e Corbin (1990), adéquam-se melhor em pesquisas sobre comportamentos, experiências vividas, emoções e sentimentos ou fenômenos culturais. Denzin e Lincoln (2006, p.17) afirmam que a pesquisa qualitativa

[...] envolve uma abordagem interpretativa e naturalista, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

O método qualitativo, portanto, possibilita olhar para interações, dinâmicas e contextos.

Diante do tema Talentos, com base nas questões levantadas e no objetivo desta pesquisa, que é compreender a contribuição do “Projeto Guri” tanto na emergência de talentos musicais, quanto na inclusão social de crianças e adolescentes em contexto de alta vulnerabilidade social, e a participação da família nesse processo, o mais importante foi fazer uma escolha metodológica adequada, que é a oferecida pela pesquisa qualitativa, pois, conforme afirma Denzin e Lincoln (2006, p.23).:

[...] os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação.

Isso coloca em evidência a necessidade de se levar em consideração a subjetividade do pesquisado e do pesquisador, na construção do conhecimento.

Oliveira (2000) afirma que a palavra-chave para quem se propõe a fazer pesquisa qualitativa é co-construção, o que vale dizer que sujeito e objeto se definem mutuamente. Fazer pesquisa qualitativa pressupõe um compromisso com os dados coletados, com o conhecimento produzido e com a realidade construída. Optamos pela pesquisa qualitativa com delineamento de Estudo de Caso.

7.2 Delineamento: estudo de caso

O estudo de caso é uma modalidade de pesquisa considerada adequada para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, em que os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos (YIN, 2005).

Durante muito tempo, o estudo de caso foi encarado como procedimento pouco rigoroso, e servia apenas para estudos de natureza exploratória. Yin (2005) afirma que, nas ciências sociais, a distinção entre fenômeno e seu contexto sempre representou uma das grandes dificuldades a qual se deparam os pesquisadores, chegando, muitas vezes, a impedir o tratamento de determinados problemas, mediante procedimentos caracterizados por alto nível de estruturação, como os experimentos e levantamentos. Essa dificuldade fez crescer a utilização do estudo de caso em ciências sociais. Gil (2002, p. 54) aponta alguns propósitos em que o estudo de caso é utilizado:

- explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- preservar o caráter unitário do objeto estudado;
- descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
- formular hipóteses ou desenvolver teorias;

-explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

Para conduzir um estudo de caso é necessário escolher instrumentos que sejam eficazes na coleta de evidências. Yin (2005) discute sobre algumas fontes que considera importante: documentação, registros em arquivos, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos.

Independente das fontes de evidências que serão utilizadas, Yin (2005, p. 125-133) afirma que é importante ter, em mente, três princípios que podem auxiliar o pesquisador à validação do constructo e à confiabilidade de seu estudo de caso: utilização de várias fontes de evidências; criação de um banco de dados para o estudo de caso e manter o encadeamento de evidências.

Yin (2005) afirma que o processo de coleta de dados para o estudo de caso é mais complexo do que os processos utilizados em outras estratégias de pesquisa. Ele ressalta que o pesquisador do estudo de caso deve possuir uma versatilidade metodológica que muitas vezes não é tão exigida em outras estratégias. Para garantir o controle de qualidade durante o processo, ele deve obedecer a certos procedimentos formais. Os três princípios descritos anteriormente representam os passos que conduzem a essa direção. Entretanto, Yin (2005) afirma que um bom pesquisador, além do domínio das técnicas ele também deve produzir as percepções sobre os processos humanos e sociais.

Nesse estudo optamos por duas fontes de evidências: Entrevista semiestruturada e genograma.

7.3 Instrumentos

7.3.1 Entrevista

Um dos instrumentos da coleta de dados que nos pareceu ser o mais indicado para o aprofundamento da situação proposta foi a entrevista, pois, conforme afirma Yin (2005), a entrevista é uma das mais importantes fontes de informação para um estudo de caso, pois ela permite, ao entrevistado, expressar-se mais amplamente sobre cada tópico de interesse abordado pelo entrevistador e, assim, é possível alcançar o objetivo da pesquisa. Esse mesmo autor informa que, para atingir tal objetivo, o pesquisador deve seguir sua própria linha de investigação, como reflexo do protocolo de seu estudo de caso, e também organizar as questões reais (de uma conversação) de uma forma não-tendenciosa e que atenda às necessidades de sua linha de investigação.

Como forma de entrevista, optamos pela entrevista parcialmente estruturada, que segundo Gil (2002, p.117), “[...] consiste em uma entrevista guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso”. Elaboramos um roteiro de entrevista (Apêndice A e B) que conteve alguns aspectos que nos permitiram compreender a contribuição do “Projeto Guri” para emergência de talentos musicais e para inclusão social de crianças e adolescentes em contexto de alta vulnerabilidade social e a participação da família nesse processo.

Para verificar a eficácia do instrumento fizemos a aplicação de um Piloto que foi gravado e avaliado. Utilizamos um gravador nas entrevistas para que as respostas fossem colhidas na íntegra. As fitas dessa gravação serão destruídas após o término da pesquisa.

7.3.2 Genograma

O genograma é outro instrumento que utilizamos para a coleta de dados. Conforme define Cervený (1994, p. 90) “[...] genograma é uma representação gráfica multigeracional da família que vai além da simples genealogia, pois inclui também as relações e interações familiares”. É um instrumento que tem se mostrado eficiente para o entendimento das relações, vínculos, mitos e padrões das famílias de origem.

A sua elaboração consiste em representar graficamente a família. Inicia-se pela família nuclear e utilizam-se símbolos para designar seus membros. O genograma pode ser visto como um desenho da família e em cada representação simbólica pode-se fazer perguntas adequando-se à idade, intimidade e conhecimento dos envolvidos na elaboração do genograma.

Para Cervený (1994), o genograma pode se constituir num reencontro importante com o passado. Ele recolhe informações estruturais vinculares e funcionais de um sistema familiar que pode ser analisado de forma horizontal, por meio do contexto familiar atual e vertical através das gerações.

A sua utilização foi importante nesse estudo, porque possibilitou a identificação de crenças, valores e padrões interacionais da família, incluindo as gerações passadas, metas, expectativas e projeções sobre o futuro.

7.4 Participantes

Participaram dessa pesquisa três famílias, sendo o único critério ter um ou mais filhos participantes do Projeto Guri que apresentassem bons resultados no ensino musical. Essa avaliação musical realizada pelos instrutores regentes foi baseada no desempenho e na

habilidade que o aluno apresentava em relação ao estudo da música, a sua percepção, sensibilidade e o manejo do instrumento musical, também foram avaliados quanto à participação e interesse nas atividades musicais.

O caminho que nos pareceu mais viável para acessar a família foi por meio do próprio “Projeto Guri”, por indicação dos profissionais que conheciam as crianças e seus familiares. Também participaram da pesquisa três técnicos do referido projeto.

O tamanho da amostra foi definido pelo critério de saturação teórica, que consiste “no adicionamento progressivo de novos participantes, até o instante em que se alcançassem as informações desejadas e o incremento de novas informações não trouxesse mais contribuições de forma significativa para a pesquisa” (GIL, 2002, p. 139).

7.5 Caracterização dos participantes

Baseando nos relatos iniciais da entrevista, apresentamos alguns dados referentes às três famílias e aos técnicos entrevistados. As três famílias entrevistadas residem no mesmo bairro, em que está localizado o Pólo do Projeto Guri, alvo dessa pesquisa. Por razões éticas, os participantes foram identificados por nomes fictícios. As famílias escolheram nomes de compositores clássicos. A primeira família ficou designada por Família “BEETHOVEN”, a segunda, por Família “MOZART” e a terceira, por Família “BACH” e seus membros foram identificados por letras do alfabeto escolhidas aleatoriamente. T1, T2 e T3 são as letras escolhidas também aleatoriamente para os técnicos do projeto.

7.5.1 Famílias entrevistadas

7.5.1.1 Família “BEETHOVEN”

Membros da família - Nomes fictícios - **A** é do sexo feminino, exerce a profissão de doméstica e tem 44 anos. É casada com **B** há vinte anos. **B** tem 46 anos e é representante comercial. Eles têm dois filhos, cujos nomes fictícios denominamos de **C** e **D**, escolhidos aleatoriamente do alfabeto. **C** tem 18 anos e é do sexo masculino; é violonista da camerata de violões do Projeto Guri e está há nove anos no referido Projeto. **C** ganhou uma bolsa de estudos e está frequentando um Conservatório de música em uma cidade vizinha. **D** é do sexo feminino e tem 16 anos.

7.5.1.2 Família “MOZART”

Membros da família: **N** é do sexo feminino e tem 17 anos. Ela e a irmã **K** (de 21 anos, é solteira e trabalha como vendedora em uma loja de roupas) moram com a irmã mais velha **C**, de 25 anos, que é casada e tem um filho de 9 meses, trabalha como enfermeira em um hospital da cidade. A mãe de **N** é viúva e se casou novamente, indo morar com o companheiro. **N** frequenta o Projeto Guri há nove anos. Ela participa das aulas de canto. Fora do projeto ela está incluída em um grupo que se apresenta em eventos como casamentos e festas em geral. Também prestou uma prova para entrar no Conservatório que está localizado em uma cidade vizinha e passou. A entrevista foi realizada na casa de **C** e estavam presentes **K** e **C**.

7.5.1.3 Família “BACH”

Membros da família: **T** é do sexo masculino, solteiro, tem 18 anos e mora com a mãe e o padrasto. **T** tem duas irmãs e um irmão mais velhos que são casados. A mãe e o pai de **T**

se separaram quando **T** tinha 11 anos. **T** frequenta o Projeto Guri há 4 anos e aprendeu a tocar violoncelo. Há um ano, ele conseguiu uma bolsa de estudo para continuar os estudos musicais em um Conservatório, localizado em uma cidade vizinha. A entrevista foi realizada na casa de **T** e estavam presentes **T** e a mãe **E** - A mãe **E** tem 51 anos e exerce a profissão de babá.

7.5.2 Técnicos do Projeto Guri

T1 tem 36 anos e é do sexo masculino. Trabalha, há três anos, no Projeto Guri como instrutor regente e, há vinte e quatro anos, desenvolve atividades musicais com crianças e adolescentes. Iniciou suas atividades musicais com doze anos, quando ensaiava o coral de crianças da Igreja em que frequentava.

T2 tem 37 anos, é do sexo masculino e trabalha, há dois anos, no Projeto Guri, como instrutor regente. Há oito anos, desenvolve atividades musicais com crianças, adolescentes e adultos. É também regente da Banda Sinfônica da cidade.

T3 tem 33 anos, é do sexo masculino e iniciou suas atividades musicais com crianças e adolescentes no Projeto Guri, há oito anos.

7.6 Local de realização da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma cidade da região do Vale do Paraíba, em um bairro considerado de alta vulnerabilidade social, segundo o mapa regional de vulnerabilidade social do SEADE 2000 (FUNDAÇÃO, 2004). O genograma e a entrevista com as famílias foram realizados nas residências das próprias famílias e a entrevista com os técnicos do “Projeto Guri”, em seu local de trabalho.

7.7 Questões éticas

A pesquisa foi encaminhada ao CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), conforme o código de ética estabelecido pela portaria n.196/96, do Conselho Nacional de Saúde.

Após o projeto ter sido aprovado pelo Comitê de Ética, sob protocolo 045/2007, foi exposto, aos participantes, no primeiro contato, o objetivo geral e a forma de obtenção das informações (entrevista e genograma). Foram também comunicados quanto à gravação da entrevista e informados quanto à destruição das fitas após o término da pesquisa. Após a assinatura no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (apêndice C) as entrevistas e o genograma com as famílias foram realizados nas suas residências e as entrevistas com os técnicos do “Projeto Guri”, em seu local de trabalho.

As entrevistas e o genograma, aplicados aos pais em suas residências, permitiram maior observação do contexto familiar e sua dinâmica.

7.8 Procedimentos

O primeiro passo metodológico dessa pesquisa foi o levantamento bibliográfico, realizado por meio de leituras prévias de indicações sobre o tema, leituras seletivas, para a escolha das obras ou capítulos que continham informações úteis para o trabalho em questão e leituras críticas e reflexivas para apreensão das idéias fundamentais, que foram encontradas em cada texto. Conforme afirma Andrade (2001), o levantamento bibliográfico é uma etapa fundamental da pesquisa, porque, além de proporcionar uma revisão sobre a literatura, ele também possibilita uma avaliação dos trabalhos publicados sobre o tema. Como referência

teórica, optamos pela Abordagem Sistêmica, que possibilita uma análise da interdependência que há nas redes de relações estabelecidas interativamente.

O segundo passo foi a escolha qualitativa, que, como foi vista no início do capítulo, possibilita um olhar para interações, dinâmicas e contextos.

O terceiro passo foi encontrar um Projeto social que atendesse aos objetivos propostos na pesquisa. Por acessibilidade fizemos contato com o Projeto social “Associação amigos do Guri”, conhecido por “Projeto Guri”, que é mantido pelo Governo do Estado de São Paulo. Esse projeto tem por objetivo a inclusão social, promovida por meio do ensino coletivo da música. Um dos pólos desse Projeto tem sua base localizada em uma região de uma cidade do Vale do Paraíba, considerada de risco segundo o mapa de vulnerabilidade social fornecido pelo SEADE 2000 (FUNDAÇÃO, 2004). Após ter escolhido este pólo no “Projeto Guri”, solicitamos a autorização da direção para a realização da pesquisa.

Em seguida, definimos a amostra. Os técnicos do Projeto Guri indicaram alguns alunos que se destacavam nas atividades musicais realizadas no Projeto. Essa indicação foi baseada no desempenho e na habilidade que o aluno tem em relação ao estudo da música, a sua percepção, sensibilidade e manejo com o instrumento musical. Os alunos também são avaliados quanto à participação e interesse.

Após a indicação, iniciamos o contato com uma família para a realização da entrevista piloto. Como resultado da análise da entrevista, constatamos que algumas questões levavam a uma ampliação do tema, dificultando a convergência do assunto para aspectos mais específicos relacionados aos objetivos presentes na pesquisa. Então excluímos algumas questões e incluímos outras que abordavam de forma mais direta as questões a que nos propusemos pesquisar. O número de questões foi aumentado de dez para treze questões, e as perguntas foram elaboradas de forma mais direta. O resultado da análise da entrevista piloto, após essa alteração mostrou que o instrumento era viável, tendo em vista a riqueza e a

diversidade que se fizeram presentes no discurso, o que possibilitou melhor compreensão acerca do tema: manifestação de jovens talentos musicais.

Para dar seguimento à pesquisa, contatamos outras famílias. Fizemos o contato inicial por telefone e marcamos um encontro em suas residências. Nesses encontros, após algumas informações acerca da pesquisa, as famílias foram questionadas sobre o interesse em participar da mesma. Expusemos os objetivos e enfatizamos a importância de sua participação. Após concordarem em participar da pesquisa, as pessoas foram informadas sobre a entrevista e o genograma, e também foi explicado sobre a gravação e destruição da fita cassete após o término da pesquisa. Os membros da família assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e a entrevista e o genograma foram realizados.

Seguindo o critério de saturação teórica (GIL, 2002), em que o número de participantes cessa no instante em que se alcança a informação desejada, nós finalizamos as entrevistas com o número de três famílias. Na primeira família pesquisada, estavam presentes, o pai, a mãe e o filho. Na segunda família, somente as duas irmãs da jovem que frequenta o Projeto Guri. A jovem e sua irmã solteira moram com a irmã mais velha que é casada. Na terceira família, a mãe do jovem que frequenta o Projeto Guri também participou da entrevista.

7.9 Análise dos dados

Após o registro das informações coletadas por meio da transcrição literal das fitas, da observação realizada nas residências e da análise do genograma, nós realizamos uma análise qualitativa do conteúdo. Como método de análise, utilizamos os procedimentos e técnicas oferecidas pela *Grounded Theory Methodology* (STRAUSS; CORBIN, 1990), levando-se em conta a sensibilidade do método no que tange a contextos e a possibilidade de uma maior

compreensão de determinadas situações, o que vai ao encontro dos objetivos da referida pesquisa.

A *Grounded Theory Methodology* é um método indutivo que deriva do estudo do fenômeno a que ele representa. Essa teoria propõe um estreito elo entre o pesquisador e os dados coletados, ou seja, o pesquisador deve mergulhar nos dados que está coletando, para buscar construir gradativamente uma compreensão dos mesmos. Sua utilização foi elaborada a partir de procedimentos criteriosos que seguimos passo a passo.

O primeiro momento do processo de análise foi o processo da “codificação aberta”. Nesse momento, como esclarece Yunes (2001), ocorre a interação do pesquisador com os dados propriamente ditos. Várias e repetidas leituras foram realizadas, os parágrafos foram analisados um a um, buscando sempre a identificação de conceitos que melhor representavam as dimensões da experiência do entrevistado. Segundo Strauss e Corbin (1990), um conceito pode ser definido como um fenômeno nomeado. Para descobrir, nomear e desenvolver os conceitos com base nos dados das entrevistas, foi necessário segmentar o texto e explorar os pensamentos, idéias e significados nele contidos. Formulamos várias questões para nós mesmos, fizemos comparações.

Assim, por meio do exame minucioso de linha por linha, de parágrafo por parágrafo, cada fala significativa foi assinalada e transformada num código. Os códigos são a primeira estrutura da elaboração conceitual. Constituem-se, portanto, pedaços das falas do entrevistado. Esse procedimento facilitou o agrupamento dos conceitos por suas similaridades e diferenças conceituais o que permitiu formar as categorias. Para facilitar a compreensão, segue um exemplo.

CONCEITO	TRECHO ILUSTRATIVO
Transmitindo valores	“Eu tento passar o que eu aprendi, que foi bom para mim e que ele leve adiante para os filhos dele. Trabalhar com a verdade é uma coisa que eu sempre aprendi”.
Percebendo o que está ao alcance da família	“o que um tem, às vezes, ele não pode ter”.
Monitorando	“ele tinha dia que não queria ir, eu dizia ‘vai’ e eu ficava marcando a hora – ‘tal hora vice chega lá e tal hora você está de volta’, era marcação cerrada”.

O passo seguinte foi a “Categorização” – nessa fase nós agrupamos os conceitos que já se apresentavam em um grande número, em categorias que melhor representavam seus significados. As categorias foram nomeadas de forma abstrata e de maneira a apresentar uma “força conceitual”. O nome das categorias foi escolhido por nós. O que se deve entender segundo Strauss e Corbin (1990) é que os conceitos abstraídos dos dados não são temas descritivos. O exercício de “questionar-se” e “fazer comparações” do processo anterior facilitou o agrupamento das categorias até chegar à saturação teórica. Esse processo pede que se faça anotações a partir de insights e idéias que vão surgindo a respeito dos códigos, categorias e relações entre elas.

O próximo passo foi o da “codificação axial” em que nós encontramos relações entre as categorias e subcategorias, reunindo-as em torno de um eixo.

Strauss e Corbin (1990, p.96) definem codificação axial como sendo,

Um conjunto de procedimentos onde os dados são agrupados de novas formas, após a codificação aberta, através das conexões entre as categorias. Isto é feito através do uso de um paradigma de codificação que envolve condições, contextos, estratégias de ação/ interação e conseqüências.

Essa fase possibilitou efetuar a ligação e desenvolver as categorias que foram verificadas pelos dados que as compunham e que foram algumas vezes reorganizados. Essa metodologia exige que o pesquisador tenha grande flexibilidade de pensamento, se permitindo sair e voltar aos dados o tempo todo.

O processo se finalizou com o chamado “Fenômeno Central ou Codificação Seletiva” que consistiu na busca do fenômeno que estabelecia o elo entre as categorias. Nesse momento, conforme afirma Yunes (2001), há uma integração de todas as categorias o que poderá possibilitar a formação da teoria fundamentada nos dados. A “elaboração da história”, cuja fase consiste na narrativa descritiva do fenômeno central, é um recurso técnico que auxilia na Codificação Seletiva. Essa história conteve toda a síntese construída a partir dos dados e as diferenças e semelhanças encontradas foram explicadas, chegando-se ao Fenômeno Central. Os resultados da análise das entrevistas serão apresentados a seguir.



CAPÍTULO 8
RESULTADOS E DISCUSSÕES

*A leitura torna o homem completo, a
conversa torna-o ágil e o escrever dá-lhe precisão.*

(Francis Bacon)

8 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados serão apresentados inicialmente pelo Genograma e por um Quadro representando as etapas do processo de análise pelo método da *Grounded Theory Methodology*. Esse quadro mostra o caminho percorrido pela análise, desde a extração do código a partir da fala, até a identificação do conceito, mediante o exercício de questionar e comparar os dados. Os termos que utilizamos para designar as categorias, subcategorias e conceitos foram construídos por nós, considerando que eram os que melhor representavam o significado dos fatos, interações e sentimentos presente. Em seguida virão as considerações acerca das categorias, subcategorias e conceitos.

Esse processo possibilitou a elaboração da história em que buscamos estabelecer os elos entre as categorias. Essa história foi representativa da experiência das famílias e do Projeto Guri para a emergência dos talentos dos filhos e de sua inclusão social. Em seguida apresentaremos a história do discurso crítico, baseada na ótica da teoria sistêmica.

A construção de um conhecimento integrado acerca dessas experiências mediante a compreensão conceitual do fenômeno em estudo nos permite dizer que nosso objetivo foi alcançado.

Iniciaremos a seguir a apresentação dos resultados na ordem acima citada.

8.1 Genograma

O genograma realizado com as famílias possibilitou identificar a transmissão intergeracional de talentos musicais.

GENOGRAMA DA FAMÍLIA “BEETHOVEN”

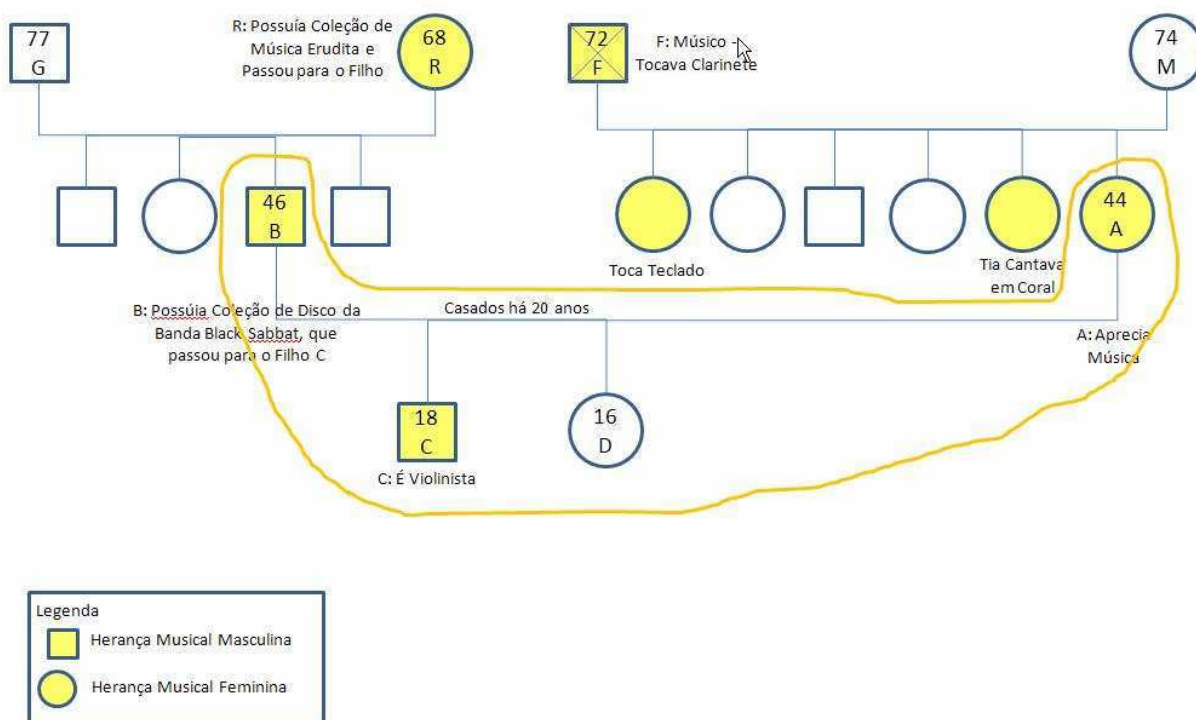


Figura 1

GENOGRAMA DA FAMÍLIA “MOZART”

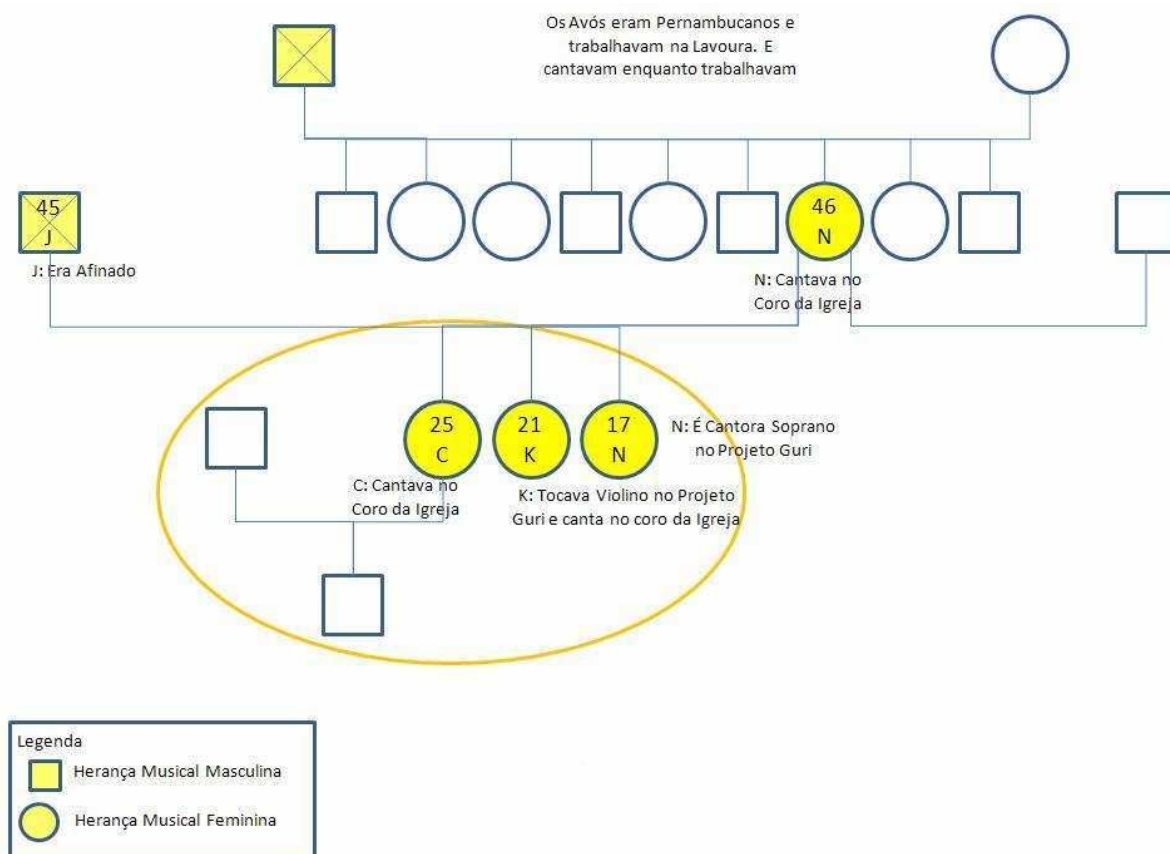


Figura 2

GENOGRAMA DA FAMÍLIA “BACH”

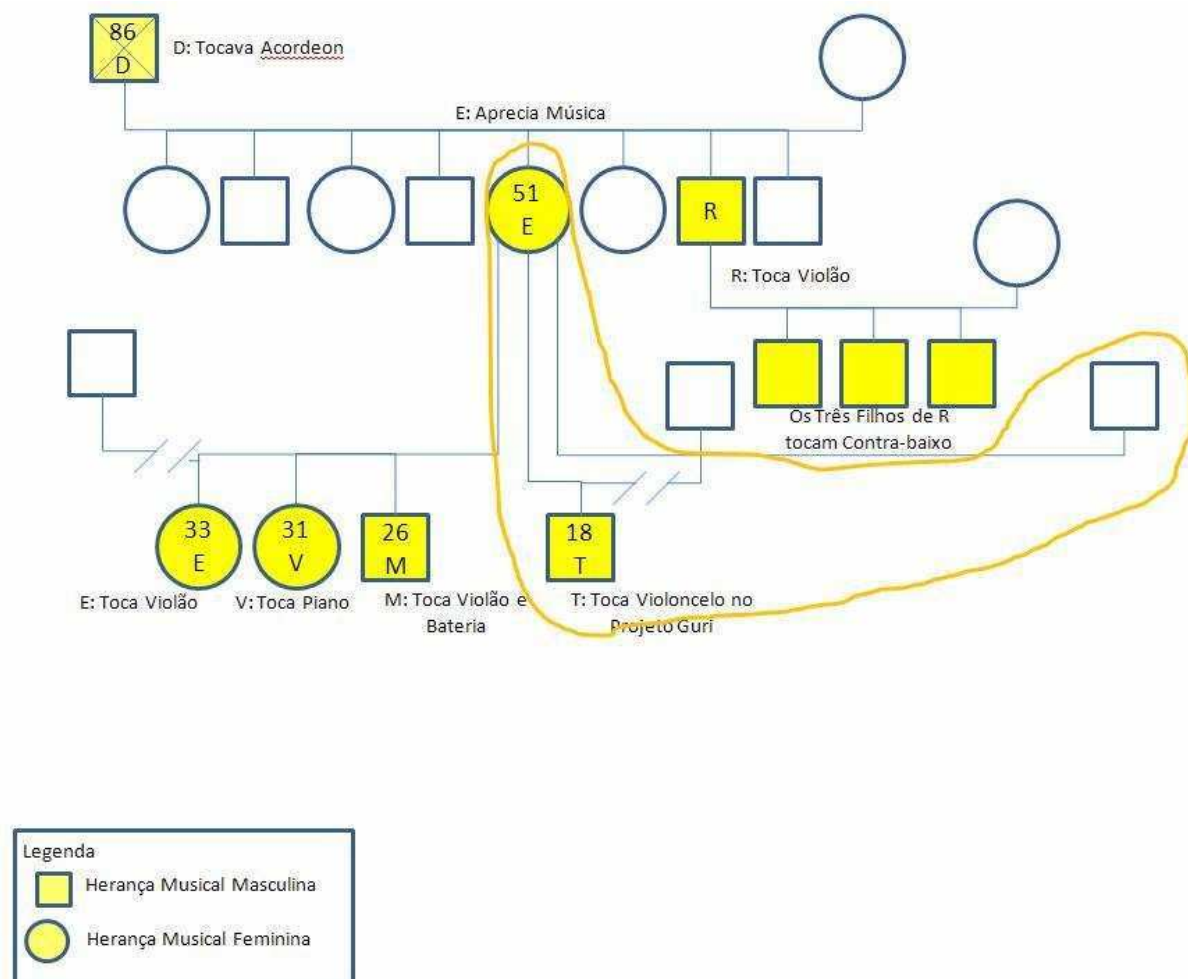


Figura 3

8.2 Considerações acerca do quadro de análise das entrevistas

A entrevista realizada com a família trouxe relatos que possibilitaram desvendar os significados que a experiência em família tinha para eles. Essa percepção sobre si sobre seus filhos e sua família formava o seu sistema de crenças. Isso possibilitou visualizar os recursos e estratégias utilizados na educação dos filhos com objetivos de torná-los “homens de bem”, o que propiciou o incentivo à frequência e permanência no Projeto sócioeducativo. Esse contexto favoreceu o contato dos filhos com seus talentos pessoais.

Alguns eixos norteadores despontaram durante o relato e formaram as principais categorias da análise. Para melhor compreensão de cada uma das categorias, elas serão aqui apresentadas por meio de um quadro. Esse quadro está dividido em seis colunas. Essas colunas representam as etapas do processo de análise pelo método da *Grounded Theory Methodology*. Os trechos ilustrativos das entrevistas-códigos e os conceitos formaram o primeiro momento do processo de análise que se denomina “codificação aberta” na qual ocorreu a interação com os dados propriamente ditos. O segundo momento foi a “Categorização” em que foram denominadas no quadro por subcategoria I, subcategoria II e subcategoria III; nessa fase, foram agrupados os conceitos que melhor representavam os significados. Esse procedimento auxiliou na organização dos dados. O próximo passo foi o da codificação axial, em que foram encontradas as relações entre as categorias e subcategorias, reunindo-as em torno de um eixo que constou na tabela com o nome de categoria.

Quadro de Análise das Informações

QUADRO DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA			CONCEITOS	TRECHOS ILUSTRATIVOS
	I	II	III		
Manifestando Talentos	Considerando o papel parental	Tendo expectativa para com os filhos		Desejando que o filho se torne pessoa honesta, responsável e respeitada, estude e tenha uma profissão	<p>Família Beethoven- A- Ah! é tanta coisa, responsabilidade, respeito, caráter". B- O objetivo que nós temos é que ele se torne uma pessoa do bem". "ser verdadeiro". C- "ser honesto, ser humilde, ser leal." Família Mozart C- "ser uma pessoa de respeito" Família Bach E- "quero principalmente estudo" - "Eu queria que todos eles estudassem e não parassem de estudar" E- "Eu queria que eles se orgulhassem daquilo" - "estudei e consegui" Eu queria que eles tivessem uma vida melhor pra não passar o que eu já passei e falta de estudo né. Eu não tive oportunidade que meus filhos têm porque eu morava na roça e lá era muito difícil porque lá só tinha a primeira série e o resto tinha que ir pra cidade e meus pais não deixavam, os pais de antigamente prendiam muito os filhos e não deixavam estudar na cidade quando o pai queria já vinha outro amigo e dizia –“pra que estudar” e não incentivavam.</p>
				Desejando dar ao filho o que não teve na própria infância	<p>Família Bach E- "Eu queria que eles tivessem uma vida melhor do que eu tive" - para não passar o que passei - "que é por falta de estudo"</p>
				Desejando que o filho estudasse música	<p>Família Bach E- "Eu queria que ele aprendesse música, então eu via assim o grupo do Guri, sempre que eu vinha do serviço, eles iam fazer uma apresentação, tocar em eventos, eu achava muito bonito"</p>
		Utilizando estratégias para alcançar expectativa		Transmitindo valores	<p>Família Beethoven- B- "eu tento passar o que eu aprendi, que foi bom pra mim e que ele leve adiante para os filhos dele. Trabalhar com a verdade, é uma coisa que eu sempre aprendi."</p>
				Sendo modelo para os filhos	<p>Família Mozart k- "O exemplo dos pais é importante... um exemplo vale mais que mil palavras".</p>
				Oferecendo recursos financeiros	<p>Família Beethoven- B- "ele se preparou e conseguiu entrar no conservatório só que ele não tinha bolsa, eu falei pra ele começar que eu iria ver um jeito de me virar."</p>
	Monitorando			<p>Família Beethoven- A- "ele tinha dias que não queria ir, eu dizia-"vai" e eu ficava marcando a hora-"tal hora você chega lá e tal hora você está de volta", era marcação cerrada." Família Bach E- "saber com quem anda"</p>	
	Apoiando			<p>Família Beethoven- B-"começa e vamos ver como é que fica." "Dando meios para ele estudar, progredir". Família Bach E- "ai ele pediu um celo (violoncelo) para mim - Eu falei - Ah! Vou comprar sim, vou me esforçar"</p>	
	Conversando			<p>Família Bach E- "Ah! É conversar bastante, não fazer muita pressão, eu acho assim, sempre orientando ele pra não parar de estudar"</p>	

Quadro 1

Quadro de Análise das Informações

QUADRO DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES						
CATEGORIA	SUBCATEGORIA			CONCEITOS	TRECHOS ILUSTRATIVOS	
	I	II	III			
Manifestando Talentos	Considerando o papel parental	Utilizando estratégias para alcançaras expectativas	Ensinando o filho	Trabalhar	Família Beethoven- B- "ensinando a trabalhar".	
				a diferenciar o que é bom ou ruim	Família Beethoven- B- "que ele saiba diferenciar o que é bom e o que é ruim pra ele".	
				a perceber o que está ao alcance da família	Família Beethoven- B-"o que um tem, às vezes ele não pode ter".	
		Considerando as situações de risco que podem impedir que as expectativas sejam atingidas			Padrão comunicacional entre pais e filhos adolescentes	Família Beethoven- A- "Hoje em dia a gente dá oportunidade deles questionarem e aí eles vão prolongando, prolongando e aí chega uma hora que não" B - " às vezes é difícil porque ele não fala, fica quieto e a gente pergunta, ele diz que não é nada, tal, porque ele é recluso"
					Violência nas ruas (drogas, bebidas)	Família Beethoven- B - "É preocupante pra nós porque em todo lugar a gente vê a questão da droga. Aqui na rua de casa, na Praça do Cruzeiro, em todo lugar. A coisa é real, está na porta de casa." B - "...é diferente porque hoje é muita droga rolando solto, muita bebida. Família Mozart C- " a sociedade mesmo... a gente ensina uma coisa e na rua eles aprendem outra". Família Bach E - "acho assim que a dificuldade pra educar um filho é muita droga, muito má companhia" - "Sei lá você vê criançadinha pequena assim tudo já usando drogas, eu me preocupo muito. E isso é uma coisa que você não pode evitar".
					O alcoolismo do pai	Família Mozart C- " Meu pai era alcoólatra, mas era uma pessoa boa"... "minha mãe era uma pessoa maravilhosa, meu pai era alcoólatra e ela trabalhou muito, muitos anos sustentando a gente sozinha..." K - "...meu pai na época nada estava bom porque bebia bastante..."
	Doença				Família Mozart C- " No meu serviço...a gente vê tanta gente que adocece, que não tem cura".	
	Quando o filho fica desocupado				Família Beethoven- A- Ele foi entrando na adolescência e eu achava que ele tinha que fazer alguma coisa e não ficar com um tempo tão ocioso, porque ele só ia na escola na parte da manhã". "Quando "D" parou de frequentar o Projeto Guri, eu digo então que você vai fazer alguma coisa, porque ociosa você não vai ficar, mente vazia não presta". Família Bach E- "Eu me preocupava muito com T porque o outro meu filho já é meio perdidinho. Ele ficava muito sozinho em casa, só com a minha filha, eu trabalhando e a minha filha deixava ele muito a vontade, então ele ficou muito a vontade, direto pra rua , então por isso é que eu me preocupava muito com o T eu queria muito que ele tivesse uma ocupação no período em que ele não estava na escola, justamente pra ele não seguir o mesmo caminho que o outro filho, né?"	

Quadro 2

Quadro de Análise das Informações

QUADRO DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA			CONCEITOS	TRECHOS ILUSTRATIVOS
	I	II	III		
Manifestando Talentos	Considerando o papel parental	Considerando as situações de risco que podem impedir que as expectativas sejam atingidas		Padrão relacional- (filho sair com colegas que não conhecem é mais perigoso do que amigos e parentes)	<p>Família Beethoven- A - "excursão, vão pessoas que a gente nem conhece, tem amigos e colegas" B - "Eu ia a show de Rock, mas nós íamos com os irmãos, os primos, nós íamos todos juntos"</p>
				Quando o desejo de pedidos de matérias não essenciais do filho não é realizado.	<p>Família Beethoven- A - "É como nesse show que ele quer ir agora em março. A gente não tem como arcar com os custos...um ingresso de R\$ 250,00, não dá, não tem condições". A- "É a segunda vez que esta Banda vem ao Brasil e ele não pode ir."</p>
				Quando o desejo de pedidos de continuar os estudos do filho não é realizado	<p>Família Bach E - "É tipo assim às vezes eu acho que ele tem vontade de fazer muitas coisas assim, eu não tenho assim condições" E - "Ah! É muito difícil" E - "Eu busco forças pra incentivar ele pra ele não parar"</p>
				Quando o filho deseja ir para outra cidade, a passeio.	<p>Família Beethoven- A- Ir no show é perigoso, não é aqui na cidade, é em São Paulo, no Parque Antártica".</p>
				Ausencia dos pais por motivo de trabalho	<p>Família Bach E - "Eu acho assim, eu sempre trabalhei e meus filhos ficaram sempre sozinhos, praticamente sozinhos e sempre precisei trabalhar e deixar eles, então pra mim eu acho muito difícil, porque já é um meio deles se envolverem com outras pessoas, entendeu? Com companhias ruins"</p>
				Quando o filho não cumpre alguns valores transmitido pelos pais	<p>Família Beethoven- B- "Até então ele não bebia e de um ano pra cá nós fomos descobrir por acaso. Então ele esconde, ele faltou com a verdade".</p>
				Dificuldades financeiras	<p>Família Beethoven- A - " A gente não tem como arcar com os custos." A - "Então a dificuldade pra nós é a questão financeira". Família Bach E - "Quando ele entrou lá na Fego, eu achava que era muito difícil porque lá é pago e eu não tinha condições de pagar. Ele chegou pra mim e falou- "eu vou fazer matrícula na Fego", eu falei, -"mas como eu não tenho condições de pagar", ele disse,-"mas eu vou fazer" eu disse, -" Ah é mas quem vai pagar?" eu disse -"eu não tenho condições" eu já estava separado do pai dele e eu pensei como é que eu ia fazer"</p>
				O não atendimento de pedidos materiais não essenciais	<p>Família Beethoven- C- "É um show, pai e baixou pra R\$ 180, 00 e tá tudo incluso, é excursão."</p>

Quadro 3

Quadro de Análise das Informações

QUADRO DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA			CONCEITOS	TRECHOS ILUSTRATIVOS
	I	II	III		
Manifestando Talentos	Considerando o papel parental	Conceituando o que é uma situação de risco para o filho		O não atendimento de pedidos para um curso universitario	Família Bach E - "mãe eu queria fazer uma coisa como uma faculdade" (nossa ele quer demais!) eu digo eu também queria muito que você fizesse, mas eu não tenho condições, então ele não tem um emprego então parece que ele vê aquele obstáculo dentro dele, parece que a gente está enxergando que ele acha aquilo difícil"
				Quando os pais morrem ou saem de casa	Família Mozart K- "No meu serviço, muitas vezes alguns trabalham só pra conseguir comprar uma roupa bonita, dar um passeio, pra sair com o namorado. Eu não eu preciso trabalhar pra pagar as minhas contas...você tem suas contas, você tem sua vida, lá elas têm a mãe delas pra sustentar, se elas não tem algum dinheiro pra pagar, o pai paga, a mãe paga."(o pai morreu e a mãe se casou novamente e foi morar com o companheiro) C- Na minha família eu acho que está sendo bem difícil é a família ter se desfeito assim. A mãe ter se separado de nós. Ela faz bastante falta."
				Padrão comunicacional entre pais e filhos	Família Beethoven- C- " Eu, às vezes não gosto mesmo de falar. Eu mesmo fico pensando em uma solução. Eu também não gosto deles entrarem assim pra retornar. Eu prefiro resolver sozinho". C-" Eu prefiro pagar pra ver as coisas. Exemplo: "toma cuidado", eles <u>falam</u> essas
		Utilizando recursos para lidar com situação de risco		Conversando	Família Beethoven- A- "Nós tentamos conversar". Família Mozart C- " Quando a K chora tento falar alguma coisa, aliviar um pouco". Família Bach E- "é onde eu tenho que conversar com ele e eu digo –"não T você tem que ir devagar, você tem que arrumar um emprego, pra depois pensar nisso, porque eu não tenho condições"
				Percebendo as diferenças	Família Mozart K- "Nenhuma família é igual a outra."
				Inserindo o filho em Projetos sociais	Família Beethoven- A- Ele foi entrando na adolescência e eu achava que ele tinha que fazer alguma coisa e não ficar com um tempo tão ocioso, porque ele só ia na escola na parte da manhã e a época que eu procurei o Projeto Guri, fazia um ano que tinha sido aberto"...alguma coisa ele tem que fazer". Família Bach E - "então aquilo que a gente pode fazer pros filhos da gente pra ele não ir pra rua e não se desviar do caminho, mas ficar ocupado ali. O tempo dele ele se ocupar com a música, com alguma coisa positiva"
			Tendo otimismo	Família Mozart K- "Eu acho que é fundamental ter...otimismo".	

Quadro 4

Quadro de Análise das Informações

QUADRO DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES						
CATEGORIA	SUBCATEGORIA			CONCEITOS	TRECHOS ILUSTRATIVOS	
	I	II	III			
Manifestando Talentos	Considerando o papel parental	Utilizando recursos para lidar com situação de risco		Tendo fé espiritual	<p>Família Mozart K- "Eu acho que é fundamental ter Deus. Saber que Deus está em sua vida."</p> <p>Família Bach E - "mas e se ele não pagar, vai cair tudo em cima de mim" aí eu disse –"Ai Jesus tenha misericórdia" eu fui pela fé né! Aí fez a matrícula da Fego, aí de repente ele disse –"Ah! Mãe o professor falou pra mim, me deu um papel pra eu preencher e conforme se for aprovado eu vou ganhar uma bolsa" assim umas duas semanas que ele entrou"</p>	
				Tendo percepção da realidade	<p>Família Mozart K- "Em busca dos sonhos, mas não deixando a realidade de lado, sabendo os limites do seu sonho".</p>	
		Considerando o papel do Projeto Guri na percepção dos pais			Surgindo ocasião oportuna	<p>Família Mozart K- " surgiu a oportunidade do Projeto Guri".</p>
					Descobrimo talentos	<p>Família Mozart K- " o professor foi descobrindo e foi trabalhando". K- " os professores são profissionais capacitados, quando a pessoa que entende mais que você, fala que você pode, você acaba acreditando, não é?"</p> <p>Família Bach E - "Eu acho que foi o Projeto Guri através dos professores que perceberam e incentivaram ele e ele foi gostando muito"</p>
					Oferecendo curso de música gratuito	<p>Família Mozart K- " A gente nunca teve condições de pagar aula particular para tocar ou cantar. Eu jamais podia imaginar que podia tocar violino".</p>
					Tendo um instrumento para tocar	<p>Família Mozart K- "Eu entrei e não acreditei que eu ia ter um instrumento pra eu tocar lá no Projeto Guri, nossa!Estava muito longe de mim e quando eu vi que era verdade, que eu tinha um instrumento realmente para eu poder tocar que era uma coisa que eu nunca imaginava que eu ia ter um instrumento".</p>
					Aprendendo uma profissão	<p>Família Bach E- "Deles aprenderem uma profissão, deles aprenderem alguma coisa boa"</p>
					Ocupando o tempo ocioso do filho	<p>Família Bach E- "que nem esse negócio do Projeto Guri é uma coisa muito boa que fizeram pros filhos, né, porque você vê nas escolas tem drogas, só quem não quer aprender alguma coisa né, porque hoje nós temos o Projeto Guri, a Escola da família, porque isso pode ocupar aquele tempo vago, pra não pensar besteira" E - "E graças a Deus ele encontrou o Projeto Guri. Ele até hoje nunca foi um menino de rua, porque no tempo que era pra ele ir pra rua ele estava ocupado no Guri, entendeu? Quando ele chegou naquela idade de estar indo pra rua, os coleguinhas chamando ele não estava em casa ele estava lá no projeto Guri então pra mim isso foi muito bom" E - "Eu acho que é um meio de tirar a criança da rua"</p>

Quadro 5

Quadro de Análise das Informações

QUADRO DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA			CONCEITOS	TRECHOS ILUSTRATIVOS
	I	II	III		
Manifestando Talentos	Considerando o papel fraterno			Repetindo um modelo	Família Mozart K- uma ia seguindo a outra e a C cantava no coral e eu cresci um pouco mais e cantava também e a N não foi diferente..."
				Transmissão intergeracional de talentos	
	Tendo herdado coleção de vinil de música POP do pai que herdou coleção de música erudita da mãe	Família Beethoven- B- Eu até passei pro "C" meus discos da Banda Black Taba, eu tenho também uma coleção de músicas erudita, na qual eu herdei de minha mãe. "Sim, eu tenho uma coleção que eu herdei de minha mãe. E de todos os meus irmãos, somente eu peguei gosto por música erudita e por isso minha mãe me deu sua coleção".			
	Sendo avôs paternos apreciadores de música	Família Mozart K- "Os meus avôs cantavam enquanto trabalhavam na lavoura lá em Pernambuco".			
	sendo a mãe apreciadora de música	Família Bach E- "Ah eu acho que o meu (talento) ficou enterradinho, eu sempre gostei muito de música, até entrei na igreja pra aprender, mas parei"			
	Tendo um pai com aptidão para o canto	Família Mozart K- "O meu pai gostava de música". K- "O pai cantava bem".			
	Sendo agente da propria historia	Tendo expectativas próprias			
				Sendo compreensiva	Família Mozart C- "saber compreender as outras pessoas"
				Sendo uma pessoa de bom caráter	Família Mozart C- "Ser uma pessoa de bem"
				Sendo uma pessoa que exerce atividade remunerada	Família Mozart C- "Somos pessoas de bem, trabalhadora"
				Sendo musicista	Família Mozart K- " Ela já consegue se ver no futuro, mesmo se ela falar assim eu posso conseguir um emprego de vendedora pra eu ser músico mais pra frente..."

Quadro 6

Quadro de Análise das Informações

QUADRO DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA			CONCEITOS	TRECHOS ILUSTRATIVOS
	I	II	III		
Manifestando Talentos	Sendo agente da própria história	Utilizando recursos para alcançar as expectativas		Estudando com afinco	Família Mozart K- " Ela tinha estudado bastante. Então é automático, ela queria estudar aqui pra chegar lá e fazer direito. Ela foi aprendendo sozinha." Família Beethoven C- "É, nossos ensaios na "Fego" é aos sábados de manhã. E já teve feriado que nós ensaiamos e eu deixei parentes em casa e fui..."
				Buscando perfeição	Família Mozart K- "...o professor dava uma peça em inglês e ela estava começando o curso ainda e ela ficava ouvindo música em Inglês e ela estava começando o curso ainda e ela ficava ouvindo em Inglês e tanto às vezes ela pode nem saber a tradução, mas ela canta perfeitamente". C- " Ela acha que nunca está perfeito, ela tem que aperfeiçoar mais".
				Buscando evoluir nos estudos	Família Mozart K- " E começamos a cantar na Igreja e cada hora cantava sozinha e começava, começava e quando foi e surgiu a oportunidade do Projeto Guri". C- " É uma coisa que ela quer, né? Ela corre atrás e agora ela fez um teste na Fego Camargo e passou. É uma coisa que ela quer".
	Considerando o papel dos técnicos do Projeto Guri	Conceituando e identificando talentos		Sendo uma qualidade inata	T1 - "Talento é um dom." T2 - "Talento é um dom que uma pessoa consegue destacar entre outras" T3 - "Talento é um dom."
				Tendo boa absorção	T1 - " é a facilidade que o aluno tem para assimilar." T2 - "A primeira vez que o aluno pega o instrumento, toca, você já percebe, primeiro, a facilidade de aprendizado"
				Memorizando rápido o conhecimento adquirido	T1 - "é quando eu estou ensinando alguma coisa pra criança...ela já gravou e na próxima aula se você perguntar pra ela, ela já sabe". T3 - "Na primeira semana tá todo mundo junto. A primeira aula ele já tem um instrumento na mão. Passado uns dias, por exemplo, eu digo:"- 2ª corda", tem gente que nem olha e já sente a nota e já encontra a 2ª corda. E aí ele já quer fazer a 3ª e assim vai"
				Sendo virtuose	T2 - "As pessoas que conseguem sobressair dentro da música a gente diz que são os virtuosos"
		Percebendo a família		Sendo incentivadoras	T1 - "pais que dão muito valor, que incentivam, que perguntam como os filhos estão se saindo" T2 - "algumas famílias ajudam prontamente, inclusive incentivam, vão lá, até compram o instrumento, dão total apoio"
				Tendo dificuldades financeiras	T2 - "outras, infelizmente às vezes até querem mas não têm condições"
			Faltando apoio da família	T1 - "Às vezes aquela criança tem talento, é o melhor aluno dentro da sala de aula e o pai não quer deixar ela vir" T2 - "outras não tão nem aí mesmo, às vezes até tem condições, mas infelizmente não estão nem aí mesmo" T2 - "as pessoas vêm a parte musical como um hobby e não como uma profissão, e não valorizam, então nem ai. Eles falam que é só para não ficarem na rua, mas não pensam que com o talento que aquele menino tem, eles podem simplesmente serem profissionais" T3 - "A gente vê famílias empenhadas em ajudar o filho, eles correm atrás pra tentar conseguir os instrumentos Acompanham nas apresentações"	

Quadro 7

Quadro de Análise das Informações

QUADRO DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA			CONCEITOS	TRECHOS ILUSTRATIVOS
	I	II	III		
Manifestando Talentos	Considerando o papel dos técnicos do Projeto Guri	Auxiliando a manifestação de talentos	tendo metodologia de ensino	Transmitindo conhecimento	T2 - " Pra mim, é informação, porque quando a criança tem a facilidade de absorver isso e pegar rápido então quanto mais informação você começa a jogar, mais ela vai pegando"
				Oferecendo maiores desafios	T2 - " então a criança entra ali e com duas aulas ela já está com nível da segunda turma, então você tem que passar ela, mes'mo que ela não esteja totalmente adequada, mas como ela aprende rápido logo ela já vai para a terceira turma, a gente não pode segurar porque senão desmotiva" T3 - "Aqueles que estão indo rápido demais precisam ser mais desafiados para não se desmotivarem"
				Utilizando recurso da brincadeira	T1 - "eu sou muito brincalhão, O aluno entra na sala de aula e ele esquece que ele está dentro de uma sala de aula, ele esquece até de ir embora porque ele diz "mas já deu o horário, professor, mas eu quero ficar mais" então eu quero que ele esqueça um pouco os problemas que estão lá fora, pra ele poder aproveitar mais aquilo que ele tem de bom dentro dele" T2 - "nós temos alguns exercícios que são chatos de se fazer, são muito repetitivos, mas tem que fazer, então a gente tem que fazer uma brincadeira para motivar, uns jogos. É um jeito de despertar a criança"
				Ampliando horizontes	T3 - "Depois eles vão visitar o teatro em São Paulo, porque São Paulo, porque lá já é o meio daquilo ali e aí eles começam a enxergar outras coisas e começam a ampliar o olhar"
				Considerando a cultura local	T3 - "Você precisa detectar o estilo dele porque você não pode desprezar aquele estilo dele. Através daquele estilo é que você motiva ele" T3 - "o bairro aqui é muito carente, qual que é o perfil deles aqui, é muito difícil no violino no começo querer ensinar Beethoven aqui, então qual que é o estilo deles aqui, pagode, Funk. "- posso tocar pagode no violino?", eles perguntam. Pode! não posso menosprezar, mas na escola de violino tem que conhecer outros estilos e depois eu vou vindo com ele o que fica melhor, o que combina mais com violino? Não posso desprezar a sua cultura. De maneira nenhuma eu desprezo a cultura dele porque é o meio em que ele vive"
				Oferecendo opções de instrumentos musicais	T1 - "Eu quero aprender sax". Aí chega na hora do saxofone, ele não consegue tocar o saxofone, ele não consegue aprender. Daí a gente fala porque você não pega um clarinete ou uma flauta transversal, pronto aí ele vai embora na música"
				Trabalhando com amor	T2 - "Tudo que a gente faz com amor dá resultado"
				Motivando	T3 - "antes deles saírem de férias nós já agendamos uma apresentação pro ano seguinte para motivá-los mais, porque senão muitos não voltam"
				Ensinando a planejar	T3 - "não, procurem marcar as aulas de dança na quarta e sexta e assim nós vamos ajudando eles a planejar sua vida também"
				Sendo inseridos em projetos sociais	T2 - "é preciso que tenha alguém que consiga soltar isso dentro dela. E como? através de projetos, todos esses projetos que estão por aí, projetos de música, capoeira, projetos de esporte" T2 - "Através dos projetos. É assim que funciona, né? Então se não tiverem esses projetos como vai achar essas pessoas, a pessoa acaba oprimindo seus talentos"
		Auto motivação		Sendo motivado	T2 - "quando a gente vê um aluno se destacar e ir em frente, a gente pensa -"estamos no caminho" e isso nos motiva também"

Quadro 8

Quadro de Análise das Informações

QUADRO DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA			CONCEITOS	TRECHOS ILUSTRATIVOS
	I	II	III		
Manifestando Talentos	Considerando o papel dos técnicos do Projeto Guri	Sendo Referencia			<p>T2 - "Vocês acabam sendo referência pra elas. A gente vê crianças que até não tem talento para a música, mas ela vem porque precisam estar na companhia de alguém que a valorize, que lhe dê atenção"</p> <p>T2 - "uma menininha que no primeiro dia de aula não me deixou dar aula, parei e lhe dei atenção e só então consegui dar aula. Às vezes eles chegam aqui muito carentes de atenção e de serem valorizados"</p> <p>T3 - "Às vezes eles chegam com muito problema de casa e aí você conversa, Tem crianças que vem e encontra aqui um lugar que ele muitas vezes não tem em casa e aí ele vai melhorando"</p>
			Considerando os efeitos positivos produzidos pela manifestação de talentos		
				<p>Melhorando a comunicação</p> <p>Família Mozart K- "Mudou o diálogo em casa, principalmente entre eu e a N porque a gente brigava bastante e depois pararam as brigas...começamos a sair juntas...as amigas dela eram as minhas, então isso ajudou".</p>	
				<p>Tendo mais responsabilidade</p> <p>Família Mozart C- " Muda a postura, a responsabilidade". Família Bach E - "Ele ficou mais responsável"</p>	
				<p>Ajudando a enfrentar os problemas</p> <p>Família Mozart C- "O ensaio da música ocupa a cabeça e a N não se se é o envolvimento com a música que os problemas eu não sei se ela guarda ou não pega pra ela, ela não esquenta a cabeça".</p>	
				<p>Tendo mais disciplina</p> <p>Família Beethoven- A- "Com relação à disciplina é só quando é com a música".</p>	
			<p>Tendo mais devoção</p> <p>Família Beethoven- A- "ele se prepara, ele ensaia constantemente". "Com o C eu percebo sua dedicação inclusive em feriados quando ele tem apresentações e ele vai sem reclamar. C- "Já teve feriado que nós ensaiamos e eu deixei parentes em casa".</p>		

Quadro 9

Quadro de Análise das Informações

QUADRO DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA			CONCEITOS	TRECHOS ILUSTRATIVOS
	I	II	III		
Manifestando Talentos	Considerando os efeitos positivos produzidos pela manifestação de talentos		Sendo incluídos socialmente	Tendo mais responsabilidade grupal	Família Beethoven- C- Ensaíamos no feriado e eu deixei parentes em casa por causa do compromisso e por ser em grupo".
				Sendo modelo para a família	Família Bach E - "Ele toca pra família e isto está incentivando a minha neta que também quer aprender música"
				Ampliando horizontes	Família Bach E - "eles vão tocar em alguns lugares fora e eles o convidam então é uma coisa boa"... "Ele toca na banda da igreja, ele fica mais incluído e mais valorizado no seu trabalho" Família Mozart K- " a gente foi fazer apresentação em lugares que a gente não conhecia e nem imaginava conhecer "
				Quebrando o preconceito	T3 - "Esse bairro aqui é às vezes mal visto, né? Quando as crianças apresentam, as pessoas perguntam de onde elas são e quando sabem que é lá do bairro eles ficam espantados e então eles começam a ver as crianças de forma diferente"
				Aprendendo convivência social	T3 - "As crianças aprendem a se comportar melhor. Eles aqui aprendem a se comportar no ônibus, a forma de comer de se alimentar. Eles saem para se apresentar em grupo e aprendem também a se comportar bem. Por meio da música eles aprendem disciplina, aprendem a se divertir " T1 - "Aí você vê ali crianças de 7, 8 anos de idade em uma grupo de crianças de 14, 15 anos e eles conversando a mesma língua"
				Sendo colaboradores	T1 - "Eu vejo aqui aqueles alunos que se sobressaem mais eles vão ajudar os amiguinhos que não estão conseguindo"
				Adaptando a criança hiperativa	T1 - "Eles são muito inteligentes, eles só conseguem parar se der a eles alguma coisa interessante, se não der ele não vai parar, ele já aprendeu, ele já sabe. Eu sou hiperativo, encontrei a música e música é harmonia. Na música você tem que tocar em grupo, harmonicamente, você não pode tocar mais rápido do que o outro, não pode apressar, tem um andamento certo, você tem que obedecer o maestro, prestar atenção no instrumento então é preciso ter atenção"
				Tendo mais alegria	T2 - "a criança ela fica feliz quando ela percebe que está conseguindo tocar um instrumento, essa alegria é que é a coisa maravilhosa"
				Sendo criativos	T2 - "criatividade"
				Transmitindo sua vocação	T2 - "Se a pessoa encontra a sua vocação ela amplia para si e para os outros"
				Trabalhando com música	Família Mozart K- " Ela participa de uma empresa de casamento e quando eles vão se apresentar eles à contratam". T1 - "tive um aluno que está tocando na Banda sinfônica do Estado de São Paulo, outro foi tocar trompete em Portugal"
				Percebendo a música como estímulo à inteligência e ao conhecimento	Família Beethoven- C- "Eu acho que a música é uma das poucas áreas que desenvolve muito a inteligência e o conhecimento porque tem muitas coisas que aconteceram há muito tempo"
				Despertando a curiosidade	Família Beethoven- C- "Naquela época tinha um instrumento que se chamava alaúde e era um pouco diferente do violão".

Quadro 10

8.3 Considerações acerca das categorias, subcategorias e conceitos

Após elaboração do Quadro representando as etapas do processo de análise serão tecidas algumas considerações a respeito das categorias, subcategorias e conceitos encontrados. Para melhor visualização da leitura, a **CATEGORIA** será apresentada em letra maiúscula e em negrito, as **subcategorias**, em negrito e minúsculo e os conceitos, em minúsculo e sublinhado.

8.3.1 Categoria

MANIFESTANDO TALENTOS é a categoria mais representativa da análise dessa pesquisa. Ela integra todos os conceitos identificados, e isso nos permitiu capturar a essência do processo em que ocorre a emergência dos talentos. A família definida nos **papéis parental e fraternal** e a **transmissão intergeracional** de talentos favoreceram a emergência dos talentos nos filhos. Assim como a participação dos **professores** do Projeto Guri foi de suma importância nessa manifestação. Os pais têm **expectativas** para com os filhos e desejam que eles se tornem pessoas de bem, para isso **utilizam recursos estratégicos** como conversa, incentivo aos estudos e monitoramento, dentre outros. Mas, os pais precisam enfrentar um dos **fatores adversos que consideram mais ameaçadores para as expectativas** em curso: a violência presente nas ruas, tráfico e drogas. Os pais têm medo que os filhos fiquem ociosos e perambularem pelas ruas à mercê dessas influências negativas. Para livrar os filhos da rua eles inserem seus filhos no Projeto Guri. É no projeto musical que os filhos entram em contato com os talentos. Os pais percebem os **efeitos positivos produzidos pela manifestação de talentos** nos filhos, como: objetivos mais definidos quanto ao futuro, melhor convivência social e aumento da auto-estima.

O entrelaçamento das informações oferecidas nos relatos possibilitou identificar alguns eixos norteadores que fizeram parte da experiência de todos os entrevistados. Para facilitar a compreensão das categorias mencionadas descreveremos a seguir uma a uma separadamente.

8.3.2 Subcategorias I, II e III

Considerando o papel parental (Subcategoria I). É uma das categorias importantes dessa análise porque revela os caminhos que os pais percorrem para incluir os filhos no Projeto Guri. Essa categoria mostra as **expectativas que os pais têm para com os filhos (subcategoria II)**. Eles desejam que o filho se torne uma pessoa honesta, responsável e respeitada, que estude e tenha uma profissão. Eles se importam com seus filhos e querem uma vida melhor para eles. Esse desejo se manifesta na fala das três famílias entrevistadas.

Família Beethoven

"Ah! é tanta coisa, responsabilidade, respeito, caráter"(A).

"O objetivo que nós temos é que ele se torne uma pessoa do bem". "ser verdadeiro"(B)

"ser honesto, ser humilde, ser leal." (C)

Família Mozart

"Ser uma pessoa de respeito" (C)

Família Bach

"quero principalmente estudo" - "Eu queria que todos eles estudassem e não parassem de estudar" (E)

Ainda dentro das **expectativas dos pais (subcategoria II)**, está o desejo de dar ao filho o que não tiveram na própria infância. Este desejo está relacionado ao estudo. Um dos pais se viu impossibilitado de continuar seus estudos por residir em área rural localizada a grande distância da escola. Os pais também alegam a falta de incentivo por parte dos seus pais no passado. Eles alegam que as dificuldades financeiras que enfrentam hoje estão relacionadas à não-conclusão dos estudos. Ficam decepcionados com os filhos que não aproveitam a oportunidade que lhes são oferecidas porque sabem da importância do estudo para o futuro do filho e se percebem diferente dos próprios pais nessa questão.

Família Bach

"Eu queria que eles tivessem uma vida melhor do que eu tive, para não passar o que passei, que é por falta de estudo. Eu não tive oportunidade que meus filhos têm porque eu morava na roça e lá era muito difícil porque lá só tinha a primeira série e o resto tinha que ir pra cidade e meus pais não deixavam, os pais de antigamente prendiam muito os filhos e não deixavam estudar na cidade quando o pai queria já vinha outro amigo e dizia '– pra que estudar' e não incentivavam" (E).

Alguns pais demonstram o desejo de que o filho estude música, porém não querem que o filho se profissionalize na música, porque acreditam que a música não oferece campo de trabalho.

Família Bach

"Eu queria que ele aprendesse música, então eu via assim o grupo do Guri, sempre que eu vinha do serviço, eles iam fazer uma apresentação, tocar em eventos, eu achava muito bonito" (E)

Os pais têm expectativas para com os filhos e mobilizam suas ações para tentar atingir seus objetivos. Eles **utilizam algumas estratégias para alcançar suas expectativas (subcategoria II)** que consideram eficazes como transmitir valores aos filhos.

Família Beethoven

"eu tento passar o que eu aprendi, que foi bom pra mim e que ele leve adiante para os filhos dele. Trabalhar com a verdade, é uma coisa que eu sempre aprendi."(B)

Os pais buscam ser modelo para os filhos porque acreditam que “um exemplo vale mais que mil palavras”.

Família Mozart

"O exemplo dos pais é importante... um exemplo vale mais que mil palavras".(k)

Como um dos objetivos dos pais é dar estudo aos filhos eles tentam oferecer recursos financeiros para incentivar os filhos nos estudos, mas logo se frustram quando não conseguem realizar essa expectativa.

Família Beethoven

"Ele se preparou e conseguiu entrar no conservatório só que ele não tinha bolsa, eu falei pra ele começar que eu iria ver um jeito de me virar".(B)

Os pais ficam felizes de poder apoiar seus filhos quando esses correspondem às suas expectativas.

Família Beethoven

"Começa e vamos ver como é que fica"... "Dando meios para ele estudar, progredir" (B).

Família Bach

"... aí, ele pediu um celo (violoncelo) para mim - Eu falei - Ah! Vou comprar sim, vou me esforçar" (E).

Os pais procuram ensinar os filhos a perceber o que está ao alcance da família, mas quando o filho deseja frequentar o curso universitário eles se frustram por não conseguir dar a eles essa oportunidade.

Família Beethoven

"... o que um tem, às vezes ele não pode ter" (B).

Mas algumas situações podem impedir que as expectativas dos pais sejam atingidas (subcategoria II) e uma delas é a grande ameaça que os pais sentem em relação: a violência presente nas ruas. Os pais convivem com a violência, drogas e tráfico na frente das suas casas. Isso os preocupa muito.

Família Beethoven

"É preocupante pra nós porque em todo lugar a gente vê a questão da droga. Aqui na rua de casa, na Praça do Cruzeiro, em todo lugar. A coisa é real, está na porta de casa" (B).

"... é diferente porque hoje é muita droga rolando solto; muita bebida" (B).

Família Mozart

" a sociedade mesmo... a gente ensina uma coisa e na rua eles aprendem outra" (C).

Família Bach

"Acho assim que a dificuldade pra educar um filho é muita droga, muito má companhia" (E).

"Sei lá você vê criançadinha pequena assim tudo já usando drogas, eu me preocupo muito. E isso é uma coisa que você não pode evitar" (E).

Essa preocupação está relacionada ao fato dos pais se ausentarem de casa durante o dia por motivo de trabalho e o filho fica em casa sozinho e desocupado. Eles acham que "mente vazia não presta".

Família Beethoven

Ele foi entrando na adolescência e eu achava que ele tinha que fazer alguma coisa e não ficar com um tempo tão ocioso, porque ele só ia na escola na parte da manhã" (A).

"Quando" D "parou de frequentar o Projeto Guri, eu digo então que você vai fazer alguma coisa, porque ociosa você não vai ficar, mente vazia não presta"(A).

Família Bach

"Eu me preocupava muito com T porque o outro meu filho já é meio perdidinho. Ele ficava muito sozinho em casa, só com a minha filha, eu trabalhando e a minha filha deixava ele muito a vontade, então ele ficou muito a vontade, direto pra rua , então por isso é que eu me preocupava muito com o T eu queria muito que ele tivesse uma ocupação no período em

que ele não estava na escola, justamente pra ele não seguir o mesmo caminho que o outro filho, né?" (E).

Para lidar com as situações que podem impedir que as expectativas sejam atingidas, os pais utilizam algumas estratégias como a inserção do filho no Projeto Guri com o objetivo de livrá-los da rua. Eles consideram importante **o papel do Projeto Guri (subcategoria II)** porque, além de ocupar o tempo ocioso do filho, ele também possibilita descobrir os talentos dos filhos e também aprender uma profissão.

Família Beethoven

Ele foi entrando na adolescência e eu achava que ele tinha que fazer alguma coisa e não ficar com um tempo tão ocioso, porque ele só ia à escola na parte da manhã e na época que eu procurei o Projeto Guri, fazia um ano que tinha sido aberto"...algum coisa ele tem que fazer" (A).

Família Bach

"Então aquilo que a gente pode fazer pros filhos da gente pra ele não ir pra rua e não se desviar do caminho, mas ficar ocupado ali. O tempo dele ele se ocupar com a música, com alguma coisa positiva" (E).

"Que nem esse negócio do Projeto Guri é uma coisa muito boa que fizeram pros filhos, né, porque você vê nas escolas tem drogas, só quem não quer aprender alguma coisa né, porque hoje nós temos o Projeto Guri, a Escola da família, porque isso pode ocupar aquele tempo vago, pra não pensar besteira" (E).

"E graças a Deus ele encontrou o Projeto Guri. Ele até hoje nunca foi um menino de rua, porque no tempo que era pra ele ir pra rua ele estava ocupado no Guri, entendeu? Quando ele chegou naquela idade de estar indo pra rua, os coleguinhas chamando ele e ele não estava em casa ele estava lá no projeto Guri então pra mim isso foi muito bom" (E).

"Eu acho que é um meio de tirar a criança da rua" (E)

"De eles aprenderem uma profissão, deles aprenderem alguma coisa boa" (E).

Os pais também procuram se adequar a própria realidade tendo percepção dela.

Família Mozart

"Em busca dos sonhos, mas não deixando a realidade de lado, sabendo os limites do seu sonho" (K).

Ao mesmo tempo em que eles têm percepção da realidade e querem ensinar o filho a perceber as diferenças eles se frustram por não conseguir atender aos desejos filho de continuar os estudos, ou mesmo, os desejos de pedidos materiais não-essenciais.

Outra categoria importante que pode influenciar a **MANIFESTAÇÃO DOS TALENTOS** nos filhos é o **papel fraterno (subcategoria I)**. Um ambiente familiar onde a música tem especial destaque pode favorecer o seu desenvolvimento, a irmã mais velha que aprecia o canto e participa do coro da igreja se torna **modelo** para as irmãs menores que mais tarde se matriculam sozinhas no Projeto Guri.

Família Mozart

”uma ia seguindo a outra e a C cantava no coral e eu cresci um pouco mais e cantava também e a N não foi diferente...”(K).

Esse ambiente familiar pode conter uma apreciação musical que perpassa gerações. Podemos falar da **transmissão intergeracional (subcategoria I)** que foi outra categoria significativa nessa pesquisa, porque em todas as famílias pesquisadas essa herança aparece.

Família Beethoven

"Eu sou suspeita pra falar porque eu adoro música, meu pai era músico e tocava clarinete. Meu pai tocava clarinete e participou de orquestra" (A).

“Eu até passei pro” C “meus discos da Banda Black Taba, eu tenho também uma coleção de músicas erudita, na qual eu herdei de minha mãe. - Sim, eu tenho uma coleção que eu herdei de minha mãe. E de todos os meus irmãos, somente eu peguei gosto por música erudita e por isso minha mãe me deu sua coleção” (B).

Família Bach

"meu pai era lavrador e tocava acordeon quando chegava em casa. Ele aprendeu sozinho e tocava porque gostava mesmo"... "Ah eu acho que o meu (talento) ficou enterradinho, eu sempre gostei muito de música, até entrei na igreja pra aprender, mas parei” (E).

Família Mozart

“Os meus avós cantavam enquanto trabalhavam na lavoura lá em Pernambuco”...

“O meu pai gostava de música”... “O pai cantava bem”..(K).

O próprio jovem talentoso já com suas **próprias expectativas (subcategoria II)** que é se tornar um musicista, ter um trabalho, ser uma pessoa com bom caráter, já se torna **agente da própria história (subcategoria I)**, e contribui para a emergência e desenvolvimento do próprio talento. Ao descobrir a música e perceber o quanto esta área lhe agrada ele se compromete com seu trabalho. Estuda com afinco, e evolui nos estudos,

Família Mozart

“Ela tinha estudado bastante. Então é automático, ela queria estudar aqui pra chegar lá e fazer direito. Ela foi aprendendo sozinha”(K).

“É uma coisa que ela quer, né? Ela corre atrás e agora ela fez um teste na Fego Camargo e passou. É uma coisa que ela quer” (C).

Família Beethoven

“É nosso ensaio na” Fego “é aos sábados de manhã. E já teve feriado que nós ensaiamos e eu deixei parentes em casa e fui...” (C).

Quanto mais ele evolui mais ele se torna reconhecido e apreciado por outros e sua autoestima aumenta, ele melhora sua comunicação, tem mais objetivos de futuro e sua visão se torna mais ampliada devido às viagens e apresentações em eventos. Entrar em contato com os talentos lhe traz **resultados positivos (subcategoria I)** em sua vida.

Família Beethoven

“Terminando o curso de analista de suporte técnico em Informática, eu gostaria de estar fazendo uma faculdade que é de engenheiro do som” (C).

“Então apareceu o curso e ele está enxergando o futuro através do curso, mas aproveitando a música que ele gosta” (A).

Família Mozart

"Eu acho que ela acabou tendo um objetivo... um dia queria ser professora, outro dia não sei o que, pintora ou isso ou aquilo, depois que começou a frequentar o Projeto Guri já tem uma idéia fixa na cabeça... pra eu ser músico mais pra frente" (K).

T1

"Eles podem ter mais objetivos na vida, por exemplo, tocar numa banda militar e seguir uma carreira militar porque ele se ficasse ali ele provavelmente iria trabalhar atrás de um balcão, num bar" (T1).

Família Mozart-melhorou a comunicação

"Mudou o diálogo em casa, principalmente entre eu e a N porque a gente brigava bastante e depois pararam as brigas...começamos a sair juntas...as amigas dela eram as minhas, então isso ajudou"...”a gente foi fazer apresentação em lugares que a gente não conhecia e nem imaginava conhecer " (K).

Família Bach

"Eles vão tocar em alguns lugares fora e eles o convidam então é uma coisa boa"... "Ele toca na banda da igreja, ele fica mais incluído e mais valorizado no seu trabalho" (E).

A participação dos **professores do Projeto Guri (subcategoria I)** para a **MANIFESTAÇÃO DE TALENTOS** dos seus alunos é outra subcategoria de grande significado nessa análise. Os jovens atribuem ao professor essa descoberta, eles acreditam no valor de sua opinião que ao afirmarem que eles são capazes, eles acabam acreditando. Os professores durante o convívio nas aulas buscam valorizar suas habilidades e também estar disponível para o aluno que necessita de uma conversa ou uma atenção especial, esse professor muitas vezes se torna uma **referência (subcategoria II)** para eles.

T2

"Vocês acabam sendo referência pra elas. A gente vê crianças que até não tem talento para a música, mas ela vem porque precisam estar na companhia de alguém que a valorize, que lhe dê atenção" (T2).

"Uma menininha que no primeiro dia de aula não me deixou dar aula, parei e lhe dei atenção e só então consegui dar aula. Às vezes eles chegam aqui muito carentes de atenção e de serem valorizados" (T2).

T3

"Às vezes eles chegam com muito problema de casa e aí você conversa, Tem crianças que vem e encontra aqui um lugar que ele muitas vezes não tem em casa e aí ele vai melhorando" (T3).

Os professores conceituam **talento (subcategoria II)** como um dom, mas que precisa ser trabalhado. Esse conceito permeia suas ações e por meio de atitudes sensíveis e técnicas pedagógicas eles vão ajudando seus alunos a liberar seu potencial criador.

T1

"Talento é um dom...".

T2

"Talento é um dom que uma pessoa consegue destacar entre outras"... "A primeira vez que o aluno pega o instrumento, toca, você já percebe, primeiro, a facilidade de aprendizado" (T2).

T3

"Talento é um dom."...

Os professores percebem a criança talentosa quando ela **memoriza rápido os conhecimentos transmitidos, quando ela percebe as variações nos sons** antes que a maioria perceba

T1

"É quando eu estou ensinando alguma coisa pra criança...ela já gravou e na próxima aula se você perguntar pra ela, ela já sabe"...."é a facilidade que o aluno tem para assimilar (T1)".

T3

"Na primeira semana tá todo mundo junto. A primeira aula ele já tem um instrumento na mão. Passado uns dias, por exemplo, eu digo:"- 2ª corda", tem gente que nem olha e já sente a nota e já encontra a 2ª corda. E aí ele já quer fazer a 3ª e assim vai" (T3).

E para não desmotivá-las, os professores utilizam **estratégias pedagógicas** (**subcategoria III**) que a lançam a **maiores desafios**. Elas podem, inclusive, ser colocadas em turmas mais avançadas.

T2

“Então a criança entra ali e com duas aulas ela já está com nível da segunda turma, então você tem que passar ela, mesmo que ela não esteja totalmente adequada, mas como ela aprende rápido logo ela já vai para a terceira turma, a gente não pode segurar porque senão desmotiva” (T2).

T3

“Aqueles que estão indo rápido demais precisam ser mais desafiados para não se desmotivarem”(T3).

O professor também considera a cultura local porque acredita que, mesmo não sendo a cultura adequada para o ensino da música erudita, é por meio dela que a criança despertará para a música e na seqüência virá a evolução para o estilo clássico.

T3

“Você precisa detectar o estilo dele porque você não pode desprezar aquele estilo dele. Através daquele estilo é que você motiva ele”...“O bairro aqui é muito carente, qual que é o perfil deles aqui, é muito difícil no violino no começo querer ensinar Beethoven aqui, então qual que é o estilo deles aqui, pagode, Funk”. “Posso tocar pagode no violino?”, eles perguntam. Pode! Não posso menosprezar, mas na escola de violino tem que conhecer outros estilos e depois eu vou vendo com ele o que fica melhor, o que combina mais com violino?”

Não posso desprezar a sua cultura. De maneira nenhuma eu desprezo a cultura dele porque é o meio em que ele vive (T3).

A criança é levada a conhecer outras culturas, como forma de ampliar seus horizontes.

8.4 Contando a história

Os dados obtidos na pesquisa possibilitaram, por meio de um recorte, compreender a contribuição da família e do Projeto Guri para emergência de talentos musicais de crianças e adolescentes em contexto de alta vulnerabilidade social.

Os resultados apontam para a importância do **vínculo parental** e da **transmissão musical intergeracional** como um dos fatores que contribuem para a **manifestação dos talentos** nos filhos. A influência dos pais na formação dos filhos é de suma importância. Os pais transmitem aos filhos a sua visão de mundo, suas expectativas, seus valores e suas crenças. Esses dados foram significativos na pesquisa, porque revelaram o caminho que os pais percorreram para a inclusão dos filhos no Projeto Guri. A inserção do filho nesse projeto foi fundamental para a promoção dos talentos musicais.

Ser um homem de bem, ser honesto e trabalhador, foram algumas das **expectativas** que os pais apontaram ter em relação aos seus filhos. Eles desejam que os mesmos **estudem e tenham uma profissão**. Para isso, eles utilizam estratégias que consideram eficazes no seu modelo de educação. Eles procuram **transmitir o que aprenderam com seus pais e que consideram que foi bom para eles**, embora o filho, às vezes, não aceite as interferências porque querem ter a própria experiência. Isso pode dificultar o **padrão comunicacional** entre eles. Esse padrão é valorizado pelos pais que apreciam o recurso da **conversa** para auxiliar os filhos em momentos de estresse e também para orientá-los, entretanto, essa atitude, às vezes é

questionada pelos pais que percebem atitudes de liberdade excessiva nos filhos, dificultando a manutenção da hierarquia de papéis. **Ser modelo para os filhos**, também faz parte dos objetivos educacionais porque acreditam que “**um exemplo vale mais que mil palavras**”. Os pais, mesmo diante de **dificuldades financeiras**, fazem o possível para oferecer opções particulares de estudo para o filho; conseguem incentivá-los e **apoiá-los**; fazem suas matrículas, mas logo se frustram, porque não conseguem dar continuidade a esse plano, mas o filho talentoso, já com suas **próprias expectativas** e sendo **agente da própria história**, enfrenta essa dificuldade, **estudando com mais afinco** e conseguindo recursos, por meio de bolsas de estudo.

A violência presente nas ruas é considerada pelos pais como fator adverso. Ela põe em risco as expectativas educacionais que eles têm para com os filhos. Diante da necessidade de trabalho, **os pais se ausentam de casa** por períodos longos durante o dia deixando seus filhos à mercê da própria sorte. Os pais temem **a ociosidade dos filhos e sua presença nas ruas**, pelo medo do seu envolvimento com o tráfico, drogas, bebida. Para amenizar essa preocupação os pais **monitoram** seus filhos à distância. Essa preocupação é constante na vida das famílias. Os sonhos dos pais convivem com a iminência da violência. Para enfrentar essa adversidade, os pais buscam ocupar os filhos em atividades que consideram **construtivas e seguras**. É nesse momento que os filhos entram em contato com o **Projeto Guri**. Esse projeto busca a inclusão social de crianças e adolescentes por meio do ensino coletivo da música. Algumas crianças são matriculadas pelos pais, outras fazem a própria matrícula. Eles então fazem contato com a música, com alguns **instrumentos** até inimagináveis por eles. E podem permanecer até completar dezoito anos. Os pais vêem o Projeto Guri como uma **oportunidade** e uma **proteção** para os filhos dos perigos eminentes da rua. Lá eles **ocupam o tempo ocioso, aprendem uma profissão e descobrem o próprio talento**.

As histórias das famílias, os modelos dos subsistemas (conjugal, paterno e fraterno) influenciam no modo como seus membros se adaptam. Percebe-se nas famílias pesquisadas, que elas **transitam intergeracionalmente** em um contexto musical, ou seja existe uma apreciação musical na família que perpassa gerações. Considerando a influência do ambiente no estilo musical apreciado é relevante perceber em um contexto de alta vulnerabilidade social, o gosto erudito de uma avó que possui uma coleção de músicas clássicas e que doa para um dos cinco filhos. Esse filho tem uma coleção de músicas instrumentais que doa para o filho, foco de nossa pesquisa. Esse ambiente nutre dos saberes, nutre das tradições que são passadas de pais para filhos. Um ambiente familiar onde a música tem especial destaque pode favorecer o seu desenvolvimento, a irmã mais velha que aprecia o canto e participa do coro da igreja se torna **modelo** para as irmãs menores que mais tarde se matriculam sozinhas no Projeto Guri. Por meio do projeto, elas **percebam suas próprias potencialidades** e atribuem ao **professor** essa descoberta, elas acreditam no valor de sua opinião que ao afirmarem que elas são capazes, elas acabam acreditando.

A participação dos **professores** do Projeto Guri no ensino coletivo da música é de suma importância para a manifestação dos talentos dos seus alunos. Eles conceituam **talento como um dom, mas que precisa ser trabalhado**. Esse conceito permeia suas ações e por meio de atitudes sensíveis e técnicas pedagógicas eles vão ajudando seus alunos a liberar seu potencial criador. A criança que **memoriza rápido os conhecimentos transmitidos, que percebe as variações nos sons** antes que a maioria perceba são identificados pelos professores como crianças **virtuosas**, e para não desmotivá-las, os professores utilizam estratégias pedagógicas que a lançam a **maiores desafios**. Elas podem, inclusive, serem colocadas em turmas mais avançadas. O professor também **considera a cultura local** porque acredita que, mesmo não sendo a cultura adequada para o ensino da música erudita, é por meio dela que a criança despertará para a música e na sequência virá a evolução para o estilo

clássico. A criança é levada a conhecer outras culturas, como forma de ampliar seus horizontes. O professor também utiliza o recurso da **brincadeira** para descontrair a criança que chega com dificuldades de casa. Eles conversam, incentivam a convivência e ajudam a promoção da auto-estima nos alunos por meio da valorização de suas habilidades. Descobrimo que são capazes eles começam a **ter objetivos mais definidos de futuro**, já começam a pensar numa profissão, a ampliar sua visão de mundo, diferente do mundo habitado pelos pais, novas expectativas surgem e outras opções de vida aparecem. Com seu novo estilo de vida, as apresentações, as viagens, elas começam a serem vistas de outra forma e vão assim, **quebrando preconceitos**. Com o desenvolvimento da autonomia e fortalecimento de vínculos relacionais elas são capazes de assegurar sua inclusão social.

8.5 Discussão

8.5.1 “Elaborando a história” do discurso crítico

O elemento considerado aqui como vital por ter originado e sustentado essa pesquisa é o próprio tema “talentos” que traz em si o conceito fascinante de potencial humano e que ao ser manifestado pode gerar ações que auxiliam as pessoas a terem atitudes consideradas resilientes. Adaptar-se melhor às circunstâncias desfavoráveis, não no sentido de aceitação ou resignação, mas para mudanças, também de autopercepção, de percepção do outro, incluindo pessoas, situações, contextos e que leva a aumento da auto-estima e consciência da própria força frente às várias situações são algumas das atitudes pertinentes a essa manifestação. Essas atitudes são essenciais à sobrevivência nos dias atuais.

É importante lembrar os apontamentos de Alencar (1990), em que ele comenta sobre a preocupação que está existindo hoje, principalmente em países desenvolvidos, de expandir e

aproveitar melhor o talento e o potencial presente em cada indivíduo, por conta de uma consciência crescente de que a solução para os problemas enfrentados exige muito esforço, talento e criatividade.

Quando olhamos os diversos desafios da vida contemporânea e focamos nossa visão em contextos de alta vulnerabilidade social, percebemos ainda mais a necessidade de se desenvolver atitudes que favoreçam o enfrentamento das crises, porém conforme afirma Walsh (2005), não basta apenas encorajar a resiliência de crianças e famílias para que possam “vencer os desafios”, é preciso também lutar para mudar os obstáculos que são colocados para elas e que muitas vezes, fazem parte do interjogo entre as ocorrências dentro da família e dos ambientes político, econômico e social. Eis a essência desse trabalho: compreender a manifestação dos talentos dentro desse cenário.

Diante das demandas e necessidades dos grupos castigados pela pobreza, muitos projetos governamentais e não-governamentais são implementados no país visando assegurar o acesso efetivo aos bens, serviços e riquezas da sociedade. Ávila (1999) afirma que alguns desses projetos desenvolvem trabalhos que concentram recursos pedagógicos voltados para as fortalezas dos cidadãos usuários. Potencializa talentos, desenvolve a autonomia e fortalece vínculos relacionais capazes de assegurar inclusão social. Compreender (de forma crítica e questionadora) a contribuição de um desses projetos para emergência de talentos musicais e para inclusão social de crianças e adolescentes em contexto de alta vulnerabilidade social e a participação da família nesse processo, foi o que compôs os objetivos desse estudo.

Para compreender esse discurso crítico, é necessário apresentar uma reflexão sobre a análise das três famílias e também dos três técnicos apontados para esse estudo. A análise de cada família em separado mostrou alguns valores e crenças que movem suas ações e a análise dos técnicos mostrou a base de critérios que foi utilizada para a escolha das crianças consideradas talentosas, as identificações e as estratégias utilizadas para que seus talentos

emergissem. Essa escolha foi permeada pela visão de mundo dos referidos técnicos, que acreditam que talento é um “um dom natural, mas que precisa ser trabalhado”, esse conceito embasa suas ações pedagógicas no tocante ao tema talento. Dessa forma, não podemos dizer que a escolha foi aleatória. Os técnicos talvez não saibam da herança musical intergeracional que os jovens talentosos trazem consigo. Vale a pena lembrar as palavras de Cervený (1994) que diz que os ambientes familiares podem nutrir-se de seus saberes, e de suas tradições e que estas, são passadas de pais para filhos ao longo dos séculos. Se a mãe canta para o filho, talvez o canto que já ouviu da própria mãe e o ajuda a se movimentar e, o faz saber que tem ritmo dentro dele, a mãe junto com seu ambiente familiar e social vai preparando o ouvido de seu filho e o trabalho rítmico importante para a sua coordenação motora e seu talento musical.

O ambiente social pode ser desencadeador desse processo. Percebemos, nessa análise, a importância do Projeto Guri na emergência dos talentos musicais. Para atrair as crianças para a música, os técnicos utilizam alguns recursos que consideram eficazes: inicialmente, os técnicos se apropriam da própria cultura popular local e só depois apresentam o estilo clássico e que se adequa melhor aos instrumentos. Eles sabem que se não utilizarem esse recurso, a maioria dos alunos irão embora, eles também sabem que a maioria dos pais levam seus filhos ao Projeto Guri com o objetivo de livrá-los da rua e percebem que algumas crianças não conseguem se desenvolver na música. Essas crianças são acolhidas da mesma maneira. Os técnicos se mostram sensíveis nessa prática educativa.

“As crianças talentosas são percebidas já nos primeiros dias de aula”, dizem os técnicos. Eles percebem que elas têm maior facilidade para memorizar rápido o conhecimento transmitido e que também percebem as variações do som antes mesmo que a maioria perceba. Eles observam que essas crianças trazem consigo algo mais que os diferencia. Os técnicos oferecem maiores desafios a elas e também se sentem motivados em vê-las tocar. Essas estratégias parecem adequadas ao seu trabalho e favorecem o aprimoramento dos talentos.

Ainda quanto à herança musical intergeracional, observamos nas três famílias pesquisadas, Beethoven, Mozart e Bach, o gosto musical que perpassa gerações. Minuchin (1982, p.23) afirma que “O homem tem memória e é produto do seu passado. Ao mesmo tempo, suas interações com as circunstâncias presentes apóiam, qualificam ou modificam suas experiências”. A família Beethoven ilustra bem essa transmissão: o pai do jovem talentoso herdou de sua mãe uma coleção de músicas clássicas (interessante observar que essa mãe nutre um gosto por músicas eruditas, mesmo estando inserida em uma comunidade onde esse estilo não é apreciado), esse pai, que também possui uma coleção de músicas instrumentais, doa ao filho. Cervený (1994, p.41) afirma que “toda família repete e que há repetições que mantêm a família como um sistema, podendo inclusive prover esse sistema de uma identidade específica que o diferencia de outros”. A mãe da família “Bach”, também, confirma essa herança, ao relatar fatos que marcaram sua infância. Ela se lembra do pai (que hoje é falecido) reunindo toda a família no final da tarde, após um dia de labuta, para cantarem músicas acompanhadas ao som do acordeom do pai e essa filha hoje se sente feliz ao ver o filho se reunir com os irmãos em momento musical acompanhando-os com seu violoncelo. A família Mozart conta que os avós cantavam enquanto trabalhavam na lavoura, lá em Pernambuco. Essas histórias confirmam as influências trazidas intergeracionalmente pelas famílias e que podem contribuir para a manifestação dos talentos dos filhos.

Refletindo um pouco mais sobre as famílias percebemos o caminho que seus filhos percorreram até chegar ao Projeto Guri. Para compreender melhor esse caminho, precisamos ampliar nossa lente para o contexto familiar e também para o sistema macro. As famílias entrevistadas enfrentam diariamente inúmeros desafios, tais como: dificuldades financeiras, desemprego e violência presente nas ruas, dentre outros. Essas dificuldades são apontadas em Walsh (2005) que fala sobre o paradoxo da crise como a única constante na vida das famílias menos favorecidas e afirma que, como elas vivem muito próximas do limite, cada crise

ameaça mergulhá-las em abismos financeiro e emocional. As famílias entrevistadas buscam proporcionar aos filhos o básico da alimentação, vestuário, abrigo e se preocupam com sua segurança. Elas se importam com seus filhos e querem uma vida melhor para eles. Tem expectativas de estudo, trabalho e desejam que eles se tornem “homens de bem”, mas para atingir tais objetivos, elas precisam enfrentar um dos fatores adversos que consideram ameaçadores para as expectativas em curso: a violência presente nas ruas, tráfico e drogas. Consideram esses os maiores perigos para seus filhos. Feijó (2008) também confirma esses dados afirmando que nas classes menos favorecidas esse medo é maior. Com seus poucos recursos financeiros, as famílias se vêm impossibilitadas de oferecer opções particulares de educação e cultura para ocupar o tempo ocioso do filho então recorrem à rede social local e encontram o Projeto Guri e inserem seus filhos com o objetivo de livrá-los da rua.

Algumas famílias até então não percebiam que os filhos tinham talento para a música, embora já houvesse uma apreciação musical no ambiente. Gostaríamos de refletir um pouco sobre a percepção dos pais em relação aos filhos. O que os impede de ver as reais potencialidades de seus filhos? Será que a longa jornada de trabalho extradoméstico dos pais pode implicar na educação dos filhos? A mãe deixou de ter uma intensa interação com o filho, isso a impossibilita de observá-lo melhor? Ou será que os pais trazem consigo uma visão de mundo internalizada do sistema macro, em que, se vêm com poucas possibilidades e poucos recursos e isso reflete na percepção que têm dos filhos? White (1991) afirma que se um grupo de pessoas se vê como incapaz ou sem perspectivas, assim vai se sentir e também se comportar e talvez não consiga fazer algo para tornar diferente essa realidade que construiu e que mantém nas suas relações, isso tudo pode estar sendo reforçado por uma ideologia já dominante. Essas questões nos fazem pensar na importância de se realizar trabalhos na comunidade com objetivos de mudar tal cenário, desconstruindo idéias, reavaliando crenças.

As famílias querem trabalhar, ter uma vida digna, cuidar dos filhos, mas, às vezes, não encontram todos os recursos para isso. É preciso oferecer bons serviços de saúde, trabalho, áreas de lazer para que as pessoas se sintam mais valorizadas e fortalecidas e que sua visão de mundo possa ser alterada. Acreditamos que só assim será possível construir comunidades, famílias e pessoas focadas em suas fortalezas.

Na pesquisa realizada por Negrisolo (2006), os pais apresentaram algumas expectativas para com seus filhos, que dentre elas estava o desejo de que o filho alcançasse o nível universitário. Essa expectativa também foi confirmada nesse trabalho, tanto pelos filhos quanto pelos pais e que está implícito nessa expectativa dos pais dar a eles o que não tiveram na própria juventude. Os pais se culpam e se frustram por não conseguirem realizar essa expectativa. Isso gera conflito em uma de suas estratégias que é ensinar o filho a perceber o que está ao alcance da família. Eles até dizem: “o que um tem, às vezes, você não pode ter”, mas, na prática, eles mesmos não conseguem lidar com essa dificuldade.

Mesmo diante de pedidos materiais não essenciais dos filhos, os pais apresentam dificuldades em dizer “não”, e às vezes até se sacrificam para conseguir realizá-los. Isso nos faz pensar nos apelos e necessidades criados na sociedade atual. Reis (1994) faz uma reflexão sobre essas questões trazendo um fator importante da vida contemporânea, que é a presença da televisão na grande maioria dos lares. Essa presença provoca um rompimento das distâncias culturais e oferece o risco da padronização dos valores e costumes, esmagando as culturas periféricas e abolindo as formas particulares que caracterizam grupos de diferentes regiões ou segmentos sociais. Isso pode gerar expectativas que estão além das possibilidades concretas das famílias. Questionamos a cultura que “massifica” suas informações e o papel da mídia como formadora de opiniões, ou seja, até que ponto os canais de comunicação estão preocupados com sua responsabilidade social, trabalhando com criticidade as questões de consumo e também até que ponto explora melhor sua grande capacidade de abrangência para

chegar as reivindicações da comunidade aos meios políticos. Estendemos nossa crítica também, aos meios políticos que por meio de suas políticas públicas ainda ineficientes em algumas áreas, não conseguem sanar muitos déficits sociais.

Os pais, muitas vezes como único recurso, lançam mão da fé espiritual. Walsh (2005) afirma que para aceitar os riscos e frustrações inevitáveis, as famílias precisam de um sistema de valores e crenças que transcendam os limites da sua experiência e do seu conhecimento. Isso irá permitir aos membros da família encarar sua realidade particular, com algum sentido o que os faz tornarem-se esperançosos. A fé pessoal apóia a crença de que se podem vencer os desafios. No entanto as crenças religiosas podem, em alguns casos, se tornar perigosas se forem encaradas de maneira muito estreita, rígida ou punitiva ou se servir para atitudes de acomodação.

Outra questão apontada por uma das famílias e que lhes causa grandes dificuldades emocionais e financeiras, e que pode até impedir o aprimoramento dos talentos musicais presentes na família é o rearranjo estrutural da família que passou por um processo de perda por morte do progenitor. Os filhos não acompanharam a mãe após o recasamento desta. Eles buscam se readaptar a essa nova estrutura familiar sem a mãe e encontram forças uma nas outras. Uma observação importante nessa questão é que os irmãos percebem a irmã (que frequenta o Projeto Guri e se destaca na música) menos afetada com os problemas. Yunes e Szymanski (2001) em seus estudos sobre resiliência afirma sobre a necessidade de se verificar quais processos e mecanismos influenciam nas questões apontadas como problemas ou risco e afirma que os fatores de proteção quando presentes podem melhorar ou alterar as respostas pessoais a determinados riscos. Um dos fatores de proteção apontados por Werner e Smith (1989 apud YUNES; SZYMANSKI, 2001) são os laços afetivos dentro da família e também os sistemas de suporte social que propicia competência e determinação individual. A jovem talentosa dessa pesquisa pode estar protegida por um desses fatores protetores em

consequência da manifestação de seu talento, o que lhe possibilita respostas adequadas à sua crise familiar. E quanto às novas configurações familiares, presentes na sociedade contemporânea, pode-se citar Osório (1996). Ele afirma que para melhor compreender o efetivo funcionamento da família é necessário estar atento aos seus processos familiares ao invés de focar na sua forma.

Os pais começam a perceber algumas mudanças no comportamento do filho após a sua inserção no Projeto Guri. Eles percebem que seus filhos manifestam comportamentos mais adequados à convivência social. Eles também percebem que os filhos se tornam mais responsáveis e com mais autonomia. Quando os filhos iniciaram suas atividades no Projeto Guri eles foram levados pelas mãos dos pais, hoje eles estão ampliando seus estudos em um conservatório musical localizado em uma cidade vizinha e foram para lá por iniciativa própria. Esse conservatório não oferece estudo gratuito, mas oferece bolsas de estudo para alunos que demonstram potencial para a música. Os três jovens conseguiram bolsa de estudo, eles correram atrás e encontraram as possibilidades para se manterem no estudo. Como vimos no início desse trabalho o talento inclui potencial para adaptarem-se as circunstâncias (não no sentido de aceitação ou resignação), mas para mudanças, também de autopercepção, de percepção do outro (incluindo pessoas, situações, contextos) e que leva a aumento da auto-estima e consciência da própria força frente às situações desfavoráveis. Parece que esses resultados positivos estão sendo alcançados pelos jovens talentosos. Com a inserção deles na música clássica, e suas apresentações em eventos, eles passam a ser reconhecidos na comunidade em geral pelos seus talentos, dessa forma, eles vão quebrando o preconceito que existe por habitarem um local considerado pobre e violento e que os deixava à margem.

Os jovens também começam a ter objetivos mais definidos de futuro, querem continuar seus estudos e se profissionalizar nessa área musical, mas alguns pais resistam à idéia da profissionalização através da música, porque consideram que “a música não dá

futuro”. Esse fator causa estresse nos filhos. Gostaríamos de refletir um pouco sobre essa questão. Os filhos pesquisados estão na faixa etária compreendida entre 17 e 18 anos, e irão freqüentar o Projeto Guri até a idade máxima de 18 anos, portanto eles estão prestes a serem desligados do projeto. Existe a possibilidade de que eles se tornem professores do Projeto Guri, embora as vagas sejam restritas. Eles também estão terminando o ensino médio na escola. Uma nova expectativa surge para eles, que é a inserção no curso universitário, mas como vimos acima, os pais não se vêm em condições de sustentá-los numa universidade e nesse momento em função da idade dos filhos e das necessidades e carências da família, os pais pressionam os filhos para que eles engajem em um trabalho remunerado. Os filhos estão com objetivos de futuro voltados para a música, mas alguns pais como vimos, não vêm a música como uma profissão. Eles gostam, incentivam, valorizam o Projeto Guri, como um local de crescimento e proteção; mas não enxergam a música como possibilidade de sucesso profissional para os filhos. Um dos jovens até questionou o seu interesse pela música, alegando que talvez tivesse sido melhor se ele estivesse se voltado para uma área que lhe desse mais acesso ao mercado de trabalho.

Essa questão nos fez pensar nos padrões de desligamentos que são oferecidos aos jovens quando estes encerram suas atividades nos projetos sociais. Os jovens, muitas vezes, criam fortes identificações com esses espaços. Será que no planejamento dos projetos está prevista uma preparação para essa saída? Um diálogo maior entre a família, os jovens e os projetos? Um acompanhamento à distancia? Uma saída gradual? Ou, simplesmente são lançados ao mundo com a mensagem “se virem”.



CONSIDERAÇÕES FINAIS A RESPEITO DA PESQUISA

*Nenhuma mente que se abre para uma nova idéia
voltará a ter o tamanho original.*

(Albert Einstein)

CONSIDERAÇÕES FINAIS A RESPEITO DA PESQUISA

Ao final dessa pesquisa, cujo objetivo foi compreender a contribuição do Projeto Guri para emergência dos talentos musicais e para inclusão social de crianças e adolescentes em contexto de alta vulnerabilidade social e a participação da família nesse processo, concluo falando sobre a importância do Projeto Guri junto a comunidade e também da família, que, mesmo diante de tantas dificuldades, transmitem valores e oferecem aos filhos o seu melhor, o que favorece a manifestação dos talentos.

Realizar essa pesquisa me trouxe grandes desafios. Primeiro, por entrar em contato com um tema tão especial como: os talentos musicais. Esse tema me remete ao próprio contexto familiar em que a música sempre fez parte. Meu avô, quando tocava “Abismo de rosas” (música de Dilermando Reis) em sua varanda, deixou, em minha memória, o aroma das flores. Meu pai, quando alegrava as manhãs de domingo, entoando suas músicas ao som do seu trombone de vara, e minha mãe que cantarolava na cozinha, acompanhando a melodia, eles deixaram-me lembranças de uma família que, mesmo diante das vicissitudes da vida, se manteve firme nos seus propósitos de tornar seus filhos “pessoas de bem”. Esses são valores que procuro repassar a meus filhos.

O outro desafio foi o contato com as famílias que me acolheram com muita disponibilidade e carinho e me autorizaram a conhecer suas maravilhosas histórias de vida. Esse contato me possibilitou observar os contextos e suas peculiaridades. Conhecer espaços tão simples e aconchegantes me nutriu de humanidade. Pude perceber que a experiência estava sendo de mão-dupla, porque ambos nos transformavam.

Como resultado da análise, pude observar a preocupação dos pais com os filhos e o seus desejos em proporcionar, aos descendentes, uma vida melhor. Percebi também que algumas das expectativas desses pais estão sendo alcançadas com o auxílio do Projeto Guri,

que ajuda a livrar seus filhos dos perigos das ruas. A experiência com o Projeto Guri me possibilitou observar essa parceria que se estabelece entre projetos sociais e família. E isso reforça a idéia de que os projetos sociais devam ser preventivos e iniciados já na infância, e também devam ser flexíveis e conectados com outras ações voltadas para o desenvolvimento de redes que incluam, tanto pessoas, como instituições e comunidades.

No Projeto Guri, pude observar o trabalho incansável da equipe. Os professores, além de ensinar música, também são sensíveis para escutar, conversar e perceber a criança que vem para aprender e também ser valorizada e apreciada em seu melhor. As entrevistas com os técnicos ocorreram em meio ao som de instrumentos musicais, em um ambiente de muito barulho e alegria. Tive a oportunidade de assistir a uma apresentação musical desses jovens em que me emocionei ao vê-los tão dedicados e atentos ao evento.

Cada experiência ecoou dentro de mim como uma melodia que ia se afinando à medida que a pesquisa ia se desenvolvendo. Um dos jovens entrevistados comentou emocionado sobre uma das sinfonias de Bach e mencionou o seu desafio em tocá-la, a palavra que lhe veio à cabeça foi *troféu* significando para ele vitória pelo esforço de aprendê-la.

Esse tema me encantou porque pude observar os jovens focando na superação em vez de se destacarem nos processos danosos. Com o desenvolvimento da autonomia e o fortalecimento de vínculos relacionais esses jovens se tornam capazes de assegurar sua inclusão social.

Como sugestão, proponho a realização de pesquisas com crianças que frequentam projetos sociais, mas que não se destacam em seus talentos, para observar como se dá a inclusão social nessa população.

Também sugiro a implementação de programas conscientizadores na comunidade para que algumas crenças e atitudes possam ser reavaliadas e transformadas. Essa conscientização pode favorecer maiores descobertas dessa riqueza chamada talentos.



REFERÊNCIAS

É no coração do homem que reside o princípio e o fim de todas as coisas.

(Tolstói)

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas.** Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ALENCAR, E. S. **Como desenvolver o potencial criador: um guia para a liberação da criatividade em sala de aula.** 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

ANDRADE, M. **Pequena história da música.** 10. ed. v.8. Belo Horizonte: Itatiaia, 2003.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

ASSESSORIA DE IMPRENSA DO PROJETO GURI. Paulo Marra Assessoria de Comunicação. Disponível em:<<http://www.projetoguri.com.br>>. Acesso em: 28 jun. 2008.

ÁVILA, C. M. **Gestão de projetos sociais.** São Paulo: AAPCS, 1999.

BATESON, G. **Mente e natureza.**/ Tradução: Cláudia Gerpe. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

BECKER, R.N. **A música na primeira escola.** Ijuí: Unijuí, 1985.

BERTALANFFY, L. V. **Teoría general de los sistemas: fundamentos, desarrollo, aplicaciones.** México: Fondo de Cultura Económica: México, 1993.

BERTHOUD, C. M. E. **Re-significando a parentalidade: os desafios de ser pais na atualidade.** Taubaté: Cabral, 2003.

BÍBLIA SAGRADA Contendo o Velho e o Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida, Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BOSZORMENYI-NAGY I.; SPARK, G. M. **Lealtades invisibles**. Buenos Aires: Amarrortu, 1973.

BOWLBY, J. **Apego e perda: apego**./ Tradução: Álvaro Cabral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. v.1.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. e cols. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**./ Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

CASTELLS, M. Hacia el Estado red? Globalización econômica e instituciones políticas en la era de la información. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL. SOCIEDADE E REFORMA DO ESTADO, 1998. São Paulo. 1998.

CASTRO, M. G. et al **Cultivando vidas, desarmando violencias: experiencias em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza**. Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.

CERVENY, C. M. O. **A família como modelo: desconstruindo a patologia**. São Paulo: Editorial Psy II, 1994.

_____, BERTHOUD, C. M. E. e col **Família e ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

_____; KUBLIKOWSKI, I. O eu e o elo: a história de uma herança. **Revista da ABPAG** [Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo], v.07, 1998.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Tradução: Sandra Regina Netz. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FEIJÓ, M. R. **A família e os projetos sociais voltados para jovens: impacto e participação**. 186 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - PUC/SP, São Paulo, 2008.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 6.ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, M. **Como usar a música na sala de aula**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. **Índice paulista de vulnerabilidade social - IPVS**. São Paulo: SEADE, 2004. [Senso Demográfico de 2000] Disponível em <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/sempla/mm/mapas/indice>> acesso em 14 de jun. 2007.

GARDNER, H. **Multiple Intelligences: The theory in Practice**. Basic. New York: Books, 1993.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRUNSPUN, H. Violência e resiliência: a criança resiliente na adversidade. **Revista bio**. Secção 4. Disponível em:<<http://www.cim.Org.Br>. Acesso em 21 mar.2004.

GUENTHER, Z. C. **Desenvolver capacidades e talentos**: um conceito de inclusão. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

KAËS, R. **O grupo e o sujeito do grupo**: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo./ Tradução: José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

MELILLO, A., OJEDA, E. N. S. e cols **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Tradução: Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MINUCHIN, S. **Famílias**: funcionamento e tratamento./ Tradução: Jurema Alcides Cunha. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

NEGRISOLO, S. R. F. **A criança e o contexto familiar no estudo da resiliência.** Monografia (Graduação em Psicologia) – Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté, Taubaté, 2006.

OLIVEIRA, A. L. **Irmãos ao longo da vida:** construindo uma memória compartilhada-compartilhando uma memória construída Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – PUC/SP, São Paulo, 2000.

OSÓRIO, L. C. **Família Hoje.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

REIS, J. R. T. Família, emoção e ideologia. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.) **Psicologia social:** o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.99-124.

SADALLA, A. M. A., SARETTA, P., ESCHER, C. A. Análise de crenças e suas implicações para a educação. In: AZZI, R. G, SADALLA, A. M. F. A. (Org.). **Psicologia e formação docente:** desafios e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p.93-112.

SEKEFF, M.L. **Da música, seus usos e recursos.** 2. ed. São Paulo: UNEPS, 2007.

SLUZKI, C. **A rede social na prática sistêmica.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SOUZA, M. T. S. **A resiliência na terapia familiar:** construindo, compartilhando e ressignificando experiências. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – PUC/SP, São Paulo, 2003.

STRAUSS, A., CORBIN, J. **Basics of qualitative research:** grounded theory procedures and techniques. Newbury Park: Sage Publications, 1990. 270 p.

WALSH, F. **Fortalecendo a resiliência familiar.**/ Trad. Magda França Lopes. São Paulo: Roca, 2005.

WHITE, M. Deconstruction and therapy. **Dulwich Centre Newsletter**, Austrália, v. 3, p. 21-40, 1991.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação.**/ Tradução: Irineo Constantino Schucc Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos./ Trad. Daniel Grassi. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

YUNES, M. A. M. A Aplicação da “Grounded-theory” como método de análise qualitativa no estudo da resiliência em famílias de baixa renda. **Revista do Departamento de Psicologia da UFF**, v.13, nº 2, p. 123-139, 2001.

_____. **A questão triplamente controvertida da resiliência em famílias de baixa renda.** Tese (Doutorado)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e educação.** São Paulo: Cortez, 2001. cap.1, p.13-42.

APÊNDICES

A - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A FAMÍLIA

B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS TÉCNICOS DO PROJETO “GURI”

C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

D – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A FAMÍLIA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

- Idade:
- Profissão
- Número de filhos
- Idade dos filhos
- Quantos filhos participam do “Projeto Guri” e qual suas idades.
- Há quanto tempo seus filhos freqüentam o “Projeto Guri”

PAUTA PARA A FAMÍLIA:

- O que você considera importante na educação do seu filho?
- Quais as dificuldades que você encontra para educar seus filhos no mundo de hoje?
- Quais as crenças e valores que você quer transmitir aos seus filhos?
- Quais momentos você considera que são difíceis para seu filho?
- Como eles enfrentam estas situações?
- Como você auxilia seu filho nesses momentos difíceis?
- Qual sua percepção em relação a este projeto social que seu filho freqüenta, o “Projeto Guri”.
- Como foi a trajetória do seu filho até o “Projeto Guri”.
- O que significa talento e como se expressa?
- O que você considera que foi importante para a identificação e o desenvolvimento dos talentos musicais de seus filhos.
- Que coisas os seus filhos fizeram ou fazem fora do Projeto Guri em função de saber tocar?
- Você percebeu alguma mudança no seu filho após ele ter começado a freqüentar o Projeto Guri? Quais mudanças?
- Como ficou a família de vocês depois que os filhos começaram a freqüentar o Projeto Guri?

APÊNDICE B**ROTEIRO DE ENTREVISTA P/ TÉCNICO DO PROJETO GURI****DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

-Idade:

-Profissão

-Sexo:

-Há quanto tempo trabalha no “Projeto Guri”

-Há quanto tempo desenvolve a atividade musical com a criança e/ou adolescente pesquisado?

PAUTA:

- O que significa talento e como se expressa?
- O que você considera que foi importante para a identificação e o desenvolvimento dos talentos musicais de seus alunos.
- Como você percebe a participação da família na emergência dos talentos musicais de seus alunos?
- De que forma a emergência dos talentos musicais contribui para a inclusão social dos alunos?

APÊNDICE C

CARTA DE INFORMAÇÃO SOBRE PESQUISA

Eu, **Silvia Regina Ferreira Negrisolo**, acadêmica do curso de Mestrado em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (tel. 11-3670-8400 / Departamento de Pós-Graduação) e, sob a orientação da professora **Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveney**, CRP_____, estou desenvolvendo uma pesquisa que objetiva compreender a contribuição do “Projeto Guri” para emergência de talentos musicais e para inclusão social de crianças e adolescentes em contexto de alta vulnerabilidade social e a participação da família nesse processo. Para isso, faz-se necessário, a realização de um genograma que é uma representação gráfica multigeracional da família e uma entrevista parcialmente estruturada à família que tenha crianças e/ou adolescentes frequentando o “Projeto Guri” e seus profissionais e que residam na Região do Vale do Paraíba. Estas entrevistas serão gravadas em áudio para análise posterior. As fitas destas gravações serão destruídas após a conclusão da pesquisa. Todo e qualquer dado de identificação dos colaboradores serão mantidos em absoluto sigilo, guardado pela ética profissional e desenvolvimento da pesquisa. As atividades a serem desenvolvidas na pesquisa não oferecem nenhum risco aos participantes e o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, sob protocolo 045/2007. A participação é livre e o colaborador poderá, a qualquer momento, retirar seu consentimento e deixar de participar da pesquisa que está sendo desenvolvida. Informamos, ainda, que os resultados apurados poderão ser apresentados em eventos científicos da área, guardando-se todo e qualquer dado de identificação pessoal. Caso concorde em colaborar com o desenvolvimento desta pesquisa, solicitamos que preencha o termo abaixo:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende as exigências legais, eu _____ portador(a) da cédula de identidade R.G. _____, participante da pesquisa realizada pela aluna **Silvia Regina Ferreira Negrisolo**, sob a orientação da professora **Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveney**, CRP_____, após ter lido a Carta da Informação sobre a Pesquisa, não restando nenhuma dúvida acerca do lido e do explicado, firmo meu Consentimento Livre e Esclarecido de concordância em participar da pesquisa proposta. O presente termo foi emitido em duas vias, permanecendo uma com o colaborador da pesquisa e outra com os pesquisadores.

Assinatura: _____

Data: ____ / ____ / ____

1º via – Pesquisadora 2º via – Participante

APÊNDICE D

D – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Entrevistas realizadas com os participantes da pesquisa

Entrevista realizada com as famílias

ENTREVISTA – Família “BEETHOVEN”

Data da realização da entrevista: 20/02/08 às 18:30 na residência da família.

Participantes da entrevista: A, B e C.

A- 44 anos, casada com **B** e mãe de **C** – exerce a profissão de doméstica.

B- 46 anos- casado com **A** e pai de **C** – exerce a profissão de representante comercial.

C- 18 anos- frequenta o Projeto Guri.

Obs. “**C**” é violonista e está há nove anos no Projeto Guri.

Entrevista

Como foi que vocês perceberam o talento musical de “**C**”?

A - Na verdade, a gente nem percebeu. Ele foi entrando na adolescência e eu achava que ele tinha que fazer alguma coisa e não ficar com um tempo tão ocioso, porque ele só ia na escola na parte da manhã e na época que eu procurei o Projeto Guri, fazia um ano que tinha sido aberto, em 98, então aí eu pensei ele deveria fazer futebol, não fazia futebol, não praticava nenhum esporte, aí eu pensei “alguma coisa ele tem que fazer”, daí eu fui no Projeto, falei com a coordenadora, fiz a matrícula por minha conta, daí eu vim e falei pra ele “você vai

começar a fazer o Projeto Guri. Ele nem sabia, aí ele começou e foi gostando, gostando, se interessando.

Quando o “C” começou a freqüentar o Projeto Guri, vocês já percebiam alguma afinidade dele com a música?

A - ele gostava de música POP.

C - de música sim, mais ou menos quando começou o Projeto é que eu me interessei mais.

Você já tinha visto alguém tocar violão antes?

C - Olha antes de eu entrar no Guri eu não me lembro não.

Como é que foi quando você chegou lá?

C - Poxa vida! Pra lembrar desde lá. Bom quando entrei, né, tímido ainda, não conhecia ninguém e aí comecei a fazer aula, o tempo foi passando, eu fui tocando, foi tendo apresentações.

Foi você que optou pelo violão?

C – Não, como a minha mãe falou, ela chegou lá e fez a matrícula no violão. Aí meu pai tem os vinil da Banda Black Sabbath e eu comecei a ouvir e tinha um guitarrista que eu achava muito bom e ainda acho, aí peguei gosto pela coisa e fui tentando, fui aprendendo, tirando música de ouvido, partitura, mas eu intensifiquei mesmo no ano retrasado quando fui ver uma semana violonística no conservatório Fego Camargo, aí foi no final do ano, aí eu fui lá, vi, gostei e foram quatro dias. Fui eu e um amigo meu. E eu gostei porque é uma coisa diferente, era um mundo novo, uma coisa gigante de música e artes. E no ano passado eu entrei lá e peguei firme e no “Guri” eu também pegava firme, tiveram várias apresentações e ainda tem.

Vamos ter uma semana agora no começo de março, é um sarau e nós vamos fazer com um pessoal lá de Moreira César (outro bairro da cidade) é um grupo de pessoas que gostam de leitura, gostam de poesia, coisas assim, aí este grupo recita poesia e nós tocamos, tem a hora da paradinha e nós voltamos a tocar, é bem bacana.

Foi este o caminho que você percorreu, a mãe deu um empurrão. E você “A” como é a música pra você?

A - Eu sou suspeita pra falar porque eu adoro música, meu pai era músico. Meu pai tocava clarinete e participou da orquestra de Lorena, da Banda de Lorena.

Então sua casa era uma casa musical?

A - Ah era, sempre foi.

E em sua casa? perguntei ao pai “B”

B - Não na minha casa não era muito não. Eu gostei de música, acho que era pela faixa etária da juventude, gostava de música que tocava nas rádios, mais era baile, né. Eu até passei pro “A” meus discos da Banda Black Sabbath, eu tenho também uma coleção de músicas erudita, na qual eu herdei.

Você tinha discos de música erudita?

B - Sim, eu tenho uma coleção que eu herdei de minha mãe. E de todos os meus irmãos, eu é que peguei gosto por música erudita e por isso minha mãe me deu sua coleção.

Então parece que sua casa também era musical.

O que vocês consideram importante na educação dos filhos?

A - Ah! é tanta coisa, responsabilidade, respeito, caráter.

B - O objetivo que nós temos é que ele se tornasse uma pessoa do bem. Então procuramos passar questões de respeito, respeito à família principalmente. Ensinando a trabalhar, dando meios pra ele estudar, progredir.

Quais as dificuldades que vocês enfrentam para educar seus filhos no mundo de hoje?

B - eu tento passar pra ele o que eu aprendi, que foi bom pra mim e que ele leve adiante para os filhos dele. Eu sei que não posso impedir que ele tenha amigos e o que eu tento passar pra ele é que cada um é de um jeito. Não dá para comparar. O que um tem, às vezes ele não pode ter e que ele saiba diferenciar o que é bom e o que é ruim pra ele.

Quais são os valores que vocês procuram transmitir para eles?

B - Trabalhar com a verdade, é uma coisa que eu sempre aprendi, dizer a verdade, se você disser sempre a verdade você não vai ser castigado, você vai ser cobrado, eu vou falar, vou corrigir, mas não vai ser castigado, vou corrigir, mas não com punição.

C - Olha tudo o que eles falaram, né. Mas eu penso, tem hora que eu prefiro pagar pra ver as coisas. Exemplo: “toma cuidado”, eles falam essas coisas, mas eu preciso trilhar o meu caminho.

Quando você tiver filhos, o que você gostaria de passar para eles?

C - Tudo o que eles falaram e eu acho que eu resumiria nos valores ético e moral. Ser honesto, ser humilde, ser leal com quem valer a pena.

Que momentos que vocês consideram que é difícil para o “C”?

B – Eu acho que é a aceitação daquilo que a gente tenta passar pra ele. Porque ele ainda está na posição do “ver para crer”.

A – Eu acho que isso é uma coisa do adolescente, mesmo, como a gente com os nossos pais, tudo era muito imposto, a gente não podia falar nada. Hoje em dia a gente dá oportunidade deles questionarem e aí eles vão prolongando, prolongando e aí chega uma hora que não dá, né!

Estou entendendo que vocês estão mostrando um pouquinho, as diferenças da época que vocês foram educados e o momento atual.

A – Na nossa época não tinha nenhum questionamento, era “não” pronto e acabou.

Como vocês percebem que o “C” lida com as frustrações, quando ele quer fazer uma coisa e não é possível naquele momento?

A – Ele se recolhe, ele fica calado, mas aí mesmo assim ele não fica de cara feia.

C – Nessas coisas, assim é.

A – É como nesse show que ele quer ir agora em março. A gente não tem como arcar com os custos e também é perigoso, não e aqui na cidade, é em São Paulo, no Parque Antártica, um show de Rock, então é uma série de coisas, muito preocupante, fora o custo, né! Um ingresso de R\$ 250, 00, não dá, não tem condições. Aí ele ficou...

B – Ele disse “- pai, baixou pra R\$ 180, 00”.

C – E ta tudo incluso, é excursão.

A – Excursão, vão pessoas que a gente nem conhece, tem amigos e colegas.

Então vocês percebem que este é um momento difícil para o “C” e também pra vocês?

A - É, e é a segunda vez que esta Banda vem ao Brasil e ele não pode ir. “Aero Made”. Então a dificuldade pra nós é a questão financeira e a preocupação. A gente sabe que não vai conseguir agasalhar ele a vida inteira, mas enquanto puder.

B – Ele então me coloca, “- pai, o senhor ia”. Eu ia a show de Rock, mas nós íamos com os irmãos, os primos, nós íamos todos juntos, é diferente porque hoje é muita droga rolando solto, muita bebida, principalmente hoje em dia, o caso de bebida. Até então pra nós ele não bebia e de um ano pra cá nós fomos descobrir por acaso. Então ele escondeu de nós e isto foi um ponto negativo. Teve um precedente, teve uma falha. Ele ocultou, ele escondeu, ele faltou com a verdade, então você fica, né! É preocupante pra nós porque em todo lugar a gente vê a questão da droga. Aqui na rua de casa, na Praça do Cruzeiro, em todo lugar. A coisa é real, está na porta de casa.

A – A gente sai e está no dia a dia nosso.

B – Hoje está no dia a dia nosso.

Como vocês auxiliam o “C” quando ele está em um momento difícil?

A – Nós tentamos conversar.

B – às vezes é difícil porque ele não fala, fica quieto e a gente pergunta, ele diz que não é nada, tal, porque ele é mais recluso.

C – Eu, às vezes, não gosto mesmo de falar. Eu mesmo fico pensando em uma solução. Eu também não gosto deles entrarem assim pra retomar. Eu prefiro resolver sozinho.

Qual é a percepção que vocês têm do Projeto que o “C” frequenta?

A – Pra quem quer levar a sério é ótimo.

B – Eu conheci alguns que se formaram e estão hoje trabalhando lá mesmo. É muito bom, pra quem quer levar a sério é muito bom, é válido.

A trajetória do C até o Projeto foi inicialmente pela mãe?

A – É, ele tinha dias que não queria ir, eu dizia – “vai!” E eu ficava marcando a hora, - “tal hora você chega lá e tal hora você está de volta”. Era marcação cerrada.

B – Hoje ele está tentando uma participação no “Guri”, se integrar como professor no Projeto Guri. Ele já fez um contato e está aguardando.

Que coisas que ele faz fora do Projeto Guri que está ligado com o fato de ter aprendido música?

A – Ele está fazendo um curso que hoje não tem nada a ver com a música, mas que o ajudará a chegar lá. “C” está fazendo um curso de analista de suporte técnico em Informática e no futuro ele quer fazer faculdade e estar ligado a produção.

Como assim, produção?

C – é coisa grande. O que seria, é terminando o curso eu gostaria de estar fazendo uma faculdade que eu não sei se tem ainda aqui, é de engenheiro do som. Quando tem um show assim, tem uma mesa lá grande de som. É até mesmo com produção, gravação de CD de banda.

O que eu estou entendendo é que o “C” tem planos importantes para o futuro dele.**Depois que ele começou a aprender música ele passou a ter objetivos para o futuro?**

A – Na verdade ele queria montar uma banda, e a gente sempre falou que viver de música não dá. Se você chega e o outro pergunta que profissão você faz e ele responde “músico” o outro já não o valoriza tanto. O preconceito é grande, então você tem que fazer algo paralelo à

musica, porque pra você sobreviver da música é difícil. E ele então apareceu o curso e ele está enxergando o futuro através do curso, mas aproveitando a música que ele gosta.

Vocês perceberam alguma mudança no “C” depois que ele começou a freqüentar o projeto?

A – O “C” sempre foi calmo e parece que ele está mais calmo ainda. Tem horas que dá até vontade de dar uns “chacoalhões”, né! Ele tem uma paciência que às vezes extrapola. Assim de imediato eu acho que é só isso que eu percebi. Com relação à disciplina eu acho que não ajudou muito é só quando é com a música, que é interesse dele, mas do contrário.

Com relação à música, quando o “C” tem uma apresentação como ele se comporta?

A – Ele se prepara, ele ensaia constantemente.

O que vocês acharam do “C” ter passado no conservatório Fego Camargo. Parece que não é fácil o acesso naquela escola?

B – É eu “dou mão à palmatória” e reconheço que ele gosta mesmo, porque ele esteve lá e eu disse que não poderia pagar, ele foi, fez o “vestibulinho”, se preparou e conseguiu entrar, e disse –“só que eu não tenho bolsa”, eu falei –“começa e vamos ver como é que fica, a gente vê como é que posso me virar, mas um mês depois ele conseguiu fazer parte da camerata de violão e aí eu não precisei nem pagar a primeira mensalidade.

Ele teve “garra”?

A – É, e foi mesmo, nesta parte da Fego, foi mesmo.

Vocês perceberam alguma mudança na família em função de “C” estar freqüentando o Projeto Guri?

B – Nós encontramos gente que apoiaram e gente que debocharam. O que nós vemos aqui no bairro é que meus filhos não ficam na rua porque que nem a “D”, parou de freqüentar o Projeto Guri, eu digo então você vai fazer alguma coisa, porque ociosa você não vai ficar, porque mente vazia não presta e isto parece que incomoda um pouco os vizinhos.

A – Com o “C” eu percebo sua dedicação inclusive em feriados quando ele tem apresentação e ele vai sem reclamar.

C – É nosso ensaios na “Fego” é aos sábados de manhã. E já teve feriado que nós ensaiamos e eu deixei parentes em casa e fui por causa do compromisso e por ser em grupo.

Parece que C está dizendo que é uma responsabilidade pelo coletivo?

C – É isso mesmo!

Tem mais alguma coisa que vocês gostariam de acrescentar?

C – Eu acho que música é uma das poucas áreas que desenvolve muito a inteligência e o conhecimento porque tem muitas coisas que aconteceram há muito tempo. Por exemplo, tem a divisão dos períodos musicais. O período renascentista foi muito intensificado na música. Naquela época tinha um instrumento que se chamava alaúde e era um pouco diferente do violão. Tinha mais ou menos vinte cordas e as cordas eram feitas de tripa de animais. “Bach” é demais.

Obs. C prestou vestibular no ano passado para fazer Faculdade de Música, mas devido ao custo da mensalidade e de não ter bolsa ele não pode continuar, mas outros planos vieram e ele não desistiu.

ENTREVISTA – Família “MOZART”

Data da realização da entrevista: 15/02/08 às 19:30 na residência da família.

Participantes da entrevista: K e C.

K- 21 anos, solteira, irmã de **N** (que frequenta o Projeto Guri) – exerce a profissão de vendedora.

C- 25 anos- é casada e tem um filho de 9 meses- irmã mais velha de **N**. Exerce a profissão de enfermeira.

Obs. **N** frequenta o Projeto Guri há 9 anos e participa das atividades de canto. Fora do projeto ela faz parte de um grupo musical que faz apresentações em eventos como casamentos e festas em geral. **N** também passou na prova para frequentar aulas no Conservatório musical localizado em uma cidade vizinha. **N** e a irmã **K** moram com a irmã mais velha **C** que é casada e tem um filho de 9 meses. Seu pai é falecido e sua mãe se casou novamente e as filhas não se adaptaram ao padrasto que quer impor suas convicções religiosas.

Entrevista

Eu gostaria que vocês me falassem como foi que vocês perceberam o talento na voz de “N” ?

C- Foi gradualmente não é K?

K- É na realidade é assim, sempre a gente frequentou a Igreja Católica e acabava se envolvendo em várias atividades, né? Então uma ia seguindo a outra e a **C** cantava no coral e eu cresci um pouco mais e cantava também e a **N** não foi diferente e assim também. E

começamos aí cantar na Igreja e cada hora cantava sozinha e começava, começava e quando foi e surgiu a oportunidade do Projeto Guri também eu na época entrei, eu e a N. Eu na época entrei tocando violino, só, mas ela entrou no coral já. Eu acabei entrando no coral também e ficávamos nós duas e o professor foi descobrindo e foi trabalhando e quanto foi assim eu tive que sair mesmo porque eu fiz magistério e comecei a trabalhar agora também e ela foi se desenvolvendo, ela foi assim, continuou.

C- é uma coisa que ela quer, né? Ela corre atrás e agora ela fez um teste na Fego Camargo e passou. É uma coisa que ela quer.

K- ela trabalha mais a voz, o diferente modo de cantar. Ver o quanto ela agüenta. Ela gostou muito disso.

Na verdade, vocês três também têm esse talento musical?

C- Então eu parei de me aperfeiçoar, parei, mas gosto, gostava de música de cantar no coral, saí também por falta de oportunidade, tive que trabalhar logo.

E você percebem na família, outras pessoas que têm esse talento?

K- Eu acho que não, não é C?

C- O pai cantava bem também. Como a gente sempre gostou de cantar, como a gente cantava na Igreja, pelo menos eu já sei ouvir uma pessoa que desafina um pouco e acaba percebendo. O meu pai e minha mãe eles cantavam normal.

E vocês assim, dentro de casa têm esse ambiente musical?

C- Tinha, né, K?

K- Direto, direto. O meu pai gostava de música, não de estar aperfeiçoando, mas gostava de cantar, cantar por aí a fora.

Vocês, as três começaram juntas a cantar no coro. A mãe de vocês, ela fala alguma coisa disso. Como que vocês percebem que ela lida com o talento da N?

C- Eu acho que ela ainda não percebeu ainda, né, K?

K- É eu acho que ainda falta um pouquinho.

C- E depois que ela casou de novo ela se afastou um pouco, então essa fase da N ela não está meio por dentro.

O que vocês consideram importante na educação de uma criança?

C- Eu acho importante ser uma pessoa de respeito, saber compreender as outras pessoas, saber respeitar ser uma pessoa de bem, né?

Então você gostaria de passar esses valores pra seu filho?

C- sim.

K- Eu acho que o exemplo dos pais também é importante.

Que dificuldade que você encontra pra educar seu filho?

C- Eu acho difícil é a sociedade mesmo, que não facilita hoje em dia está muito difícil. A gente ensina uma coisa e na rua eles aprendem outra. Pela vida que a gente teve, a gente tem uma cabeça boa, a gente não teve problema, somos pessoas de bem, trabalhadora.

Isso você acha que foi recebido de quem?

C- Da minha família, porque meu pai era alcoólatra, mas era uma pessoa boa. O problema dele era o alcoolismo, mas era uma pessoa boa.

Que crenças e valores que você quer passar para os seus filhos?

K- Eu acho que independente de religião, cada um segue a sua. Eu acho que é fundamental ter Deus. Saber que Deus está em sua vida, que a gente tem saúde, entendeu, de força de vontade, de otimismo, em busca dos sonhos, mas não deixando a realidade de lado, sabendo os limites do seu sonho. Os limites que você pode alcançar. Os limites que você não pode. Isso é fundamental pra você conseguir as coisas. Não adianta ensinar o seu filho que ele consegue as coisas se ele não vai lutar. Ele não vai lutar e não vai conseguir as coisas dele e vai se revoltar, então tudo tem que ser entendido, a onde você pode ir, se você não pode se você não consegue isto ou se você não consegue isto ainda, mas.

C- Porque a nossa vida é feita de luta, não é K?

K- sempre, sempre.

O que vocês querem mostrar a ele é que ele vai poder conseguir tudo, mas tem coisas que talvez não é naquela hora e talvez tenha coisas que ele não possa porque não é tudo que se pode, não é?

K- É isso mesmo.

Que momento que você considera difícil para vocês?

C- Na minha família eu acho que está sendo bem difícil é a família ter se desfeito assim. A mãe ter se separado assim de nós. Ela faz bastante falta.

Como vocês estão enfrentando essa situação?

C- Então não é K? como que você vê essa preocupação?

K- Eu coloco na cabeça que nenhuma família é igual a outra e a nossa não tem que ser igual a outras. No meu serviço, muitas vezes alguns trabalham só pra conseguir comprar uma roupa

bonita, dar um passeio, pra sair com o namorado. Eu não, eu preciso trabalhar pra pagar as minhas contas, então não dá pra comparar uma vida com a outra. A C também, ela deve ter amigos que trabalham pra comprar um sapato bonito, que trabalha, não é? Então ela não pode comparar a vida com a dela. Nossa, eu também podia estar trabalhando pra comprar um sapato, não! Você tem suas contas pra pagar, você tem sua vida, lá elas têm a mãe delas pra sustentar, se elas não tem algum dinheiro pra pagar, o pai paga, a mãe paga. Isso não. Pelo menos eu tenho na cabeça que tenho que ter se eu não tiver como ganhar dinheiro, eu não tenho como pagar e o negócio fica feio.

Vocês estão dizendo que para lidar com a situação vocês encaram a realidade, não é? A realidade de vocês hoje é essa cada um por si. Vocês três juntas, mas cada uma por si na questão da sobrevivência?

C- Minha mãe ela é uma pessoa maravilhosa, meu pai era alcoólatra e ela trabalhou muito, muitos anos sustentando a gente sozinha, deu muito apoio, tudo o que a gente queria ela fazia. Ah! Surgiu uma pessoa que vai fazer ela feliz e não precisar mais trabalhar, tirou ela do serviço, então se ela está sendo feliz.

Ela pode dar a vocês tudo o que ela podia até vocês crescerem, não é? Daí agora chegou a hora dela.

C- É agora é a vez dela. A gente consegue entender isso e por isso as coisas ficam mais fáceis.

K- A gente não é uma família feliz. Tem dias que a gente dá uma revoltada, a gente dá uma chorada, dá uma pensada. Há um tempo atrás às vezes ficava me lamentando. Tem casas que é tão certinho, tem pai, mãe e filhos, mas eu não sei porque eu tou reclamando, tenho a minha família inteira, moro com meu cunhado, meu sobrinho e minha irmã. E é a minha família que eu amo.

C- E no meu serviço, eu ponho em primeiro lugar porque a gente vê tanta gente que adocece, que não tem como curar. Eu acho que isso é tão ruim. Nós temos saúde.

Então assim, acho que vocês já me falaram, mas se vocês puderem me complementar como que vocês se ajudam para superar tudo isso. Como que vocês se ajudam?

C- É ajudando uma a outra. Quando a K chora tento falar alguma coisa, aliviar um pouco.

Qual é a percepção de vocês em relação ao Projeto Guri. Como que vocês vêm o Projeto Guri?

K- Eu acho que foi uma idéia muito boa, pelo menos na parte que eu entrei, eu entrei e não acreditei que eu ia ter um instrumento pra eu tocar lá no Projeto Guri, nossa! Estava muito longe de mim e quando eu entrei eu vi que era verdade, que eu tinha um instrumento realmente para eu poder tocar que era coisa que eu nunca imaginava que eu ia ter um instrumento, quer dizer não era meu, entendeu, não podia trazer pra casa, mas eu tinha acesso a ele. Então eu tenho amigas minha que foi representar o Guri nos Estados Unidos. Pra mim pelo menos foi muito bom e eu percebi isso e depois quando eu entrei no coral eu mesma pensei que ia cantar como eu cantava no banheiro, em casa, assim. Quando a gente vai vendo, a gente já está envolvida, você está, você já leva a sério, não tem como não levar a sério.

E aí K você percebeu que esse ambiente do Projeto Guri estimulou e fez você perceber o seu próprio talento?

K- Olha eu acho que sim. Os professores são profissionais capacitados. Os professores são excelentes, eu treinei muito. Quando a pessoa que entende mais que você, fala que você pode, você acaba acreditando, não é? Você acaba acreditando. Eu parei mesmo, eu canto na Igreja assim às vezes. Parei mesmo por ter que trabalhar mesmo, realmente não tenho tempo.

C- Tem gente que até trabalha. O namorado da N, ele trabalha como professor, ele começou como aluno, agora é professor lá dentro.

Que coisas que você e a N estão fazendo fora do Projeto Guri, mas que foi em função de saber tocar ou de saber fazer alguma coisa ali que você aprendeu no Projeto Guri.

K- A gente nunca teve condições de pagar aula particular para tocar ou cantar. Eu jamais imaginava que podia tocar violino, mas cantar sempre foi na Igreja mesmo. A N passou no Conservatório da Fego Camargo e ela participa de uma empresa de casamento e quando eles vão se apresentar eles à contratam.

Vocês percebem alguma mudança nela, após ela ter começado a freqüentar o Projeto Guri?

K- Eu acho que ela acabou tendo um objetivo. É um exemplo. Na época que cantávamos na Igreja, a gente não conversava sobre coisas mais pra frente. Um dia queria ser professora, outro dia não sei, pintora ou isso ou aquilo, depois que começou a freqüentar o projeto Guri já tem uma idéia fixa na cabeça. Não fala mais assim: “já pensou se eu for isso”, não, é: “quando eu for isso”, entendeu? Quando eu for eu vou estar daquela forma. Ela já consegue se ver no futuro, mesmo se ela falar assim eu posso conseguir um emprego de vendedora pra eu ser músico mais pra frente, não pra eu ser vendedora pro resto da vida. Então já tem idéia certa na cabeça. E foi tudo tão automático que foi que às vezes nem ela percebeu que ela foi engrenando sozinha. E isso ajuda ela com o namorado. Os dois ficam marcando compasso, cantando. Isto ajuda na relação deles. No entanto quando a gente cantava lá no projeto, o professor dava muita peça em inglês e ela estava começando o curso ainda e ela ficava ouvindo música em Inglês e tanto às vezes ela pode nem saber a tradução, mas ela canta perfeitamente, eu fico abismada, ela fica escutando a música em inglês pra ela cantar. Ela

canta da mesma forma e aí ela chegava no Guri e tirava de letra porque ela já tinha estudado bastante. Então é automático, ela queria estudar aqui pra chegar lá e fazer direito. Ela foi aprendendo sozinha.

C- E, ela acha que nunca está perfeito, ela tem que aperfeiçoar mais, que nem ela fez o teste lá na Fego, chegou aqui brava, chorou e achou que não ia passar. Chegou hoje ligaram pra ela.

K- Ela dizia que tinha ido pessimamente, que ficou horrível, que não sei o que. Foi tão ruim que passou, não é? Imagine se tivesse sido bom! Então até na Igreja, também às vezes eu canto e ela está assistindo e missa, eu pergunto e aí como é que eu fui. Ela diz canta mais um pouquinho assim, ou assim e eu digo “é ela está se achando” e riu.

Vocês acham que essa frequência no Projeto Guri mudou alguma coisa dentro da família de vocês?

C- Você acha K que o Projeto Guri mudou alguma coisa dentro da família?

K- É eu acho que, meu pai na época nada estava bom porque bebia bastante, eu acho que o projeto Guri ajudou bastante porque a gente foi fazer apresentação em lugares que a gente não conhecia e nem imaginava conhecer, então no dia seguinte a gente cantava pra minha mãe e a minha mãe adorava. Mudou o diálogo em casa, principalmente entre eu e a N porque a gente brigava bastante e depois pararam as brigas, não sei se era porque a gente foi crescendo, porque assim como a gente tem diferença de idade, eu ia pra um lado e ela ia pra outro, depois do Projeto Guri nós começamos a ir as duas juntas. Aí a turminha era eu e ela e as amigas dela eram as minhas, então isso ajudou. Então lá na época ela era soprano e eu contralto, então ela segurava o soprano e eu e uma amiga segura o contralto e a gente ficava ensaiando aqui pra passar pras meninas e acabava se unindo, não tinha outra alternativa.

C- Muda a postura, a responsabilidade. O ensaio da música ocupa a cabeça e a N não sei se é o envolvimento com a música que os problemas eu não sei se ela guarda ou não pega pra ela, ela não esquenta a cabeça. Tem horas que até é demais.

Acho que é isso , meninas, quero agradecer a disponibilidade de vocês e o acolhimento que vocês me deram, obrigada.

ENTREVISTA – Família “BACH”

Data da realização da entrevista: 15/02/09 às 15:00 na residência da família.

Participantes da entrevista: E e T.

E- 51 anos- mãe de T – exerce a profissão de babá.

T- 18 anos, sexo masculino, solteiro, frequenta o Projeto Guri há 4 anos.

Obs. T toca violoncelo e frequenta o Projeto Guri há 4 anos e está preste a ser desligado do projeto por causa da idade máxima permitida no projeto. **T** há um ano está aprofundando seus estudos musicais em um Conservatório localizado em cidade vizinha. Ele também participa do grupo musical na Igreja em que frequenta. **T** tem um irmão e duas irmãs que são casadas. **T** mora com **E**. Os pais de T são separados.

Entrevista

T o que você me fala sobre a música?

T- Bem quando eu era mais novo, o ano passado na minha mente eu queria ser músico, a minha vida era a música, eu não queria saber de mais nada além da música, daí surgiram oportunidades que eu não fazia porque, mas agora eu sei que eu poderia continuar estudando e eu poderia ter feito um curso técnico.

T você está dizendo que está sentindo um pouco de dificuldades com relação ao fato de ter se dedicado à música?

T- Sim, eu devia ter ouvido mais a minha mãe, que me pedia para que eu entrasse na guarda-mirim, talvez hoje eu já tivesse um emprego.

T o que é para você talento?

T- Ah! Eu acho que é a gente descobrir aquilo que gosta e aí a gente não se cansa de fazer e quer fazer cada vez mais e se aperfeiçoar.

T o que você considera que é um desafio para você?

T- Para mim é tocar a sinfonia de Bach, eu acho linda e é muito difícil, estou ensaiando e quando eu conseguir tocá-la vai ser como se eu tivesse ganho um troféu. Troféu é a palavra que me vem à cabeça.

T obrigado por me ajudar nessa pesquisa. (T teve que sair por causa de um compromisso)

E como foi que você percebeu que seu filho tinha um talento?

E- Até ele entrar no Guri eu não tinha percebido nada. Porque eu queria muito que ele entrasse, né, no Guri? Eu queria que ele aprendesse música, tinha aula de música na igreja de graça, mas ele nunca se interessava, ele não queria de jeito nenhum, então até aí eu não achei assim que ele não tinha nenhum talento porque ele não mostrava nenhum interesse pela música. Aí quando foi um dia, né, ele ...eu sempre tive muita vontade que ele entrasse no Guri, mas ele não queria de jeito nenhum. Eu queria que ele aprendesse música, então eu via assim os grupos do Guri, sempre que eu vinha do serviço eu via eles passando, né, passear para tocar em eventos, eu achava muito bonito, aí eu chegava aqui e comentava com ele e ele nem dava bola, nem dava bola. Aí quando foi um dia ele chegou e falou: -“mãe eu fiz o que a senhora queria ” aí eu falei- “mas o que?” eu nem pensei que ele tinha se matriculado no Projeto Guri. Ele disse -“entrei lá no Guri para fazer música”, eu falei-“nossa!”, mas eu pensei ele está fazendo porque eu quero eu acho que ele nem vai continuar, mas ele continuou

e aí ele já pediu um “celo” (violoncelo) pra mim e eu falei –“ah! Eu vou comprar sim, vou me esforçar” aí eu tinha muita vontade que ele aprendesse, mas eu perguntei se não tinha um instrumento mais barato, mas ele disse –“mãe, mas eu quero um “celo”, eu disse-“ta bom”, aí eu comprei um “celo” pra ele e aí ele mostrou muita vontade, continuou no Guri e já entrou nesse negócio da Fego (Conservatório musical localizado em cidade vizinha). Ele está no Projeto Guri desde os quatorze anos, hoje ele está prestes a sair por causa da idade. Quando ele entrou lá na Fego, eu achava que era muito difícil porque lá é pago e eu não tinha condições de pagar. Ele chegou pra mim e falou- “eu vou fazer matrícula na Fego”, eu falei, - “mas como eu não tenho condições de pagar”, ele disse,-“mas eu vou fazer” eu disse, -“ Ah é mas quem vai pagar?” eu disse –“eu não tenho condições” eu já estava separado do pai dele e eu pensei como é que eu ia fazer. Ele falou –“Faz assim, a senhora vai lá e faz a ficha pra mim que eu vou falar com o meu pai pra ele pagar”, eu pensei, -“mas e se ele não pagar, vai cair tudo em cima de mim” aí eu disse –“Ai Jesus tenha misericórdia” eu fui pela fé né! Aí fez a matrícula da Fego, aí de repente ele disse –“Ah! Mãe o professor falou pra mim, me deu um papel pra eu preencher e conforme se for aprovado eu vou ganhar uma bolsa” assim umas duas semanas que ele entrou. Eu já estava pensando como eu ia pagar aquele mês, porque eu sabia que o pai dele não ia pagar, então eu tava contando comigo, né? Como é que eu vou pagar, tanta coisa pra mim, aí eu falei –“ah! Ta bom então você preenche o papel eu assino, mas, quantos dias vai?” ele deu a resposta “a semana que vem ele já dá”, aí na outra semana ele chegou aqui e disse –“mãe ganhei a bolsa” e eu disse –“mas eu não precisar pagar mais?, ele disse –“não” aí eu agradei a Deus e ele está lá até hoje. A única coisa que eu pago é o vale transporte.

E o que você considera que é importante pra você educar seus filhos?

Ah! É conversar bastante, não fazer muita pressão, eu acho assim, sempre orientando ele pra não parar de estudar, saber com quem anda. Eu acho que o estudo é muito importante, é alguma coisa assim pra eles empatar assim o tempo. Eu acho que tudo isso é muito bom na educação. Ele não tem muito tempo assim pra coisas erradas, né? Pensar coisas ruins pra eles. Hoje em dia está muito difícil pra gente criar um filho. Eu acho assim, eu sempre trabalhei e meus filhos ficaram sempre sozinhos, praticamente sozinhos e sempre precisei trabalhar e deixar eles, então pra mim eu acho muito difícil, porque já é um meio deles se envolverem com outras pessoas, entendeu? Com companhias ruins. Eu já acho assim então o que eu posso fazer eu faço, eu converso bastante e acho assim que a dificuldade pra educar um filho é muita droga, muito má companhia, nas escolas, que nem esse negócio do Projeto Guri é uma coisa muito boa que fizeram pros filhos, né, porque você vê nas escolas tem drogas, só quem não quer aprender alguma coisa né, porque hoje nós temos o Projeto Guri, a Escola da família, porque isso pode ocupar aquele tempo vago, pra não pensar besteira. Eu me preocupava muito com **T** porque o outro meu filho já é meio perdidinho. Ele ficava muito sozinho em casa, só com a minha filha, eu trabalhando e a minha filha deixava ele muito a vontade, então ele ficou muito a vontade, direto pra rua, então por isso é que eu me preocupava muito com o **T** eu queria muito que ele tivesse uma ocupação no período em que ele não estava na escola, justamente pra ele não seguir o mesmo caminho que o outro filho, né? E graças a Deus ele encontrou o Projeto Guri. Ele até hoje nunca foi um menino de rua, porque no tempo que era pra ele ir pra rua ele estava ocupado no Guri, entendeu? Quando ele chegou naquela idade de estar indo pra rua, os coleguinhas chamando ele não estava em casa ele estava lá no projeto Guri então pra mim isso foi muito bom!

Hoje o que você percebe que acontece na rua?

E- Nossa! Criança pequena assim, ah! Sei lá você vê criançadinha pequena assim tudo já usando drogas, eu me preocupo muito. E isso é uma coisa que você não pode evitar, então aquilo que a gente pode fazer pros filhos da gente pra ele não ir pra rua e não se desviar do caminho, mas ficar ocupado ali. O tempo dele ele se ocupar com a música, com alguma coisa positiva, também eu não queria que ele fizesse uma coisa que eu quisesse, eu queria que fizesse uma coisa que ele quisesse porque aí ele ia se envolver mais porque no caso assim se ele fosse fazer alguma coisa que eu quizesse da minha vontade só ele não ia continuar. Ele ia começar e parar. Ele falava que não ia que não tinha vontade então eu falava –“ta bom, não vai então!” mas eu sempre pedindo a Deus que abrisse a mente dele pra que ele seguisse alguma coisa boa.

E, quais a crenças e valores que você procurou e procura passar para os filhos?

E- Ah! É tanta coisa boa que eu quis e quero principalmente assim estudo eu queria que todos eles estudassem e não parassem de estudar porque eu já ralei muito assim na vida, então eu não queria que meus filhos passassem pelo que eu já passei. Eu queria que eles tivessem uma vida melhor pra não passar o que eu já passei e falta de estudo né. Eu não tive oportunidade que meus filhos têm porque eu morava na roça e lá era muito difícil porque lá só tinha a primeira série e o resto tinha que ir pra cidade e meus pais não deixavam, os pais de antigamente prendiam muito os filhos e não deixavam estudar na cidade quando o pai queria já vinha outro amigo e dizia –“pra que estudar” e não incentivavam, quando ia um professor lá na roça ele queria cobrar e o meu pai não tinha condições de pagar, entendeu? Então foi difícil pra gente. Tinha escola de graça, mas era na cidade e era longe, pra estudar na cidade tinha que ficar morando lá e não tinha como a gente ficar na cidade e morar na roça.

Então você está dizendo que gostaria de passar pra eles aquilo que você não teve que era o estudo.

E- Sim eu queria que eles se orgulhassem daquilo –“estudei, consegui”, eu tinha, eu queria que eles estudassem, eu falei com os outros mais velhos e ninguém quis, né. Os três pararam, um na sexta série, outro na quinta e nenhum foi pra frente só o T que está indo graças a Deus. Está indo pra frente, por isso que às vezes eu me sacrifico por ele, porque eu vejo que ele tem força de vontade.

Esse interesse que você vê nele, diferente dos outros irmãos o que você atribui?

E- Eu não sei. É tipo assim eu acho que ele acompanhou um pouquinho da minha vida assim. Eu acho que isso é mais dele, se não fosse também ele não ia. Eu acho que também vê um pouquinho o meu lado, o meu sacrifício, eu acho que ele vê os irmãos que não conseguiram, hoje ninguém tem nada. Eu falo pra ele –“não faz que nem o seu irmão que parou de estudar, não pare de estudar porque se a gente quiser ter alguma coisa na vida a gente tem que ter estudo, sempre estou mostrando isso pra ele, eu digo –“porque que eu tou ralando até hoje” não tive a oportunidade que você tem, pra todos eu passava isso, mas ninguém deu ouvidos, então eu acho que é da parte dele mesmo que acatou o que eu falava.

E quais momentos que você considera que é difícil pro T?

E- É tipo assim às vezes eu acho que ele tem vontade de fazer muitas coisas assim, eu não tenho assim condições tem horas que eu percebo que ele acha que tem um obstáculo muito grande e aí eu tenho que falar com ele- “não você tem que ir devagar”, às vezes ele quer fazer uma coisa então ele chega pra mim e fala –“mãe eu queria fazer uma coisa como uma faculdade” (nossa ele quer demais!) eu digo eu também queria muito que você fizesse, mas eu não tenho condições, então ele não tem um emprego então parece que ele vê aquele obstáculo

dentro dele, parece que a gente está enxergando que ele acha aquilo difícil, é onde eu tenho que conversar com ele e eu digo –“não T você tem que ir devagar, você tem que arrumar um emprego, pra depois pensar nisso, porque eu não tenho condições. E parece que é uma coisa assim que ele quer fazer naquela hora, Então eu você não pode parar, continua com esse pensamento você tem que lutar pra isso, né? **Parece que você ensina pra ele que existe outros caminhos, você não pode pagar, mas depois que ele tiver um trabalho ele pode pagar as suas despesas.** É isso mesmo. Eu não posso criar uma ilusão pra ele porque senão ele vai ficar cobrando isso de mim.

E como é pra você não poder realizar esse sonho do filho?

E- Ah! É muito difícil... Eu busco forças pra incentivar ele pra ele não parar. Se eu tivesse tido o incentivo dos meus pais talvez eu tivesse continuado hoje, né? O pouquinho que eu aprendi foi por força de vontade minha.

E essas situações que você me falou que o T às vezes sente dificuldades de superar e ir além você me falou um pouquinho de como você ajuda ele a enfrentar que é conversando e mostrando pra eles outras possibilidades pra ele não ficar só com um visão estreita?

E- Inclusive então na Fego ele então não queria saber de mais nada, só a música. Eu vivia falando pra ele, eu quero que você seja um músico, mas eu quero que você arrume um emprego, eu vivia conversando com ele, na boa. Pra você ser um músico de carreira você precisa ter dinheiro, eu não tou querendo que você saia, mas eu quero que você não fica dependente de mim ou dos outros, porque a única pessoa que ele pode contar mesmo é comigo, então eu não tenho condições, Aí ele chegava e dizia –“ah! O fulano foi pra não onde” então eu dizia –“é que ele tem dinheiro, filho” ele falava pra mim assim como se ele

quisesse estar ali. Aí eu dizia pra ele, você estuda, muda o horário da música, mas você tem que ter um emprego. Ele não queria saber, então quando foi agora que está fazendo dezoito anos ele, eu falo, mas eu peço muito a Deus pra falar na mente dele, porque só a gente falar não adianta. Às vezes a criança acha que a gente está falando porque não quer que eles continuem com o que gosta, mas não é, então quando eu começo a falar e ele diz “-para!” eu então paro de falar e digo –“então tá bom, não vou falar mais depois você vai ver” Aí ele começou a enxergar, eu falo –“T é muito ruim a gente ficar dependendo de um de outro dependendo de pai de mãe, de irmão, é bom a gente ter o dinheirinho da gente. É tão bom você trabalhar, receber o seu salário e saber o que você vai fazer com ele, né? Não ter que dar satisfação pra ninguém, eu sempre vou conversando com ele. Agora ele está enxergando, ele vai na Fego, mas desistiu de dizer que só quer ser músico, agora ele fala eu quero arrumar um emprego.

Você acha que o campo música hoje profissionalmente, ter a música como profissão mesmo?

E- Ah! Eu não sei eu acho assim que a música é difícil se manter só com a música. Uns dão valor outros não dão, sabe? Ele não pode viver só da música, ele tem que ter um meio pra ele se manter, porque nem sempre alguém vai te convidar pra tocar em algum lugar.

Quando você pensou nele indo pro Projeto Guri você não pensou nele como um profissional?

E- Não como um profissional, mas pra ele não estar na rua e justamente por que eu gosto da música, eu acho bonito então eu queria que ele aprendesse, mas não pra ele sobreviver com a música, mas aí ele já estava gostando tanto que ele já achava que ele iria ser músico.

E o seu pai você me disse que ele tocava acordeon, ele dependeu da música pra sobreviver?

E- Não, ele era lavrador e tocava quando chegava em casa. Ele aprendeu sozinho e tocava porque gostava mesmo.

E qual é a sua percepção em relação ao Projeto Guri?

E- Eu acho que é um meio de tirar a criança da rua. Deles aprenderem uma profissão, deles aprenderem alguma coisa boa. É um meio da criança empatar o seu tempo.

O Projeto Guri correspondeu as expectativas que você tinha?

E- Ah! Sim, foi uma preocupação a menos que eu tinha com o T.

Você acha que o fato do T ter ido pro Projeto Guri o que pode ter mudado na vida dele?

E- Eu acho que se ele não tivesse ido ele ia ter muito tempo pra pensar bobagens. Ele ia correr o risco de não estar onde está hoje. Ele ia querer sair pra rua, encontrar com um amiguinho.

Para ver se eu entendi você me contou que T estudava um período na escola municipal e no outro ele ficava em casa. Você tinha a preocupação com o tempo ocioso dele, e você sempre lhe falava sobre o Projeto Guri, mas ele não queria saber, então um dia ele se matriculou no Projeto Guri para te agradar, mas depois que começou a freqüentar ele começou e se envolver com a música e pode perceber que tinha um talento musical. Esse foi o caminho que T percorreu para chegar ao projeto Guri?

T- Sim, foi assim mesmo.

O que significa pra você talento?

E- Ah talento eu acho que é a mesma coisa que dom, alguns tem talento pra uma coisa, outros tem pra música. Eu acho que é tudo aquilo que você tem vontade de fazer e aí você pega e faz, e quanto mais você faz você mais gosta. **E o seu talento como você percebe?** Ah eu acho que o meu ficou enterradinho, eu sempre gostei muito de música, até entrei na igreja pra aprender, mas parei. Eu acho que a pessoa não pode parar, ela tem que continuar aprendendo e aprimorar.

O que você considera que foi importante que contribuíram pra identificar o talento no T.

E- Eu acho que foi o Projeto Guri através dos professores que perceberam e incentivaram ele e ele foi gostando muito.

E que coisas que você percebe que o T faz fora do Projeto Guri em função dele saber tocar?

E- Ele toca na banda da igreja, ele fica mais incluído e mais valorizado no seu trabalho, eles vão tocar em alguns lugares fora e eles o convidam então é uma coisa boa. Ele também está na Fego. Ele ficou mais responsável, mais pontual o horário dele é sagrado.

Como ficou a família depois que o T começou a freqüentar o Projeto Guri.

E- Ele toca pra família e isto está incentivando a minha neta que também quer aprender música. A minha filha também adora ouvir o T tocar. Esta minha filha queria aprender tocar piano, mas não foi pra frente.

E, eu gostaria de agradecer muito a sua disponibilidade para essa entrevista.

Entrevistas realizadas com os técnicos do Projeto Guri

ENTREVISTA – T 1

Data da realização da entrevista: 27/11/08 às 15:00 na escola onde o Projeto Guri desenvolve suas atividades.

Participante da entrevista: T1.

Idade: 36 anos

Profissão: instrutor regente

Obs.: T1 trabalha há 3 anos no Projeto Guri e há 24 anos desenvolve atividades musicais com crianças e adolescentes.

Entrevista

O que você considera que é talento?

T1- O talento é quando eu estou ensinando alguma coisa pra criança, por exemplo:-isso aqui é o Dó e toda aula a gente fica repassando isso pra ele pra ele guardar onde fica o Dó. A criança que já tem talento ela já gravou e na próxima aula se você perguntar pra ela, ela já sabe. O que que é o talento, ela já tem uma facilidade e já vai comparando as notas. A gente costuma dizer que já está no sangue, quer dizer já está ali dentro, basta alguém puxar direitinho, não é? Talento é um dom e ele precisa ser trabalhado. Ele pode ter talento e pegar todos os instrumentos e tocar alguma nota, mas se não for aprendido ele nunca vai toca bem. Mesmo ele tendo talento ele precisa ser trabalhado como qualquer outra criança. É preciso ensinar as notas corretamente, não é porque ele tem um talento que ele já é um músico. Ele tem um talento e esse talento vai ajudá-lo a se sobressair, igual eu tenho duas alunas ali, que tocam

clarinete, as duas da mesma faixa etária e entraram no mesmo dia. Chegaram sem nem saber pegar numa clarinete, hoje tocam maravilhosamente bem. Uma tem clarinete em casa, a outra não. A que não tem instrumento em casa está tocando melhor que a que tem. E elas tem o mesmo tempo de aula. Estão aprendendo as mesmas coisas, então uma tem talento. A outra também está pegando, mas ela está indo mais rápido.

Como é que vocês fazem para identificar esses casos?

T1- É a facilidade que o aluno tem para assimilar. Às vezes o aluno assimila muito a leitura musical, aí chega na hora do instrumento ele diz-“Ah! Eu quero aprender sax”. Aí chega na hora do saxofone, ele não consegue tocar o saxofone, ele não consegue aprender. Daí a gente fala porque você não pega um clarinete ou uma flauta transversal, pronto aí ele vai embora na música. Então tem essas percepções que nos instrutores e professores temos que ter. Igual muitas mães falam, a minha filha vai ser bailarina, é o sonho da mãe, às vezes o talento delas é ser jogador de futebol, O sonho é da mãe então a família também tem que ter essa percepção. Eu tenho três filhos. Eu tenho um garoto e duas meninas, então a gente tem que passar pra elas o que a gente sabe, então uma delas pode ter um talento e abraçar aquilo e sobressair. A minha filha de 16 anos ela nunca dançou no ritmo. A minha filha de três anos ela já dança no ritmo qualquer música, ela monta a coreografia dela, ela canta afinada já. Eu estava fazendo uma aula de gaita e eu não estava conseguindo fazer uma lá e ela disse: “papai, é assim“. Ela estava brincando e de repente ela se levanta e toca a nota que eu não estava conseguindo, então eu percebo que ela já tem um talento ali. É preciso apresentar um leque ali e aquele talento que está ali dentro é que vai sobressair. Eu dou aula em grupo então eu preciso estar atento ao som que eles tocam pra ver se eles estão conseguindo pegar todas as notas da melodia, aquele aluno que tem talento ele já percebe variações e pergunta se pode

fazer desse jeito ou de outro, ele vai além. Então aqui a gente vê muito disso e às vezes a gente acaba até aprendendo com eles.

Como que você percebe a participação da família na emergência dos talentos de seus alunos?

T1- Aqui nesse Pólo eu tenho pais que dão muito valor, que incentivam, que perguntam como os filhos estão se saindo. Eu dou aula em outros pólos e vejo que tem crianças que vão porque elas querem porque o pai briga pra não ir e dizem que música é coisa de vagabundo. Às vezes aquela criança tem talento, é o melhor aluno dentro da sala de aula e o pai não quer deixar ela vir. Ele tem que levantar as quatro horas da manhã pra tirar leite da vaca e para aprimorar aquele talento ela às vezes precisa ir contra o pai. Às vezes é muito difícil. A falta de cultura do pai atrapalha o filho, mas são poucos assim. Em geral os pais gostam, eles vão nas apresentações. É as vezes a cultura da cidade.

De que forma que você acha que a emergência dos talentos pode contribuir para a inclusão social das crianças e adolescentes?

T1- Ah! Muito, muito. Eu vejo aqui aqueles alunos que se sobressaem mais eles vão ajudar os amiguinhos que não estão conseguindo. Às vezes eles nem se conhecem, nem moram na mesma rua, mas são solidários uns aos outros. Eu dou aula de canto coral no outro Pólo, então também eu divido em grupo de vozes, 1ª voz, 2ª voz. Aí você vê ali crianças de 7, 8 anos de idade em um grupo de crianças de 14, 15 anos e eles conversando a mesma língua. A música é uma terapia, ela é tudo isso. A música propicia maior percepção, raciocínio lógico, matemático. Eu vejo por mim, eu não estudava matemática, mas só de prestar atenção na aula eu conseguia me sair bem. Eu comecei a estudar música com 5 anos de idade, eu era um pouco hiperativo e canalizei minha energia para a música. Tem mães que vem aqui e dizem -

“meu filho é doente, você não percebeu?”, eu digo que não que o que eu percebi é que ele é muito inteligente. Elas dizem, “mas os professores reclamam que ele não presta atenção na aula”, eu digo “não é que eles não prestam a atenção na aula é que eles precisam de um jeito para tratá-lo, eles são hiperativos e hiperatividade não é doença. Eles são muito inteligentes, eles só conseguem parar se der a eles alguma coisa interessante, se não der ele não vai parar, ele já aprendeu, ele já sabe. Eu sou hiperativo, eu dei trabalho quando era criança, corria, quebrava as coisas, tanto que com 5 anos eu fui parar num colégio interno, mas lá eu encontrei a música e música é harmonia. Na música você tem que tocar em grupo, harmonicamente, você não pode se sobressair, você não pode tocar mais rápido do que o outro, não pode apressar, tem um andamento certo, você tem que obedecer o maestro, prestar atenção no instrumento então é preciso ter atenção. A criança também às vezes chega aqui desvalorizada, onde o pai já a desvaloriza, a escola não reconhece seu valor então ela às vezes chega com a auto-estima lá embaixo. Às vezes eu sou até criticado na minha maneira de dar aula, porque eu sou muito brincalhão, O aluno entra na sala de aula e ele esquece que ele está dentro de uma sala de aula, ele esquece até de ir embora porque ele diz “mas já deu o horário, professor, mas eu quero ficar mais” então eu quero que ele esqueça um pouco os problemas que estão lá fora, pra ele poder aproveitar mais aquilo que ele tem de bom dentro dele.

Professor, muito obrigado pela sua colaboração, você já contribuiu bastante para essa pesquisa.

ENTREVISTA – T 2

Data da realização da entrevista: 27/11/08 às 16:30 na escola onde o Projeto Guri desenvolve suas atividades.

Participante da entrevista: T2.

Idade: 37 anos

Profissão: instrutor regente

Obs.: T2 trabalha há 2 anos e meio no Projeto Guri e há 8 anos desenvolve atividades musicais com crianças e adolescentes.

Entrevista**De onde vem o seu gosto pela música?**

T2- O gosto musical vem de família, meu pai tocava no conservatório Villa Lobos em São Paulo e quando veio pra cá montou uma Banda. Minha mãe toca acordeon e bandolin. Meu avô tocava violão. A minha família é muito musical. Eu sou regente também da Banda Eutepe da cidade. É uma banda que tem subsidio da prefeitura.

O que significa pra você talento?

T2- Olha, talento é um dom que uma pessoa consegue destacar entre outras, isso em tudo, né, medicina, advocacia, em tudo, né? ele consegue sobressair, apesar que todos podem estudar igual, ter o mesmo professor, ele consegue sobressair acima de outros. A gente chama de virtuoso. As pessoas que conseguem sobressair dentro da música a gente diz que são os virtuosos.

Como que você acha que o talento pode ser expresso, manifestado?

T2- Bem, a pessoa já nasce com talento dentro dela, na verdade o que acontece é que essa pessoa precisa desenvolver esse talento. Como, primeiro ela precisa saber que ela tem isso dentro dela. E pra saber que tem isso dentro dela é preciso que tenha alguém que consiga soltar isso dentro dela. E como? através de projetos, todos esses projetos que estão por aí, projetos de música, capoeira, projetos de esporte, né? A criança porque eu digo a criança porque quando passa dessa fase fica um pouco mais difícil pro adulto. Então, através dos projetos a criança pode descobrir aonde está o talento dela . Na verdade, todos nós temos talento dentro de nós. Temos que descobrir qual.

Parece que é isso que vocês fazem aqui, né?

T2- Com certeza! É o que a gente tenta fazer.

O que você considera que foi importante para identificar o talento musical de seus alunos?

T2- Logo de cara assim, você chega e você já vê que aquele aluno tem talento. A primeira vez que o aluno pega o instrumento, toca, você já percebe, primeiro, a facilidade de aprendizado. Aquilo lá o que você fala, isso você já mostra a sua facilidade de aprendizado, o fato é que ele tem talento pra música, mas ele pode não ter talento pra música, mas ter facilidade pra matemática, português, alguma coisa ele tem. Aqui, por exemplo, logo no início você vai introduzir o instrumento nele, você passa algumas informações básicas, daí o normal, por exemplo, de uma criança aprender é supor um mês e ele pega em duas aulas, você começa a notar que ele tem talento, ele tem algo diferente das outras. Então em poucas aulas você já percebe uma diferença dela em relação aos outros, ela assimila muito rápido.

O que você considera que é importante para desenvolver um talento?

T2- Pra mim, é informação, porque quando a criança tem a facilidade de absorver isso e pegar rápido então quanto mais informação você começa a jogar, mais ela vai pegando, e você tem que tomar cuidado com isso porque ela começa a se distanciar muito da turma, porque nós trabalhamos aqui no projeto com três turmas, então a criança entra ali e com duas aulas ela já está com nível da segunda turma, então você tem que passar ela, mesmo que ela não esteja totalmente adequada, mas como ela aprende rápido logo ela já vai para a terceira turma, a gente não pode segurar porque senão desmotiva. Então é informação, porque quanto mais informação possível, você precisa ver aonde ele quer chegar, ele está indo rápido demais. Então quanto mais informação e você nota nos talentosos que eles têm sede de informação. É uma coisa nata.

Como que você percebe a participação da família na emergência dos talentos musicais de seus alunos?

T2- Olha, isso é bem relativo, algumas famílias ajudam prontamente, inclusive incentivam, vão lá, até compram o instrumento, dão total apoio, outras, infelizmente às vezes até querem mas não têm condições e outras não têm nem aí mesmo, às vezes até tem condições, mas infelizmente não estão nem aí mesmo. No Brasil as pessoas vêm a parte musical como um hob e não como uma profissão, e não valorizam, então não. Eles falam que é só para não ficarem na rua, mas não pensam que com o talento que aquele menino tem, eles podem simplesmente serem profissionais, estar nas grandes orquestras brasileiras, né? podem ganhar muito dinheiro, até mais que os próprios pais. Realmente um virtuoso vai poder ganhar muito mais.

O que você percebe que a música propicia para esse aluno? Quais os efeitos que você vê que decorre da música?

T2- Olha, a música traz muita atenção, criatividade, primeiro você vê a alegria, a primeira coisa que eu também fico muito feliz é de perceber que o aluno está aprendendo. E a criança ela fica feliz quando ela percebe que está conseguindo tocar um instrumento, essa alegria é que é a coisa maravilhosa, tanto do aluno quanto do professor também. Porque você percebe que ele está tocando e isso faz com ele queira mais, queira mais, queira mais.

Então você percebe que as famílias, algumas participam, outras não.

T2- É tem muita variante. Tem muita diferença de grau de condições financeiras, mesmo estando o projeto situado em lugar que a maioria tem condições baixas, vem alguns que tem condições um pouco mais que os outros, mas dependendo do lugar que o Pólo está, geralmente os pólos já são implantados nesses lugares mais carentes porque a maioria das crianças ficam na rua porque não podem entrar num curso de inglês, não podem entrar numa natação. Daí o que acontece, eles colocam os pólos nesse lugar que é pra ajudar essas famílias, né?

De que forma a emergência dos talentos musicais contribui para a inclusão social dos alunos?

T2- Ah nossa, aquilo que nós estávamos falando, essa manifestação dos talentos deles pode abrir um mundo pra eles, deles saírem conhecerem outras coisas, como eu falei, quando eu terminei um curso lá em Tatuí, eu vi que tinha muita gente de fora, que foram aprender outras coisas, então isso abre porque ele pode ajudar a família, uma casa melhor. Eles podem ter mais objetivos na vida, por exemplo tocar numa banda militar e seguir uma carreira militar porque ele se ficasse ali ele provavelmente iria trabalhar atrás de um balcão, num bar. O campo da música é vasto, ele pode tentar outras coisas na área do som. A gente tenta abrir a

cabecinha deles pra que eles tenham uma vida melhor. Eu tive alunos que começaram do nada e que hoje estão bem, tive um aluno que está tocando na Banda sinfônica do Estado de São Paulo, outro foi tocar trompete em Portugal. Foi aberto um novo caminho e agora eles ajudam os pais, mandam dinheiro, né? Através dos projetos. È assim que funciona, né? Então se não tiverem esses projetos como vai achar essas pessoas, a pessoa acaba oprimindo seus talentos e muitos se frustam porque não gostam do que faz e não procuram melhorar e acabam também atrapalhando, porque ele tá ali por que tá e desmotivam outras pessoas. Por exemplo um professor de matemática que está ali por está, vai dar aula e dá aquela aula meia boca e acaba desmotivando o rapaz na matemática e acaba enterrando o talento. Se a pessoa encontra a sua vocação ela amplia para si e para os outros. Ela acrescenta. Porque por exemplo nós temos alguns exercícios que são chatos de se fazer, são muito repetitivos, mas tem que fazer, então a gente tem que fazer uma brincadeira para motivar, uns jogos. É um jeito de despertar a criança. Por que às vezes a criança vem pra cá, os pais estão trabalhando, ela está sozinha em casa e os pais a obrigam a vir, mas ela vem e acaba gostando. Pode ser que tenha muitos alunos, mas se um emergir a gente já fica feliz porque esse já vai fazer a diferença. Tudo que a gente faz com amor dá resultado. E quando a gente vê um aluno se destacar e ir em frente, a gente pensa -"estamos no caminho" e isso nos motiva também. Tem criança que vem aqui e às vezes até já saíram do projeto e voltam para nos dar um abraço.

Vocês acabam sendo referência pra elas. A gente vê crianças que até não tem talento para a música, mas ela vem porque precisam estar na companhia de alguém que a valorize, que lhe dê atenção. A música pela questão da sensibilidade faz com a gente possa entender melhor o ser humano. Até brinquei outro dia com uma menina que no primeiro dia de aula não me deixou dar aula, parei e lhe dei atenção e só então consegui dar aula. Às vezes eles chegam aqui muito carentes de atenção e de serem valorizados.

Parabéns professor pelo trabalho e agradeço muito a sua colaboração nessa pesquisa.

ENTREVISTA – T 3

Data da realização da entrevista: 27/11/08 às 18:00 na escola onde o Projeto Guri desenvolve suas atividades.

Participante da entrevista: T3.

Idade: 33 anos

Profissão: instrutor regente

Obs.: **T3** trabalha há 8 anos no Projeto Guri e há 8 anos desenvolve atividades musicais com crianças e adolescentes.

Entrevista**Há quanto tempo você desenvolve atividades musicais com crianças e adolescentes?**

T3- Desde que entrei no Guri, faz 8 anos. Eu comecei a desenvolver atividades musicais dentro do Projeto Guri.

O seu gosto musical vem como?

T3- Ah vem de família, né! Meus tios são músicos. Em cada parente meu tem um músico. O L (instrutor regente do Projeto Guri) é meu tio. O T supervisor hoje é meu cunhado. A família tem uma veia musical. Quando é final de ano e a gente se reúne a gente forma uma mini orquestra só na família.

O que significa pra você talento?

T3- Talento é um dom.

Como que você acha que ele se expressa?

T3- Ele precisa de algo para se expressar. As oportunidades. Tem muitos talentos ai que estão esquecidos. Você precisa detectar o estilo dele porque você não pode desprezar aquele estilo dele.

Através daquele estilo é que você motiva ele. A partir daquilo ali é que nós ganhamos ele. E daí nos dizemos:- Oba! vamos caminhar com todo seu estilo, porque daí ele passa a gostar também e a fazer parte.

Você tem algum exemplo desse estilo?

T3- Por exemplo o bairro aqui é muito carente, qual que é o perfil deles aqui, é muito difícil no violino no começo querer ensinar Beethoven aqui, então qual que é o estilo deles aqui, pagode, Funk. “- posso tocar pagode no violino?”, eles perguntam. Pode! não posso menosprezar, mas na escola de violino tem que conhecer outros estilos e depois eu vou vendo com ele o que fica melhor, o que combina mais com violino? Não posso desprezar a sua cultura. De maneira nenhuma eu desprezo a cultura dele porque é o meio em que ele vive. Se eu chegasse aqui e dissesse “- violino só vamos tocar clássico, erudito, eles desistem. Se abrir um Projeto de samba aqui do lado, eles vão tudo lá. E tem outro caminho também, você falar pagode com violino, Depois eles vão visitar o teatro em São Paulo, porque São Paulo, porque lá já é o meio daquilo ali e aí eles começam a enxergar outras coisas e começam a ampliar o olhar, é outro horizonte. Depois qual é o caminho? Porque o Guri tem uma meta, né! chega ali ele não passa mais. Porque é um projeto social. A partir dali ele muitas vezes pergunta pra onde eu vou e aí Ah! Tem a Fego Camargo. Chegando lá eles dizem que vieram do Projeto Guri, a turma já conhece e muitos deles vão embora.

O que você considera que foi importante para identificar e desenvolver um talento?

T3- Identificação, logo no começo a gente já vê. A turma nossa é formada por quinze alunos. Quinze violinos, quinze violas, etc, eles começam todos juntos. Na primeira semana tá todo mundo junto. A primeira aula ele já tem um instrumento na mão. Passado uns dias, por exemplo, eu digo:”- 2ª corda“, tem gente que nem olha e já sente a nota e já encontra a 2ª corda. E aí ele já quer fazer a 3ª e assim vai. Também tem aqueles que a princípio não entende nada, não acha as cordas e de uma hora pra outra, dá um estalo nele. Tem outros que por mais que você ensine ele não vai. E você vê que não vai, não vai. Às vezes eles chegam com muito problema de casa e aí você conversa, tal, mas nos primeiros dias de aula você já vê. Tem crianças que vem e encontra aqui um lugar que ele muitas vezes não tem em casa e aí ele vai melhorando. Eles conversam e quando eles se abrem com a gente. Aqui o bairro é um bairro violento. Eles saem de casa e vem prá cá e eles falam: “- Mas já acabou?” Parece que alguns não querem ir pra casa e a gente pergunta cadê o seu pai, -”Ah! O meu pai tá preso”. A gente tem que saber falar com eles, não falar na frente de todo mundo para que ninguém note. Pra ajudar a desenvolver a gente tem que perceber e ajudar aqueles que estão mais devagar porque também a gente não pode segurar os demais. Aqueles que estão indo rápido demais precisam ser mais desafiados para não se desmotivarem. Você precisa trabalhar de várias formas.

Como é que você aprendeu a usar essas estratégias de ensino?

T3- É mas são oito anos de trabalho, né! Fiz curso em São Paulo e levamos as crianças pra lá e pra cá para se apresentarem, tudo isso vai dando experiência. A gente vai vendo o que eles precisam mais no dia a dia de aula.

Você está dizendo o que você sente seus alunos no dia a dia, não é?

T3- É isso mesmo, não está nada no papel, é na experiência com eles. E gente trabalha assim, no ano que vem alguns alunos vão trabalhar, outros saem porque atingiram a idade máxima permitida e vai formando outra turma para completar aquela. E antes deles saírem de férias nós já agendamos uma apresentação pro ano seguinte para motivá-los mais, porque senão muitos não voltam. Alguns dizem “Ah, professor no ano que vem vou fazer aula de dança terça e quinta (que são os dias do ensaio no Projeto Guri), nós dizemos pra eles, “-não, procurem marcar as aulas de dança na quarta e sexta e assim nós vamos ajudando eles a planejar sua vida também. O ensino da música abrange várias coisas, como a disciplina, a persistência.

Como que você percebe a participação da família na emergência dos talentos de seus alunos?

T3- A gente vê famílias empenhadas em ajudar o filho, eles correm atrás pra tentar conseguir os instrumentos porque o Guri tem os instrumentos, mas eles não podem sair daqui. Acompanham nas apresentações. Outros não. A gente pergunta para os alunos porque eles estão fazendo música? porque às vezes eles vão fazer por causa dos pais, Os pais é que querem fazer, às vezes é o pai que gosta. Aí tem alunos que não querem fazer e quando eles não querem é mais trabalhoso.

Você percebe que tem pais que não apóiam, não incentivam?

T3- Tem. No Brasil a música não é tão valorizada. Nos países de fora, a música faz parte do currículo da escola. Música é cultura, temos uma valorização dos instrumentos bateria e violão e os alunos procuram no início por eles. Eles nem sabem que existe, por exemplo, o violoncelo. À medida em que eles começam a frequentar a escola é que eles vão descobrindo os instrumentos e depois eles aprendem a gostar e aí pedem até para guardar vaga no

violoncelo. Isso acontece direto. Antigamente toda cidade tinha sua banda de música que tocava no coreto, hoje não tem mais. Agora foi aprovada uma lei que a música vai voltar a ser ensinada nas escolas. Taubaté toda escola municipal tem a sua banda, é bonita, tem concurso. Aqui não se tem aquela visão do benefício que música pode trazer.

De que forma que a manifestação dos talentos musicais nas crianças contribui para a inclusão social?

T3- Esse bairro aqui é às vezes mal visto, né? Quando as crianças apresentam, as pessoas perguntam de onde elas são e quando sabem que é lá do bairro eles ficam espantados e então eles começam a ver as crianças de forma diferente. As crianças aprendem a se comportar melhor. Eles aqui aprendem a se comportar no ônibus, a forma de comer de se alimentar. Eles saem para se apresentar em grupo e aprendem também a se comportar bem. Por meio da música eles aprendem disciplina, aprendem a se divertir

Tem mais alguma coisa que você gostaria de colocar?

T3- Eu acho importante a divulgação do projeto porque muita gente não sabe da existência desse projeto na cidade. Acho que a divulgação ia ajudar bastante. Tem pessoas que se surpreende com o projeto e ele está aí há oito anos. Devia ter uma placa na entrada do bairro indicando o caminho. O Projeto é bem elaborado, temos uma equipe bem legal, Mas projeto é assim mesmo, é um projeto social e nós temos que contar com o a gente tem. Dificuldades são inúmeras, mas a gente tem que trabalhar com o que a gente tem e é possível fazer um bom trabalho.

Professor, agradeço a sua colaboração.

ANEXO

A – PROTOCOLO DE PESQUISA DO COMITÊ DE ÉTICA



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP

Protocolo de Pesquisa Nº 045/2007

Programa de Estudos Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP

Orientador(a): Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveny

Autor(a): Silvia Regina Ferreira Negrisola

Parecer sobre o Projeto de Mestrado intitulado *Manifestação de talentos em situações de risco: um estudo qualitativo da resiliência psicológica no contexto familiar e na rede social*


Em conformidade com os critérios da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), a relevância social, a relação custo/benefício e a autonomia dos sujeitos pesquisados, foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

No nosso entendimento, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

Face ao parecer consubstanciado elaborado pela Sra. Profa. Dra. Marlise A. Bassani, o parecer do Comitê é favorável à aprovação do projeto.

São Paulo, 27 de abril de 2007.


Prof. Dr. Paulo Edgar Almeida Resende
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP